A CIDADE PARA LÁ DE LISBOA (NAS PÁGINAS 8 E 9)

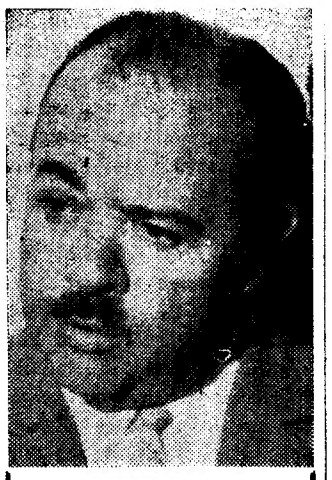
Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
TERÇA-FEIRA, 12 DE AGOSTO DE 1969 N.º 16 755 ANO 49.º UM ESCUDO

ATENÇÃO
A MOSCA
PICA AOS SÁBADOS

CONSTITUI UM ÊXITO A CAMPANHA DE TURISMO INTERNO

—SEGUNDO ANUNCIOU HOJE O ENG. ÁLVARO ROQUETE



O êxito até agora obtido pela campanha de promoção de turismo interno sob o tema «Há sempre um Portugal desconhecido que espera por si», a criação de prémios destinados a reportagens, a artigos ou crónicas publicadas na Imprensa diária e desportiva; a programas de composição e a crónicas radiofónicas; a reportagens apresentadas na Televisão; bem como a apresentação de um concurso, na R. T. P., e a criação de prémios destinados aos corredores da próxima Volta a Portugal em bicicleta em «metas especiais» — aproveitando assim esse moderno e eficaz instrumento de comunicação humana que é o desporto de massas — foram esta manhã expostos, aos representantes dos órgãos de Informação pelo eng.º Álvaro Roquete, director-geral de Turismo, no decorrer de uma reunião de convívio, durante um passeio no Tejo, a bordo do barco «Estoril-Sol».

Nele participaram, igualmente, o presidente da Junta de Turismo da Costa do Sol, altos funcionários da Direcção-Geral de Turismo e outras individualidades ligadas à actividade turística.

— Três meses decorridos sobre o início da Campanha de promoção destinada a desenvolver o Turismo Inter-

(Continua na ultima página)

SANTARÉM DISCUTE A FUSÃO DOS SEUS CLUBES

Santarém em vésperas de luta fratricida? Não chegaremos aí: o problema está em que, na bela cidade, há movimentos divergentes em torno da fusão dos seus clubes desportivos, ponto de vista que a edilidade local (pela boca do seu presidente, D. João Noronha Azevedo, na foto acima) perfilha e apoia. **(Reportagem nas págs. 20 e 21).**

CONVITE ALEMÃO A VON BRAUN

BONN, 12. — (F. P.) — O chanceler federal alemão, Kurt Georg Kiesinger convidou o «pai dos foguetões espaciais» norte-americanos, Werner von Braun, a visitar a Alemanha Ocidental. Foram convidados também os três astronautas da Apolo-11.

Os convites foram feitas pelo chanceler durante a sua visita a Washington.

ESCÂNDALO FINANCEIRO EM ESPANHA

MADRID, 12 — (F. P.) — Foi descoberto um grande escândalo financeiro em Espanha: uma empresa que deve 12 biliões de pesetas ao banco oficial e está insolvente. Segundo os meios financeiros, trata-se da «mais hábil fraude da segunda metade do século» e da mais importante da história económica da Espanha.

A fraude começou há alguns anos com a criação da empresa Matesa, destinada a construir e a exportar máquinas, nomeadamente para os têxteis. Três membros da mesma família, Fernando e Juan Vila Reyes e o seu cunhado Salvat Dalmau, tomaram a gerência da Matesa. (Juan Vila Reyes foi presidente do clube de futebol Espanhol, de Barcelona, e é muito conhecido em Espanha).

Dirigiram-se ao sector privado bancário para obter créditos, que lhes foram recusados por falta de garantias suficientes. Em contrapartida, o banco oficial, por intermédio do Banco do Crédito Industrial, concedeu-lhes, nos oito ultimos anos, cerca de 12 000 milhões de pesetas, facto sem precedentes em Espanha.

Segundo os meios financeiros, tais créditos foram outorgados «tendo em vista as facilidades de exporta-

(Continua na ultima página)

Sete mortos no ataque aéreo ao Líbano

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 12. — (A. N. I.) — O Líbano entregou ao Conselho de Segurança das Nações Unidas uma queixa contra um ataque aéreo israelita, afirmando terem morrido sete pessoas, incluindo três guerrilheiros, e ficado gravemente feridas dez, entre as quais sete guerrilheiros.

Na queixa, assinada pelo delegado Yaya Mamassani, afirma-se que 16 jactos israelitas, seis dos quais caças «Mirage» e os restantes caças-bombardeiros «Vautour», atacaram durante 25 minutos aldeias do Líbano meridional.

O Líbano não pede uma reunião do Conselho de Segurança, limitando-se a protestar «muito enérgicamente» contra a «violação das tréguas».

INQUÉRITO DA O. N. U.

BEIRUTE, 12. — (A. N. I.) — O ataque israelita ao Líbano verificou-se numa altura em que este país era visitado pela comissão internacional de inquérito ás atrocidades de que os árabes se haviam queixado.

HOJE 28 PÁGINAS
VISADO
PELA CENSURA

LISBOA: ATRACÇÃO

Muitos turistas estiveram hoje na Feira da Ladra, que continua a ser um dos quadros mais coloridos e típicos que Lisboa oferece ao visitante estrangeiro. As barracas de antiguidades, como é natural, foram as que mais atenção despertaram, e os turistas não pouparam película, sempre na ansia de guardar recordações dos momentos mais interessantes da viagem.

A Estufa Fria foi outro local que hoje registou grande afluência. Só de manhã, já por lá tinham passado cerca de 700 visitantes.

(Ler reportagem na página central)

Um falso furriel burlou muitos pais de jovens em idade militar

VILA VERDE, 12 — Bem falante, com certo poder de persuasão, e intitulando-se furriel a prestar serviço no Distrito de Recrutamento e Mobilização n. 8, em Braga, passou pela freguesia de Barbudo, deste concelho, um homem dos seus 25 anos, que conseguiu junto do pároco, e depois de exibir um cartão de identidade com a fotografia de um militar, uma relação dos mancebos na idade de 18 anos.

Após essa primeira fase da burla, dirigiu-se ao presidente da Junta de Freguesia, a quem solicitou o visto em tal lista para justificar junto dos superiores a passagem pela localidade. E foi prontamente atendido mediante a exibição do aludido documento de identificação.

De posse de tais elementos, onde nem sequer faltava o selo branco da Junta, não lhe foi difícil dirigir-se aos pais dos jovens, informando-os que fora ali em serviço do Exército, avisá-los de que teriam de pagar, no prazo de oito dias, uma multa de 1000$00, por falta do preenchimento de determinado impresso. Esclareceu, no entanto, com ar bondoso..., que o assunto poderia ser resolvido na altura, mediante o pagamento de 121$20. Perante tal vantagem, todos caíram no logro, ficando ainda muito gratos ao vigarista, que abusando da boa-fé das aludidas entidades e das vítimas, conseguiu arrecadar sem grande esforço umas largas centenas de escudos.

Começam hoje as aulas de Maurice Eisenberg nos Cursos Musicais da Costa do Sol

Começam hoje, no Museu Condes de Castro Guimarães, em Cascais, as aulas de violoncelo do prof. Maurice Eisenberg nos VIII Cursos Musicais Internacionais de Férias da Costa do Sol.

Solista com as melhores orquestras do mundo, Eisenberg colabora permanentemente nos Festivais dedicados a Bach, como os de Londres, Filadélfia, etc. Director do International Cello Center de Londres, da classe Casals da Escola Normal de Musica de Paris, do «Celle Department da Longy School of Music», de Massachusets, conferencista e professor na maioria das Universidades americanas e britanicas, artista criador de importante numero de obras da moderna literatura violoncelística, Maurice Eisenberg é, na realidade, um pedagogo do mais lato prestígio.

Inauguração no Porto do terminal de carga e da base de «táxis» aéreos

PORTO, 12 — São inauguradas hoje, durante a tarde, as instalações do terminal de carga e da base no Porto do serviço de «táxis» aéreos.

A execução do programa começou ás 15 horas com voos no «avião-táxi», destinados a representantes da Imprensa, seguindo-se o baptismo de «avião-táxi» e uma visita ás instalações do terminal de carga. Haverá, por fim, um beberete.

O prof. Adriano Moreira foi recebido pelo Presidente da República

O sr. Presidente da Republica recebeu ontem, em audiência, no Palácio Nacional de Belém, o sr. prof. dr. Adriano Moreira, presidente da Sociedade de Geografia e da Academia Internacional de Cultura Portuguesa.

«DIÁRIO DE LISBOA»

Fizeram transcrições do «Diário de Lisboa» ou referências ao nosso jornal os prezados colegas: «Comércio e Funchal», o «Dover» e «Mar Alto», da Figueira da Foz e «Juventude Operária», de Lisboa.

DE ONTEM PARA HOJE

CABOS SUBMARINOS

O sr. Presidente da Republica foi ontem a Sesimbra inaugurar os sistemas de cabos terminais submarinos entre Portugal e a África do Sul e Portugal e a Inglaterra. De Sesimbra a Lisboa as ligações são feitas por um cabo subterranco de grande capacidade. A cerimónia revestiu-se de grande significado com a assistência de ministros, directores-gerais, embaixadores da Inglaterra e da África do Sul e, naturalmente, representantes das empresas construtoras dos cabos e a administração da Rádio Marconi. Disse o presidente desta que «o conjunto de cabos submarinos do mais moderno tipo e de alta capacidade, orçará por cerca de 5 milhões de contos, sendo a comparticipação da Companhia de cerca de 125 mil contos». O comprimento do cabo submarino que liga Portugal á África do Sul, a partir de Sesimbra, tem 10 833 quilómetros. A estação terminal é constituída por um elegante conjunto arquitectónico, onde se encontram montados os complexos serviços que foram fruto da colaboração inglesa, portuguesa e sul-africana. Além das ligações que actualmente são feitas com Sesimbra, prevê-se ainda, que, no final do primeiro trimestre de 1970, sejam ligados á estação de Sesimbra, por intermédio de um feixe hertziano, em construção entre Sesimbra e S. Fernando (Cádis), os cabos submarinos de Espanha para os Estados Unidos e Itália. O cabo Portugal-África do Sul tem uma capacidade para 360 circuitos telefónicos e o cabo Portugal-Inglaterra para 480 circuitos, com um comprimento total de 1660 quilómetros. Em cada um dos circuitos telefónicos poderão ser transmitidos 22 ou 24 circuitos telegráficos, conforme o espaçamento adoptado por de três ou quatro quilociclos por segundo, respectivamente.

EXPLOSÃO — CASA PELOS ARES

Foi no lugar da Vila, em S. Vicente de Oleiros, Guimarães, que uma explosão de pólvora destruiu a casa do sr. António Silva, de 47 anos, encarregado de uma mina de volfrâmio. Em casa estavam a sogra do dono da casa, D. Maria Ferreira Machado, de 60 anos, e quatro dos quinze filhos do casal. A mulher e os restantes filhos estavam ausentes. Ouvindo a explosão o sr. António Silva correu a casa e, queimando-se, conseguiu salvar a sogra e todos os filhos, embora bastante feridos. Foram internados no Hospital de S. João onde só D. Maria Ferreira Machado se encontra em estado melindroso.

UM MORTO E CINCO FERIDOS

O forjador sr. Fernando Augusto de Sousa, de 39 anos, casado, morador na Rua António Pedro, em Lisboa, foi emter, no lugar das Pedreiras, perto de Leiria, no carro guiado pelo capitão Carlos Eduardo Oliveira e Silva, de Pombal. Morto o sr. Adelino da Silva Martins, de 33 anos, comerciante, de Lisboa, que seguia no primeiro carro. E feridos ficaram todos os mais ocupantes do mesmo.

A MORTE DO MOTORETISTA

Na estrada de S. Domingos, perto de Santarém, seguia o sr. Joaquim Montez Damas, de 36 anos. Ia na sua motoreta e foi embater num automóvel conduzido pelo sr. António José do Nascimento Alexandre Santos, de 34 anos. O motoretista morreu logo, ficando feridos sem gravidade os ocupantes do automóvel.

A PONTAPÉ

No hospital regional de Guimarães foi morrer a sr.ª Maria Teresa Nogueira, de 48 anos, moradora na Rua da Caldeiroa, naquela cidade. O marido entregara-se á bebida mais do que mandam as normas e ontem agrediu-a a pontapé, de tal forma que a matou. O casal tinha seis filhos e um ainda ontem se fora despedir para ir para militar.

NO MAR E NO RIO

Águas de morte foram as da foz do rio Lima, o «rio todo cristal» do António Feijó, para o estudante Carlos Alberto Barbosa Ferreira, de 16 anos. Foi ao Barco do Porto, em frente a Cardielos, que ele se atirou á água que lhe gelou a vida... E de gelo também foram as do Vouga, do Vouga dos salgueirais e choupos e vinhedos sem fim. Foi no sítio das Ampras, freguesia de Pessegueiro, que o aprendiz de alfaiate Joaquim Silva Estrela, de Ribeiradio, foi tomar banho, o seu último banho...

AS FLOREIRAS SÃO PARA FLORES... — A gravura mostra-nos uma das floreiras existentes na sala de espera do Aeroporto da Portela, onde, há algum tempo, se podiam observar umas flores artificiais de acentuado mau gosto. Cheias de terra (e de pontas de cigarros) parecem servir estas floreiras, apenas, para que as pessoas que vão esperar familiares e amigos ao Aeroporto, possam ter melhor vista para a sala da Alfândega... A existência de flores (naturais) não refrearia o pouco civilizado hábito de subir ás floreiras? Ou então não seria mais adequado (uma vez que não são utilizadas para o que foram feitas) cobri-las, pura e simplesmente com os tijolos cerâmicos que já constituem o rodapé, evitando a visão de uma terra seca, poeirenta que apenas serve de cinzeiro?

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas

Necrologia

D. Henriqueta Morais de Medeiros

MIRANDELA, 12. — Causou grande consternação, nesta localidade, o falecimento da sr.ª D. Henriqueta Morais de Medeiros, ocorrido ontem, no Hospital de Santo António, no Porto, para onde a infeliz senhora fora transportada de urgência, em consequência de atropelamento numa artéria daquela cidade.

A extinta, muito estimada, nesta vila, pela bondade de que sempre deu provas, contava 60 anos, era casada com o sr. Ernesto Teixeira de Medeiros e mãe do sr. eng.º Ernesto Óscar de Medeiros, casado com a sr.ª D. Almerinda Teles de Medeiros.

O funeral realiza-se hoje, para o cemitério local, onde deve chegar cerca das 20 horas.

D. Maria Amália de Almeida Braga

SANTA COMBA DÃO, 12 — Faleceu a sr.ª D. Maria Amália de Almeida Braga, viuva do dr. Augusto da Costa Braga e mãe do escritor Mário Braga, casado com a sr.ª D. Maria Isabel Morna Dias Braga.

O funeral efectua-se esta tarde, pelas 19 e 30, para o cemitério local.

AGÊNCIA MAGNO
FUNDADA EM 1874
Não tem qualquer sucursal na Av Almirante Reis
Telefones 534167 P.P.C.A. (4 linhas 43189/662772/280022

3.º CICLO
EXAMES DE 2.ª ÉPOCA
LABORATÓRIOS
Telef. 831416 (ao Chile)

OKINAWA, SENTINELA DO PACÍFICO — II

Os insulares e o regresso ao Japão

NAHA (Okinawa) — Agosto — Quando um habitante de Okinawa desembarca num país estrangeiro, acontece-lhe, muitas vezes, ter dificuldades com o exame da ficha de desembarque: a verdade é que o habitante de Okinawa é estritamente apátrida. Não é japonês nem americano. Se vem a Tóquio precisa de apresentar um documento fornecido pelo alto comissariado. Se parte para os E. U. A., deve exibir, á maneira de passaporte, um certificado de identidade, precisamente como se se dirigisse a qualquer país da Europa. Não tem embaixador que o proteja. No certificado de identidade, o alto comissariado limita-se a pedir ao país de imigração que conceda uma protecção diplomática comum àquele indivíduo sem pátria legal.

O habitante de Okinawa, no entanto, sente-se japonês de alma e coração. Isso não oferece dúvidas a ninguém, nem ao vendedor de batatas doces e ananáses, nem ao motorista de táxi, nem ao proprietário de uma pequena estalagem silenciosa e pacífica à maneira nipónica, nem sequer ao vendedor de «gadgets» e ainda menos ao trabalhador das bases aéreas ou marítimas.

Compete aos militares a responsabilidade suprema

O Poder de direito e de facto é exercido pelo alto comissário, nomeado em Washington pelo secretário de Estado e escolhido nas fileiras do Exército. Assim, os generais que se sucedem na direcção do arquipélago têm nas suas mãos, ao mesmo tempo, a administração civil e a direcção militar (pelo menos, a direcção do Exército de Terra).

O alto comissário é assistido por um administrador civil, designado como ele, o qual é responsável pela gestão da ilha e pelo conjunto dos serviços administrativos americanos. O elemento de autonomia é dado pelo «governo» das Ryukyu, organismo eleito, que compreende trinta e dois legisladores, e que, em certo sentido, constitui um legislativo complementar para todas as matérias que o alto comissário entenda por bem confiar ao seu exame. Mas é no alto comissário que reside o Poder responsável; pode censurar as decisões do conselho e promulgar, «*se o cumprimento da sua missão o exigir*», leis, decretos e regulamentos.

As pessoas de Okinawa são mais pobres que os seus compatriotas do Norte, os quais antigamente os caracterizavam assim: «*imo to hadashi*», isto é, «batatas doces e pés nus». O contraste ainda é mais acentuado com a minoria americana, dispondo de grandes carros e de casas com relvado edificadas nos pontos mais altos. Mais irritante para as susceptibilidades locais, é que o isolamento da língua e o do estilo de vida são acompanhados por um dualismo legal.

Do que os insulares mais se queixam, no entanto, é do sistema duplo de justiça. A justiça de Okinawa não tem qualquer poder sobre o pessoal militar

por Alain Bouc

americano. É fácil de calcular que os soldados, chegados de fresco dos campos vietnamianos, têm mais em que pensar, durante este período de descontracção, do que no respeito literal dos regulamentos e das normas de cortesia. Os incidentes são, pois, numerosos, sobretudo depois de umas bebidas, nestas ruas inteiramente consagradas aos prazeres dos militares em gozo de licença. Se a noite termina mal para a dona do bar, o incidente é da competência da justiça americana. Regista-se um milhar de casos todos os anos, e os tribunais de Okinawa não têm nenhum direito de investigação.

O mesmo acontece com a legislação. O fundo legal é o conjunto das normas japonesas tal como eram no fim da guerra. Mas a esse conjunto acrescentam-se todas as leis do alto comissário, indispensáveis, bem entendido, mas que fazem sentir os rigores do poder militar. Os direitos á greve e á manifestação pública, sobretudo, são estritamente limitados, de modo a assegurar o bom funcionamento das bases militares. Estas são, aliás, uma fonte real de aborrecimentos para a população. A ilha é pequena e estreita, e as bases foram instaladas nas terras baixas, que antigamente eram campos de cultivo. O ruído incessante vindo dos aeroportos, o óleo largado pelos aparelhos em voo, que vai estragar a água dos poços, tornaram-se insuportáveis, agora que foi decidido que o ocupante devia partir. O pacifismo fundamental e o temor atómico fazem aumentar, ainda mais, a hostilidade contra os actos dos militares.

Esta ansiedade exprime-se, por vezes, de modo desconcertante. Quando um bombardeiro gigante B-52 se esmagou no solo, o ano passado, e se incendiou, um dos primeiros pensamentos das pessoas de Okinawa, ao ouvirem o estrépido das explosões, foi este: «Começou a guerra. Os russos estão a atacar». Na verdade, alguns dias antes, a Imprensa local tinha anunciado que os soviéticos haviam ameaçado estar na disposição de exercer represálias se a tensão nesta parte do globo não diminuisse e se os bombardeamentos sobre o Vietnam do Norte prosseguissem. Aquela fumarada de um quilómetro de altura, que subia da base e que o vento dispersava em grande exten-

(Continua na página seguinte)

Nota do dia

A BATALHA É PARA DENTRO

DUAS NOTÍCIAS DA PESCA, aparecidas separadamente nas últimas 48 horas, chamam a atenção para esta actividade que foi das de mais profunda influência no nosso peso económico. Uma dessas notícias é do Algarve e diz-nos que o atum, que por ali tem andado arredio, reapareceu com regozijo das populações, saudosas do quadro violento da «tourada do mar» e, mais ainda, do que a sua colheita representa para a sua vida de todos os dias. Mais de 1300 atuns foram pescados, como escreveu o nosso correspondente, «embora a pesca se faça ainda pelos métodos primitivos, muito trabalhosos e apenas de acção local».

A outra notícia refere-se a uma reunião do conselho superior da Corporação da Pesca e Conservas que «resolveu mais uma vez chamar a atenção do Governo» pedindo a abolição do imposto de pescado e outras medidas «que, tornando rentável a exploração das traineiras, permitam à pesca fornecer a indústria de conservas em condições de esta poder concorrer nos mercados internacionais». Sabe-se, por exemplo, que, além dos espanhóis, são actualmente os norte-africanos, principalmente marroquinos, quem está a fazer-nos sentir o grande peso da concorrência.

Destas duas origens de informação se vêem dois aspectos primordiais do problema. O primeiro refere-se à própria indústria, ao atraso dos meios técnicos de trabalho de que dispõem as suas armações. O outro diz respeito à organização da actividade, mercados e preços. Não vamos, todavia, a supor que são coisas distintas, pois que a verdade é que são complementares, na medida em que um e outro são condicionantes do resultado económico de um sector em que se empregam milhares de braços e que, de Caminha a Vila Real de Santo António, foi esteio da nossa economia.

De um modo geral, o problema põe-se igualmente, onde quer que estejamos, para qualquer tipo de actividade económica: são precisos homens que conheçam o seu trabalho e é preciso dotá-los com meios adequados em que se tenham integrado os elementos mais avançados da técnica. Não se trata, porém, de mero requinte, devanelo ou gozo de dispor da novidade, mas do aproveitamento máximo das energias e do tempo consumidos no trabalho, com o que se estabelece uma relação permanente de custo, o que se gasta e o que se recupera.

A isto acresce o carácter por assim dizer aleatório da pesca. É uma espécie de lotaria, em que os homens estão em grande parte na dependência dos caprichos do peixe, que ora aparece aos cardumes ora leva sumiço para outras águas, mais frias ou mais quentes, mais ricas de alimentos ou de cómodos para as espécies que nelas têm a sua própria vida. Por isso as «artes» não têm remédio senão fazer o mesmo, deslocar-se também, ir para mais longe, gastar mais tempo para fazer o mesmo, gastar mais tempo e gastar mais dinheiro.

A estas dificuldades faz-se frente com a adopção e a utilização de meios técnicos mais aperfeiçoados, que tornem possível atingir os mesmos resultados mais ràpidamente. E isto é verdade para pescar o peixe, para apanhar a azeitona ou para fazer sapatos. Quem permanecer inactivo, querendo utilizar apenas a sovela que herdou, pode até ser um artista mas acaba por fazer vida de remendão. Os nossos homens da pesca, os que vão longe a outros mares, sabem disto pelo que têm visto. E são, pode dizer-se, verdadeiras fábricas flutuantes, deslocando-se atrás do peixe.

Sem esses meios não há proteccionismo que valha. A Espanha dá facilidades financeiras e fiscais? Pois dá. Mas não é esse o remédio para nós. Quando muito, teremos de nos resignar à esperança dos mesmos benefícios. Mas são panos quentes, simples paleativos. Do Lima ao Guadiana é preciso dar a volta. Mas estamos aqui a falar da pesca e, no fundo, no que estamos a pensar é em tudo o mais que padece dos mesmos males. No fundo, verdadeiramente, do que se trata é de nós próprios, a nossa maneira de ser, a nossa mentalidade, o sol e o fado. Pois é contra nós próprios que precisamos de combater.

O MEDO

O senhor Júlio Pereira da Silva é um dos mais pacatos cidadãos da nossa urbe. Quando vai ao futebol não insulta o árbitro e, no restaurante, nunca bate com o talher no prato para chamar o criado. Uma pessoa, enfim, paciente...

Ora aconteceu que, uma noite destas, encontrava-se Júlio Silva (como era conhecido no escritório) acordado sob os lençóis, a pensar num problema de palavras cruzadas que não conseguira resolver por completo, quando, no silêncio do quarto, ouviu um estranho ruido.

«Ladrões!» — pensou.

Levantou-se, atento, e, ás escuras, dirigiu-se para o telefone. Discou um número e surgiu a esquadra no outro lado do fio.

—Venham á minha casa! — pediu, baixinha a voz. — Tenho ladrões cá dentro...

Os polícias vieram. Vieram e passaram a casa em revista. Nada. A certa altura, um dos guardas notou que Júlio Silva não acendera a luz do quarto.

— Sua esposa dorme, não?

— Sim...

— É melhor acender.

Júlio deu uma volta ao interruptor: a lâmpada não acendeu.

— Pronto — disse um dos polícias. — Está tudo explicado. Foi a lâmpada que se fundiu...

Efectivamente assim fora: a lâmpada, ao fundir-se, emitira o costumado «plic!» — e logo o senhor Júlio Silva, pacato cidadão, se sobressaltara. E com razão.

PEDRO ALVIM

Amanhã dia 13, o RESTAURANTE FATEIXA —na Praia de Carcavelos (junto a S. Julião da Barra)— está reservado para receber os Clientes, Amigos e Fornecedores da organização TÁMAR-FATEIXA

CAMINHOS DE FERRO

CARRUAGENS DIRECTAS DE VIANA DO CASTELO, BRAGA, CASTELO BRANCO E FARO COM DESTINO A HENDAIA PARA O TRANSPORTE DE TRABALHADORES DE REGRESSO DE FÉRIAS DE VERÃO

Comunica-nos a C. P. que para transporte, em 2.ª classe, de trabalhadores portugueses de regresso de férias de Verão, põe em circulação carruagens directas com destino a Hendaia, ás terças e sextas-feiras, no período de 12 de Agosto a 19 de Setembro, com partida de Viana do Castelo ás 7-42, Braga ás 9-15 e Castelo Branco ás 11-30 e ás quintas-feiras, de 14 de Agosto a 18 de Setembro, com partida de Faro, ás 23-04.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

SENTINELA DO PACÍFICO

(Continuação da pág. anterior)

são, criou um verdadeiro movimento de pânico. A calma voltou, mas o número dos partidários da retirada das bases aumentou consideràvelmente...

Campos militares e campos de cultivo...

Esta ilhota, antigamente tranquila e solitária depois de destruída pela guerra, foi desfigurada por cento e dezassete bases. A superfície das bases estende-se por um total de 208 quilómetros quadrados, numa área global inferior a 1200, isto é, ocupa 17 ou 18 por cento do território. Mas a importância de facto das bases é superior a isto, pois todo o norte da ilha, montanhoso, é pouco propício à cultura e, por isso, desabitado. A maioria das bases situa-se, pois, na parte «útil» da ilha.

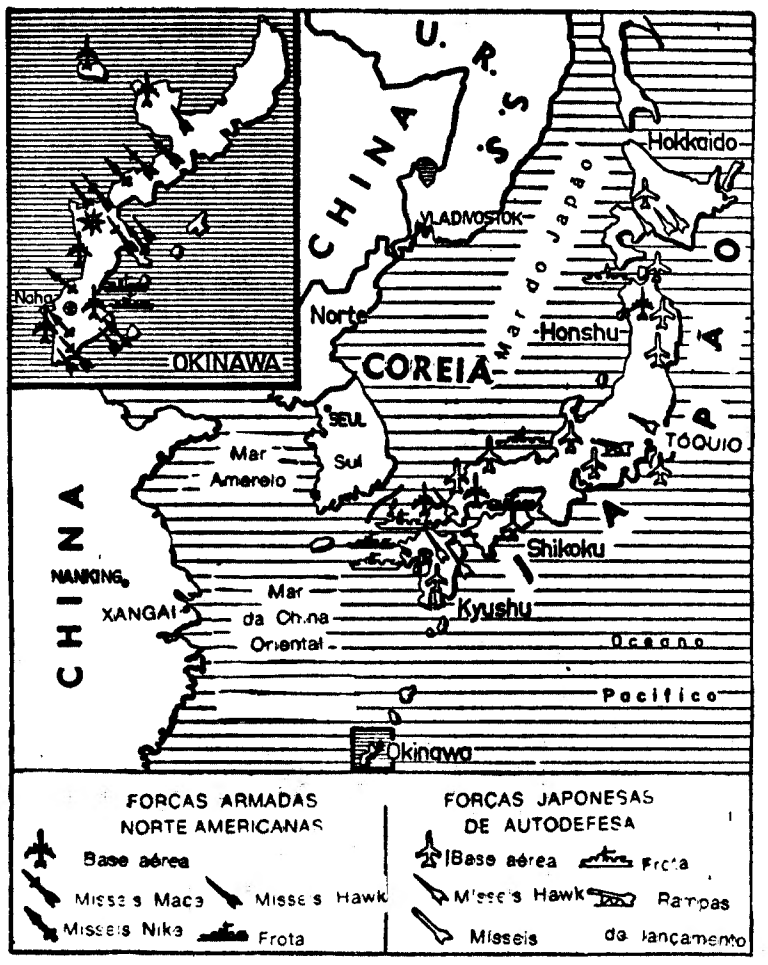
Os campos militares estão instalados ao longo de estradas concebidas para os servir. Os cartazes de que estão semeados indicam mais bases, mais zonas perigosas, mais uma ou outra administração americana. E observam-se extensões de arame farpado a perder de vista, entrecortado de guaritas e, por detrás, os longos edifícios em betão, alinhados paralelamente.

Longe da estrada, no entanto, subsiste o ambiente tranquilo das aldeias, telhas cilíndricas, vermelhas, manchadas de cimento enegrecido pela humidade, prateado pelos líquenes. Os ruídos provenientes dos pátios das quintas, os poços com a corda a ranger, as ruas mal empedradas, compõem, no meio das encostas escarpadas, cobertas de pinheiros, com os seus canaviais e os seus ananaseiros, uma paisagem pacífica aonde mal chega o roncar dos comboios de camiões, que passam pela *highway* estratégica.

Mas já não há camponeses. A agricultura fornece apenas 10% do produto nacional da ilha, a indústria 20% e os outros 70% provêm do sector terciário e estão dependentes, directamente ou não, das actividades das bases e das contribuições dos fundos americanos: comércio, seguros, serviços públicos diversos, administração das Ryukyu e forças americanas. O número de pessoas cuja vida assenta directamente no funcionamento das instalações americanas, avalia-se numa centena de milhares, ou seja, um oitavo da população da ilha.

Se esta dependência dá origem a um sentimento de frustração, deve dizer-se, em compensação, que vem acompanhada de um aumento considerável do nível de vida. O rendimento *per capita* dos insulares, de acordo com os números oficiais, passou de 150 dólares anuais, em 1955, para 600 em 1968. Um aumento dos preços da ordem dos 30 por cento em nada altera o significado deste crescimento, avaliado em dólares fixos. Devemos, contudo, notar que esta estatística global inclui os rendimentos dos cidadãos americanos fixados na ilha, num total de 80 000, incluindo os militares. O significado deste número global é, pois, de alcance limitado, visto que faltam as estatísticas respeitantes ùnicamente à população autóctone. Contudo, a influência do estilo de vida americano fez-se incontestàvelmente sentir, e até nas normas dos salários.

Os EUA afirmam que o comércio externo da ilha é profundamente desequilibrado, e que se vêem obrigados a conceder um importante auxílio financeiro para anularem o «déficit». As exportações de 1968, por exemplo, atingiram apenas os 89 milhões de dólares, tendo as importações alcançado o montante de 379 milhões de dólares. A origem deste desequilíbrio é extremamente simples: toda a caserna, toda a base militar, que consome sem produzir, fica, forçosamente, em situação deficitária.



A posição de Okinawa relativamente ao arquipélago nipónico e as bases militares norte-americanas e do Governo de Tóquio em território japonês

Mais que a pobreza intrínseca da ilha, o que explica a dependência externa de Okinawa é a sua orientação essencialmente militar. E o auxílio prestado pelos EUA não constitui, na realidade, mais que uma parte dos gastos de defesa norte-americanos, tomados em sentido lato.

Mas a observação da administração americana não deixa de ter fundamento, se observarmos que as importações de Okinawa provêm do Japão, em 80 por cento do seu total. Poranto, os 260 milhões de dólares, concedidos no ano passado pelos EUA, serviram principalmente para o financiamento de exportações japonesas destinadas ao arquipélago. Este contributo externo é considerável, para um produto nacional bruto avaliado, no mesmo ano, em 644 milhões de dólares: o que significa que o auxílio se cifrou em cerca de 40 por cento.

A presença americana ou a crise

Esta total dependência em que o arquipélago se encontra irrita os insulares e, ao mesmo tempo, leva-os a recear um corte demasiado brusco dos actuais laços económicos. A administração civil compreendeu perfeitamente que podia dar o seu apoio aos militares, evocando um eventual desemprego junto das pessoas a que essa administração dá trabalho. A população de Okinawa não parece convencida de que o Japão irá dar tanto dinheiro como os EUA dão agora, uma vez que os americanos têm, pelo menos, uma justificação militar para os seus importantes desembolsos.

Ainda mais: o pequeno patronato local, segundo um fenómeno conhecido em todas as economias dependentes, receia imenso uma mudança, que o colocaria em concorrência aberta com os grandes grupos do norte. As concentrações industriais e financeiras japonesas farão uma verdadeira carnificina nas pequenas empresas, que vegetam na ilha. As leis do mercado entrarão impiedosamente em jogo, após uma ligação com o Japão, e a dependência pode vir mesmo a acentuar-se. A menos que o Japão conceda um estatuto privilegiado aos seus novos nacionais.

Em todo o caso, a inquietação é real e a notícia de que Tóquio tencionava recuperar o arquipélago, dentro de 3 ou 4 anos, combinado com a notícia da redução dos gastos americanos, no quadro da defesa do dólar, bastou para criar um começo de séria crise económica. Os preços dos terrenos começam ràpidamente a baixar. Os serviços do Banco das Ryukyu predisseram, desde já uma quebra sensível no índice do crescimento para os dois próximos anos. O país vê bem como lhe será difícil sair de uma economia alicerçada em gastos militares.

Aparentemente, o futuro económico das ilhas não é brilhante. Não têm matérias-primas e a dispersão das ilhas não é nada favorável à industrialização. A pesca é já monopólio da metrópole, e com esse monopólio não poderão lutar as pequenas embarcações insulares. Os insulares, como sempre acontece quando nada mais há a propor, sonham com as possibilidades do turismo. Mas devemos reconhecer que o turismo em Okinawa, se pode tornar-se comovente a ponto de fazer chorar, é sofrìvelmente sinistro e resume-se à visita aos cemitérios do sul da ilha. Cada prefeitura da metrópole sentiu-se no dever de erigir o seu monumento aos mortos, com um pudar e uma sinceridade verdadeiramente espantosos. Infelizmente para os insulares, a meditação nos locais de horror afecta mais a alma que o comércio local.

Conscientes do futuro precário das Ryukyu, os E. U. A. e o Japão criaram um organismo encarregado de arranjar propostas tendentes a facilitar os problemas de toda a ordem, que a futura restituição irá levantar. As sugestões são interessantes, mas o comité em questão encontra pouco apoio por parte dos insulares, pois o comité foi proibido recentemente de examinar o problema das bases, precisamente aqueles que os insulares acham que é o principal.

Os responsáveis pelas organizações não se mostram pessimistas quanto ao futuro da ilha. Dizem-se persuadidos de que será sempre possível encontrar industrias, cujas vantagens para a população serão, pelo menos, iguais ás que a presença das bases proporciona. A verdadeira vocação de Okinawa parece ser, no entanto, a do comércio. Okinawa constituiria uma útil testa de ponte nas trocas com a China Meridional e a Formosa, e até mesmo com o Sudeste asiático. A supremacia industrial e comercial do Japão nesta parte do Mundo fez-se sentir, cada vez mais, e Okinawa poderia aproveitar dessa realidade. Para isso seria, no entanto, necessária uma mudança das relações políticas na região: a solução do problema da Formosa e a retirada das bases, como os insulares ambicionam. Mas não é para já que isso acontece.

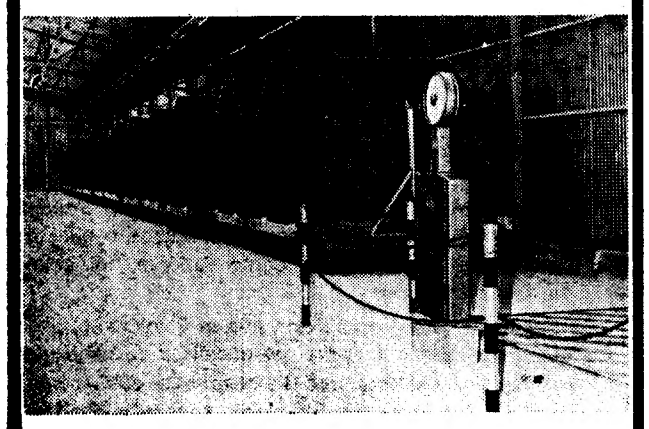
O problema de Okinawa continuará, pois, durante muito tempo, a ser um dos problemas principais da política japonesa. Reivindicando com uma força crescente o regresso à metrópole, os habitantes de Okinawa acabarão por obter aquilo que lhes foi prometido. Mas as suas exigências não ficarão por aí, depois hão-de querer ficar num pé de igualdade material com os seus compatriotas do Norte. E, sobretudo, querem restituir à vida civil todas essas imensas instalações de cimento, onde vivem as forças americanas. Não lhes faltam meios de pressão para forçarem a decisão.

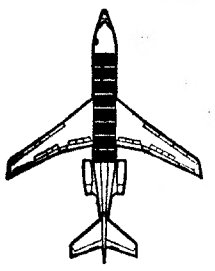
EXCLUSIVO
«Le Monde» - «Diário de Lisboa»

Próximo artigo:
O VALOR MILITAR DO ARQUIPÉLAGO

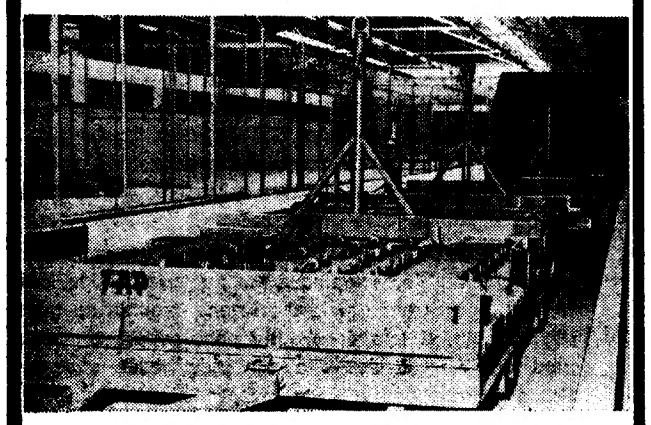
NOVO TERMINAL DE CARGA TAP NO PORTO

MARCA-TC-69



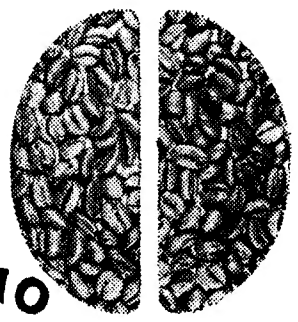


Acompanhando as exigências do progresso industrial do País e particularmente as da laboriosa indústria do Norte a TAP acaba de inaugurar o seu novo Terminal de Carga no Aeroporto de Pedras Rubras, servindo assim o seu cargueiro QUICK CHANGE com voos directos para Londres e Frankfurt.



TAP
em boa companhia
TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES
Consulte o seu Agente de Carga

CURSO COMERCIAL
NOCTURNO
ESTÃO ABERTAS AS MATRÍCULAS
EXTERNATO LUSITANO DE COMÉRCIO
RUA DOS ANJOS, 2, 1.º TELEFONE 40297



eu sou o
CAFÉ PURO

SÓ O GRÃO DO CAFÉ GARANTE
A VERDADE DO CAFÉ PURO!

puro na plantação! puro na chávena!

beba café puro! exclusivamente!

UNIL

RESPOSTA A ANTÓNIO DE MACEDO

DOBRAGEM · JORNADA SEGUNDA

Por LAURO ANTÓNIO

I

Pensar no povo

Depois de ter esboçado algumas considerações que achei necessário e útil tornar preliminares, vejamos agora a argumentação apresentada por António de Macedo, defendendo a dobragem e a sua aplicação entre nós.

Sobre a maneira como pensa no povo **(razão primeira para a introdução da dobragem em Portugal em 1969) basta transcrever dois excertos da sua carta, neste aspecto bastante elucidativos. Vejamos:**

«O que preconizo a este respeito é e sempre foi o seguinte:

A) Dobragem obrigatória de TODOS os filmes estrangeiros;

B) Os filmes de indiscutível mérito artístico serão TAMBÉM passados em «versão original», em cinemas de «arte e ensaio».

Mais adiante continua:

«Claro que me repugna como a qualquer pessoa normal ver a Anna Magnani dobrada pela Maria Rosa, mas para isso lá está a alínea B) a salvaguardar esses legítimos interesses estéticos. Mas já me é de todo indiferente ver «Helga», «A Quadrilha do Grande Cérebro», «Um Certo Sorriso» ou a «Conspiração Internacional» em português ou chinês. Dos 400 filmes estrangeiros que se exibem por ano em Portugal 350 são deste tipo».

Basta saber ler para se poder concluir imediatamente: dos 400 filmes anualmente exibidos em salas portuguesas, 350 são maus. Concordo! Como no entanto é necessário *pensar no povo* vamos dobrar para ele esses 350 maus produtos de consumo. (A carne de burro é má, mas como é preciso *pensar no povo* vamos encorajar o seu comércio). Evidentemente que ao António de Macedo (como a qualquer outra pessoa *normal*) repugna ver a Anna Magnani dobrada pela Maria Rosa, mas para isso lá está a alínea B), a salvaguardar esses legítimos interesses estéticos das pessoas *normais* (*).

Que pensará Macedo dos *anormais* que constituem o povo?

A sua coragem, porém, vai mais longe, quando acrescenta, não sem uma certa candura: *«Os que são contra (a dobragem) só pensam em si próprios e nas elites».*

II

Continuando a pensar no povo

Continuamos a transcrever:

«É preciso conquistar para o cinema o «povo português», *e não apenas os meios*

Continua na página seguinte)

RITA HAYWORTH · GIULIANO GEMMA

EM

O BASTARDO

THE BASTARD

VIOLENTO E PRIMITIVO... APAIXONADO E AMBICIOSO... ULTRAJADO E PERSEGUIDO!

KLAUS KINSKI · MARGARET LEE · SERGE MARQUAND · CLAUDINE AUGER

ÀS 21.30 NO

HOJE ESTREIA MONUMENTAL

A VINGANÇA DO CONDENADO

"The Hills Run Red"

AVIS

AMANHÃ
ÀS 21.45
ESTREIA

UM ESPECTACULO DE INTENSA EMOÇÃO

THOMAS HUNTER · HENRY SILVA · DAN DURYEA · NANDO GAZZOLO
NICOLETTA MACHIAVELLI · GIANNA SERRA

Maiores de 12 anos

Resposta de Lauro António a António de Macedo

(Continuação da pág. anterior)

mais evoluídos das grandes cidades. Não esqueçamos que Lisboa e Porto, que pouco mais totalizam do que 1 milhão e 300 mil habitantes, detêm mais de «70% da totalidade de espectadores» *do País ao passo que os restantes 8 milhões e 700 mil fornecem pouco mais de 25% do total desses espectadores. É um desequilíbrio inquietante. Recuperar essa grande massa para o cinema é uma tarefa gigantesca, sobretudo por que há vários factores a considerar; além do baixo nível cultural, acresce o fraco poder de compra, já para não falar no despovoamento rural dos elementos mais válidos (emigração, atracção urbana)».*

«*Entre outras medidas (que não interessa aqui abordar, porque não cinematográficas), a dobragem constituiria sem dúvida uma ochega importante. Deixaria as grandes massas mais aptas a penetrarem «mais livremente» na* imagem, *em vez de serem obrigadas a soletrar muitas vezes sem perceber. A* «alfabetização literária» *terá de ser dada pelas escolas, e não pelo cinema. Este terá, sim, que promover a* «alfabetização cinematográfica» — *e já não é pouco*».

Expliquemo-nos: Macedo detecta vários aspectos importantes na deficiente exploração comercial do cinema em Portugal: centralismo de salas (70% da totalidade dos espectadores nas zonas de Lisboa e Porto), baixo nível cultural, baixo poder de compra, despovoamento rural, etc. Depois, paradoxalmente, afirma que não interessa abordar determinadas medidas porque «não cinematográficas» e fica-se por uma verdadeiramente ingénua: «promover a *alfabetização cinematográfica*—o que já não é pouco».

Promover *a alfabetização cinematográfica* através de 350 maus filmes? Promover a *alfabetização cinematográfica* com filmes deturpados pela dobragem? Promover a *alfabetização cinematográfica* a uma massa que necessita ainda da *alfabetização literária* e não possui ainda os quadros mentais que lhe permitam senão «soletrar muitas vezes sem perceber»? Promover a *alfabetização cinematográfica de* massas com fraco poder de compra e muito baixo nível cultural? Não estará tudo isto no reino da utopia?

Por outro lado não deixa de ser curioso ver na boca de um realizador de cinema (que até já demonstrou ser homem ambicioso no capítulo artístico) frases como esta: «*Recuperar essa grande massa para o cinema*», que mais fàcilmente admitiríamos na boca de um grande capitalista de Wall Street. Recuperar essa grande massa para o cinema porquê? Não será antes «recuperar o cinema para a grande massa?».

Creio bem que nestas coisas de povo, António de Macedo se encontra totalmente desfasado das realidades que pretende discutir. Ou não está interessado em discuti-las, descendo até á raiz dos verdadeiros problemas. Porque verdade, verdadinha a dobragem não tem nada a ver com o estado actual do cinema no nosso País. Se se quer admitir uma mudança sensível no panorama cinematográfico português são essas medidas extracinematográficas que teremos de discutir (e sobretudo obviar). O resto são fantasias. Fantasias...

III

Pensar em si

Atentemos agora noutras razões que António de Macedo «como profissional de cinema (e não como espectador diletante) invoca em apoio da dobragem». Além do *povo* que mais temos? Os seus interesses, como é óbvio (e compreensível, aceitemos. Todos nós temos de comer...) e, em certa medida, os da classe em que se inscreve. Se não, vejamos:

1.º «*Claro que uma das consequências imediatas da dobragem seria obrigar os importadores e outros exploradores do filme estrangeiro (os grandes negociantes do nosso cinema) a investirem os seus capitais na indústria cinematográfica portuguesa, seus técnicos e artistas*».

Resposta: Será que Macedo prefere dobrar filmes estrangeiros a dirigir os próprios? Porque não pede antes que parte dos capitais que as empresas estrangeiras vêm buscar ao nosso País sejam congelados para promoção de cinema português. Essa medida proteccionista existe em Espanha e no Brasil, por exemplo. Porque será que prefere dobrar filmes?

2.º «*Estou convencido que se se fizer um inquérito, verificar-se-á que os trabalhadores do cinema, na sua maior parte (os autênticos, os tais que ganham o pão com o suor do celulóide) são favoráveis á dobragem*».

Resposta (que é uma pergunta): De que lado se colocará António de Macedo no que respeita ao seu profissionalismo cinematográfico? Alinha com António Pedro Vasconcelos, Seixas Santos, Paulo Rocha, Fernando Lopes, César Monteiro, Fonseca Costa ou do lado de Constantino Esteves, Perdigão Queiroga, Henrique Campos, Francisco Castro? Interessa-me muito saber o que entende por *trabalhadores do cinema.* Se não sei o que pensam os últimos, de um modo geral sei o que pensam os primeiros. E nada tem a ver com dobragem.

3.º «*E não se venha com o argumento de que a dobragem será sempre mal feita porque só há incompetentes para a executarem; essa é uma mentira que eu como profissional de cinema, rejeito veementemente. É o mesmo que dizer, depois de ver a produção «normal» de filmes portugueses que só há incompetentes na realização*».

Resposta: a) nunca disse que a dobragem fosse sempre mal feita entre nós;

b) mas acredito que (neste aspecto) só há, presentemente, incompetentes;

c) o que não quer dizer que não acredite no «aperfeiçoamento»;

d) no que eu não acredito é na dobragem, seja ela feita por incompetentes ou não;

e) por muito bem feita que uma dobragem esteja feita nunca ninguém me levará a dizer que a Madalena Iglésias dobra muito bem a Julie Andrews, que a Maria Leonor dobra muito bem a Jane Fonda, que o Calvário dobra muito bem o Mário Lanza, que o Breyner dobra muito bem o Jerry Lewis, etc.

f) faz o Macedo muito bem em protestar veementemente como profissional de cinema. É útil um protesto de vez em quando. Mas porquê este?

IV

Macedo não é partidário do imobilismo

«*Desculpem, mas eu NÃO SOU partidário do imobilismo. Se em Portugal nunca mais começamos a fazer isto ou aquilo com o argumento de que não somos capazes de fazer isto ou aquilo — então estamos arrumados. Nunca mais passamos das conservas e do vinho do Porto.*»

Esta argumentação volta a enfermar de diversos erros. O primeiro: considerar que o facto de eu me manifestar contra a dobragem deriva da minha pouca confiança nos técnicos nacionais. Aqui para nós até tenho demais. (Sabe-se já do que eles são capazes em técnica de camuflagem, mas já lá vamos...). O segundo: falar de imobilismo em relação á intransigente atitude de recusa da dobragem e, na verdade, não compreender mesmo nada do que se tenta dizer. O que acontece é que tanto a Espanha, como a França, como a Itália, que são países que possuem dobragem, a herdaram juntamente com o sonoro. Ou seja: logo que apareceu o cinema falado, apareceu a dobragem. Ou seja ainda: o publico desses países está desde início mal habituado, não sabe o que é bom. Pois mesmo assim nesses três países (e falo neles porque são aqueles que melhor conheço neste aspecto) não páram de surgir protestos contra o uso e abuso da prática e contra os seus inconvenientes. O mais recente, assinado por quase todos os grandes realizadores do cinema italiano, dizia assim:

«O actual desenvolvimento dos estudos teóricos sobre o som do filme implica a necessidade de se tomar uma posição, desde início, contra o abuso sistemático da dobragem que compromete os valores expressivos do filme. Os próprios actores adquirem, com o hábito, da pós-gravação (geralmente realizada com a voz de outros actores), um crescente afastamento da personagem que interpretam. As técnicas de dobragem e o uso de efeitos sonoros estandardizados privam o filme, no plano unitário do estilo, dos elementos que lhe deviam ser inerentes. Simultaneamente, isto permite aos produtores e aos distribuidores sujeitar o filme a diversas manobras e mistificações cujo efeito final tem um carácter ideológico». Assinam o manifesto, além de outros: Antonioni, Bellocchio, Bertolucci, Cottafavi, De Seta, Lattuada, Leonardi, Orsini, Pasolini, Pontecorvo, B. Rondi, Rosi e os irmãos Taviani.

Como se vê, eis uma declaração perigosíssima de imobilismo por parte de tantos e tão grandes nomes da cinematografia italiana Mas, não desesperemos, em Portugal, no ano de 1969, uma luz brilha ainda. Macedo empunha-o com galhardia.

V (e ultimo)

Mistificação

Finalmente, resta falar de um perigo suplementar que a dobragem invariàvelmente acarreta. Refiro-me á deturpação vergonhosa (e impune) que muitas vezes encobre. Se hoje em dia ainda é possível aferir a justeza de uma tradução, controlando as legendas pelos diálogos, quando isso deixar de ser possível que tipo de confiança nos resta? Creio bem que a dobragem, em Portugal, só poderia significar uma coisa: a morte do cinema.

Quem assim não pensa, esses sim, estão consciente ou inconscientemente a colaborar numa empreitada bem pouco digna Que isso se verifique da parte de uns tantos, tanto faz. Que se verifique da parte de António de Macedo é que é lamentável, dadas as responsabilidades que o seu cinema contraiu.

Ou será que António Lopes Ribeiro gosta mais do cinema do que o António de Macedo?

LAURO ANTÓNIO

(*) Ainda sobre o problema dos 350 filmes que se deveriam dobrar e dos 50 exibidos em V. O. em salas de «arte e ensaio» cumpre perguntar: quem se advogaria o direito da escolha? Quem exerceria essa forma de dirigismo cultural?

RUI de MASCARENHAS
O MAIS INTERNACIONAL DOS ARTISTAS PORTUGUESES

A PARTIR DE HOJE
EM 2 SESSÕES — ÀS 20,45 e 23 H.
NO FABULOSO ELENCO DA
1.ª REVISTA
DOS PARODIANTES DE LISBOA
UM ESPECTÁCULO DE VASCO MORGADO
no TEATRO

MONUMENTAL

ora diga-nos...

— Costuma andar de combóio?

Hoje há no mundo comboios muito velozes e cómodos que têm pràticamente tudo o que o passageiro pode desejar. Os nossos nem sempre são desses (?). Mesmo assim, ainda há quem goste de andar de combóio.

● *O nosso primeiro entrevistado, o sr. Gentil Leitão Ribeiro, electricista, afirmou-nos:*

— Bom, quando estava nas Caldas da Rainha (*ele é das Caldas*) andava muito, mas agora só de vez em quando, ao domingo, para ir à praia.

— *E que tal, gosta dos combóios?*

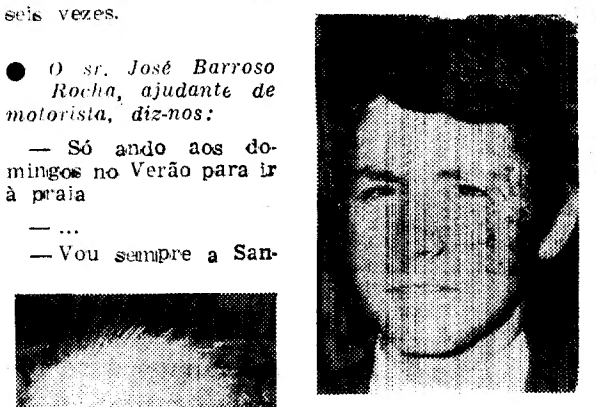
— Às vezes andamos muito apertados e, quando a viagem é longa, os condutores são muito «chatos». Pedem-nos o bilhete umas cinco ou seis vezes.

● *O sr. José Barroso Rocha, ajudante de motorista, diz-nos:*

— Só ando aos domingos no Verão para ir à praia

— ...

— Vou sempre a Santo Amaro. Os combóios são bons e eu gosto de andar de combóio. Sempre se varia.



● Eu cá ando de combóio todos os dias — *disse-nos o sr. Joaquim Francisco Marques da Silva, paquete numa firma do Bairro Alto.* — Venho de Alhos Vedros. Agora vão estando um pouco mais modernos e o barco sempre é melhor que os de Cacilhas.

na procura do mar das suas férias encontre a Torralta

se as suas férias o conduzem ao Algarve construa uma oportunidade
para descobrir a Torralta—vá a Alvor conheça o Club Internacional de Férias e decida depois

TORRALTA A MULTIPLICAÇÃO DO SEU CAPITAL

TORRALTA

CLUB INTERNACIONAL DE FÉRIAS SARL

LISBOA — Av. Duque de Loulé, 66-A
Telefs. 51746, 54479 e 555661
LAGOS — Hotel Golfinho — Telefs.
302 - 461/2
PRAIA DE ALVOR — Telefs 3128, 3211,
3212, 3251, 3252 PORTIMÃO

A CIDADE para lá de Lisboa

LOURES: *A coexistência do rústico e do industrial*

EM POUCO MAIS de seis anos, Loures transformou-se radicalmente, juntando-se ao carácter tradicionalmente agrícola do concelho o fenómeno da industrialização, que se acentuou em zonas hoje dificilmente irreconhecíveis como pertencentes áquele território concelhio suburbano, devido a diferenças paisagísticas e a tipos de vida.

A sombra da capital paira assim no concelho, o pequeno «boom», industrial do nosso país, a nossa «revolução industrial» incidiu parcialmente no simpático e até então fundamentalmente místico departamento.

Num ritmo acelerado, a indústria entrepôs-se á sociedade rural, de pequena, limitada produção, e á grande sociedade de consumo, «do lado de cá».

Falando com individualidades responsáveis na administração concelhia, fácil foi verificar a existência de uma zona que se pode definir como «zona de primeira influência», quer dizer, uma cintura onde a influência de Lisboa e do seu tipo de sociedade mais intensamente se faz sentir para depois se ir esbatendo, progressivamente, para o interior, até acabar por subsistir na sua pureza tradicional a sociedade agrícola tradicional, de propriedade rústica agricolamente produtiva ou simplesmente de veraneio, onde a grande cidade, afinal tão próxima, é uma reminiscência vaga.

Não quer tudo isto dizer no entanto que a zona industrial não vá, a pouco e pouco, alargando-se, penetrando, estrangulando o que resta de verdura, de hortas e pomares. Todavia, o que não se pode dizer é que Loures seja um concelho híbrido, de caracteristicas indefinidas. No seu território a diferença de sociedades de tipos humanos até, é tão forte que pode constituir um interessante estudo para sociólogos curiosos.

Uma outra influência remarcável no concelho e que há meia dúzia de anos igualmente se faz sentir, é o da construção.

Apertados por condicionalismos económicos inerentes ao problema da habitação urbana, numerosos lisboetas ou indivíduos que trabalham em Lisboa foram «empurrados» para Loures, onde ainda é possível encontrar alojamento relativamente mais acessíveis.

Por outro lado, a concentração de unidades industriais constitui um chamamento de mão-de-obra que lógicamente busca alojamento próximo do local onde labora, acelerando assim, progressiva e constantemente o crescimento demográfico do concelho, cuja população no ultimo decénio, se viu aumentada em mais de — por cento (actualmente calcula-se em 200 mil o numero de habitantes).

Se o «boom» industrial é um bom índice do progresso que se verifica, em Loures da sua vitalidade por outro lado constitui um volumoso caudal de problemas que assoberbam o presidente do município (Joaquim Sousa Ribeiro) e a sua dinâmica equipa de colaboradores. Esses problemas incidem mais fortemente na habitação e no ensino.

O chamamento que as unidades industriais constituiam a um novo tipo de habitante veio criar a situação ideal para o aparecimento da praga que em todo o País e principalmente nos concelhos limítrofes minou as estruturas durante longo tempo, a ponto de ainda hoje se fazer sentir: a construção clandestina.

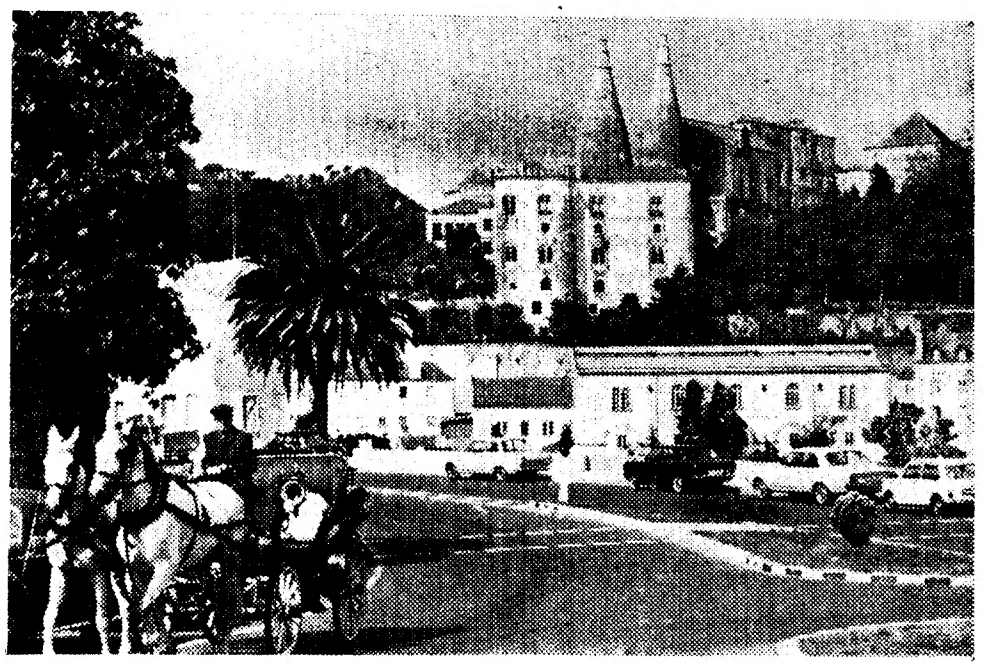
É certo que este flagelo foi há sete anos prontamente dominado pelo presidente da Câmara Municipal, encarando o problema de frente. Hoje, práticamente, não existe em Loures construção clandestina, senão ligeiras sequelas desta epidemia e umas tantas cicatrizes irregulares que fácilmente poderão ser corrigidas pelo «tratamento plástico» da equipa urbanística municipal.

O ensino local constitui a questão de mais difícil resolução. Apesar de todos os esforços, os meios limitados de que o município dispões não permitem que se resolva, satisfatóriamente, o problema do ensino secundário, o que obriga centenas largas de jovens a demandar diáriamente Lisboa para fazerem os seus estudos, facto que representa não só um desperdício de tempo mas também mais um encargo nos orçamentos domésticos naturalmente débeis.

Tendo já práticamente resolvida a questão do ensino primário, o sr. Joaquim Sousa Ribeiro está confiante quanto a uma rápida solução do problema do ensino secundário, porquanto o próprio crescimento das modernas cidades satélites (de Lisboa) vem forçosamente pressionar a rapidez da resolução, na medida em que constitui, inicialmente, mais um factor de agravamento da solução.

Loures de hoje, esse progressivo concelho á nossa porta, ou «fora de portas» como dantes se dizia, não tem nada que ver com a designação anacrónica embora ainda hoje utilizada, de «saloios», durante tanto tempo preferida pelo lisboeta para se referir áquela área. Uma nova sociedade surge em Loures, sociedade evoluída, industrial. E o próprio lisboeta se vai rendendo á beleza de certas zonas, e de determinados sectores residenciais extremamente agradáveis que são verdadeiros antídotos á vida trepidante do grande centro de consumo que é Lisboa, apenas a cinco quilómetro do coração de Loures.

A rusticidade e a industrialização são aqui coexistentes, interpenetrando-se sem se misturar nem eliminar as propriedades mútuas, como dois líquidos de densidades muito diferentes.



Os Paços de Sintra dominam a chamada «vila velha»

QUANDO É QUE SINTRA PASSEARÁ DE TELEFÉRICO?

QUAIS SÃO OS PROBLEMAS de suma importância do concelho de Sintra? Há quem diga que os transportes. Há quem diga que o ensino. Há quem diga, também, que as estruturas turísticas. E, sem dúvida, nas diferentes localidades outros problemas, que escapam aos olhos do observador apressado, existem: são ruas mal calcetadas, lixo não removido a horas decentes, trânsito, por vezes, não muito bem resolvido...

Apesar, no entanto, de todas estas contrariedades, a verdade é que reside cada vez mais gente no concelho. A atracção máxima, anos atrás, eram as rendas baratas: encontrava-se um bom andar por 500 escudos. Isso agora já se não verifica: em Queluz temos, por exemplo, uma casa assoalhada, cozinha e caixa de banho por 650$00. Se em vez de uma casa, encararmos a hipótese de duas casas assoalhadas, a renda sobe já para 950$00. E qual é a renda de uma casa de três assoalhadas? Um conto e duzentos escudos. Quatro assoalhadas (sempre com cozinha e quarto de banho) implicarão uma renda que oscila entre 1600 e 2100 escudos.

Pode dizer-se que estas rendas vão, presentemente, ocorrendo em toda a linha. Nos chamados grandes «dormitórios» (Amadora e Algueirão) talvez possamos encontrar casas de renda relativamente mais barata. Mas a tendência, nos ultimos anos, tem sido, efectivamente, a subida.

Mas, então, porque motivo tanta gente mora na linha de Sintra, sofrendo os incómodos de uma viagem diária e uma falta de convívio acabrunhante?

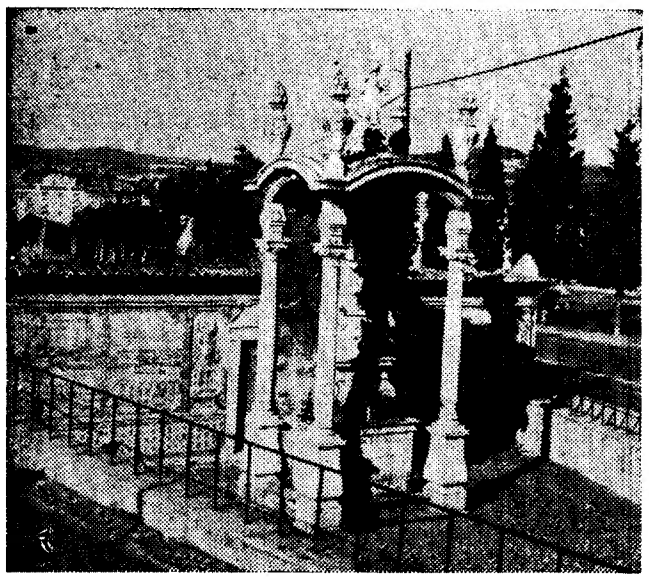
— Juízos precipitados... — dizem os naturais da terra.

— Talvez o sossego, a saude, a paisagem...

Uma coisa é certa: poupar muito é que se não poupa. Atentemos neste exemplo: em várias zonas da linha o vestuário e calçado acusa, em relação aos preços de Lisboa, um acréscimo de 25% a 30%.

Certamente que é nos géneros alimentícios que a «dona de casa» consegue praticar alguma economia: há muitas hortas, muitos mercados, muitos vendedores que vêm de longinquas freguesias de solo fértil...

(Continua na página seguinte)



O requinte rustico de outras eras num território que se industrializa

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

VILA FRANCA: Escola e cadeia lado a lado

NUM LAPSO DE TEMPO relativamente curto, que não vai além de meia-duzia de anos, a vida do concelho de Vila Franca de Xira começou a sofrer uma metamorfose substancial que atinge todas as suas estruturas: em ritmo acelerado, a industria instalou-se do lado de cá do Tejo e empurrou a lezíria para a outra margem. Apressa-se, deste modo, a divisão do concelho em duas partes distintas, com o Tejo por principal baliza, surgem, em cada dia que passa, problemas novos e difíceis.

A zona industrial cresce a olhos vistos, começou por se concentrar nas freguesias de Alhandra, Alverca e Póvoa de Santa Iria e tende, agora, a «ocupar» as de Castanheira, Vila Franca e Vialonga, ficando, assim, a dominar toda a zona ocidental do concelho, na margem direita do rio Tejo.

Para se avaliar da importancia do que isto representa diremos agora apenas que a actividade industrial do concelho proporcionou, em 1967, um lucro tributável de 26 mil contos. E note-se que não se conta com as isenções de que beneficiaram algumas unidades recém-instaladas e as deduções efectuadas em virtude dos prejuízos causados pelas inundações de Novembro daquele ano.

Índice de progresso, o surto industrial dos ultimos anos é também fonte de problemas que se põem diáriamente á administração e dizem respeito a vários sectores, com incidências mais graves na habitação e no ensino.

É verdade que, mercê da sua proximidade de Lisboa (o mais importante centro de consumo, exportação e importação do País) e, em alguns casos, mercê das condições naturais favoráveis, como acontece com os cimentos e a soda cáustica, a preferência da industria por esta zona vem já de longe. Actualmente, porém, os problemas atropelam-se e tudo nos surge a uma luz bem diferente

OS AVIEIROS, «CIGANOS DO MAR»

Grande parte da população do concelho de Vila Franca de Xira e originária de outras regiões do País.

No séc. XVIII, a referida população era já essencialmente constituída por colónias de murtoseiros e ovarinos que trocaram o litoral-norte pela actividade piscatória do Tejo. Hoje, a corrente migratória que converge para a região de Vila Franca atinge proporções muito maiores, devido, sobretudo, ao movimento demográfico iniciado nas regiões interiores do País económicamente mais débeis, perante a oferta crescente de empregos na industria, construção civil e serviços.

À margem de todos estes grupos migratórios e á margem da própria sociedade, temos os «avieiros», grupos de famílias originárias da Beira Litoral que se dedicam á pesca. Vivem á beira-rio, nas próprias bateiras ou em construções precárias assentes sobre estacas, estes «ciganos do mar», agrupados em colónias desde Róvoa de Santa Iria até á Azambuja.

A integração das colónias dos «avieiros» na vida económica e social do concelho está agora a ser tentada por iniciativa do Município de Vila Franca e da Junta Central dos Pescadores.

Mas resolvido o caso dos «avieiros», o problema da habitação no concelho continuará a ser uma das grandes preocupações dos responsáveis pelo Município, a que preside o sr. Féria Theo-

(Continua na página seguinte)

TELEFÉRICO EM SINTRA PARA QUANDO?

(Continuaçao da pag anterior)

Neste ultimo caso, como é óbvio, desaparece o intermediário Daí uns escudos poupados.

...Mas se a «dona de casa» se pode sentir (em certa medida) satisfeita, já o mesmo não acontece com o encarregado de educação. E isto porque a falta de um liceu na linha, com todos os ciclos, origina problemas que nem sempre se resolvem a contento de todos. A solução, para muitos pais de parcos recursos, tem vindo a ser a matrícula dos filhos numa Escola Técnica, que, no caso presente, é a do Cacém. Esta deficiência, claro, tem dado origem a uma orientação pedagógica errada...

— Mas — defendem-se os responsáveis locais — estão a ser construidos dois liceus: um em Sintra, outro em Queluz. Além disso, secções liceais do Passos Manuel têm vindo a funcionar em certas localidades

Verdade: só que essas secções não abrangiam todos os ciclos e não podiam comportar todos os alunos que não desejaram um curso téchico.

— As coisas vão melhorar...

Acreditamos. Acreditamos até porque o índice do progresso de uma região se pode apurar através da rede dos transportes. E, no concelho de Sintra, além do comboio (mais de cem mil pessoas postas em Lisboa todos os dias), há numerosíssimas carreiras de camioneta para a periferia e autocarros servindo centros urbanos. Quer dizer: onde há pessoas a transportar, pessoas que vão de um lado para o outro, o progresso, mais dia, menos dia, acaba por instalar-se.

Quanto, finalmente, ás estruturas turisticas, teriamos a dizer que se faz sentir a falta, na vila de Sintra (e porque não talvez em Queluz?) de um hotel moderno, fugido ao musgo, ao pitoresco barato. E também não faz sentido que o «eléctrico» para a Praia das Maçãs não tenha dia certo para entrar em funcionamento. Não é em Julho que se deve arranjar a linha. Aliás...

— Aliás — dizem muitos — o «eléctrico» devia funcionar todo o ano. Pauta cara que servia...

Outros não são da mesma opinião:

— Há as camionetas. Sempre e sempre. Para toda a parte. Servindo a Praia Grande, a das Maçãs, as Azenhas do Mar. E são mais práticas...

...E os sintrenses, os mais agarrados á terra, os que mais a prezam, andam já com o nariz no ar. É que se fala de um teleférico a partir algures da vila para o Castelo dos Mouros... Enfim — idade nos interessa descrever.

O Estádio Nacional, o aquário Vasco da Gama e o posto emissor de Barcarena ficam situados neste concelho. Paço d'Arcos, uma das maiores povoações da costa tem atrás de si a tradição de pioneirismo dos processos de salva-vidas em Portugal, cuja figura de proa é o Patrão Lopes, falecido em 1890.

É desta zona turístico-habitacional de raízes históricas tão velhas que se trata de conhecer a situação dos transportes colectivos. Questão fundamental da sua sobrevivência (viabilidade) actual.

O velho, o senhorial, o histórico junto ás areias de sempre

ESTORIL

ONDE SE FALA DO MARQUÊS DE POMBAL E DA AMENIDADE DAS ÁGUAS

IGNORA-SE o mais antigo passado de Cascais e restantes vilas do concelho, mas sabe-se que foi pertença dos mouros até à reconquista afonsina, que se seguiu imediatamente às de Sintra e Lisboa, em 1147. Em nove de Janeiro de 1154 o primeiro rei do recente condado tornado reino concede à vila um foral, reformado por D. Sancho e substituído por D. Manuel em 1514. Entre os acontecimentos a que a vila assistiu e os compêndios de História registam, ressalve-se a defesa que ela opôs aos exércitos do duque de Alba, sob a chefia de D. Diogo de Meneses, em 1580, o qual, vencido, acabou por ser degolado pelos castelhanos. A cidadela, então destruída pelos invasores (fora mandada edificar por D. João II) é precisamente, depois de restaurada a partir do século XVII, um dos monumentos mais visitados pelos apreciadores de Cascais — adaptada a residência real em 1871, é agora ainda a habitação estival do Chefe do Estado. Aliás, a vila, tornando-se a estada habitual dos reis no Verão, arrastou assim para ela a atenção de «snobs» e escritores, chamando para si a notoriedade de alguns factos históricos — o próprio D. Luís morreu lá, em 1889.

Para além da cidadela, merecem menção a igreja de N.ª S.ª da Assunção (cujo tecto é do pincel de Malhoa), o palácio do Conde ed Castro Guimarães, agora transformado em Museu, projecto (aquele) do arquitecto e pintor Francisco Vilaça.

O Estoril (média de temperaturas: Inverno, 12°; Verão, 18°) é ainda a estância cosmopolita de turismo mais procurada no País, embora a «explosão» algarvia ameace desbancá-la. É zona livre de jogo de azar. Na freguesia, há duas nascentes de água mineral, *Banhos-da-Poça* e *Estoril (termas* duches, inalações, pulverizações, irrigações, banhos de imersão e ingestão...). A temperatura das águas das várias praias estorilistas é de 22,4° de média, uma das mais amenas das nossas costas, se exceptuarmos o extremo sul — e mesmo no Inverno, não é invulgar verem-se estrangeiros a apanhar «sol» nas estreitas fimbrias de areia batida pelo mar Atlântico.

A maior densidade de hotéis do País regista-se nesta região, ocupados quase todos por forasteiros, flutuantes ou não, entre os quais as consabidas «celebridades» da banca, do celuloide e das monarquias apeadas da Europa Central ou das repúblicas latino-americanas.

Oeiras, capital do outro concelho da «linha» é-o desde 1898, depois de uma reforma administrativa em 1895 lhe ter retirado essa qualidade (efemeramente como se vê). O concelho tem 63,92 km² e é defronte da sede respectiva que desagua o Tejo, já assaz minado por água salgada desde a Cruz Quebrada dos esgotos... Em sete de Junho de 1759, D. José concedeu-lhe foral, um dia depois de ter sido elevada a condado na pessoa do ministro todo-poderoso do Reino, Sebastião José de Carvalho e Melo, o qual determinou que aí passasse a decorrer a partir de 1770 uma feira agrícola e industrial, coisa inédita na época. O principal monumento do concelho é o Palácio de Queluz, ficando portanto no *outro lado* da autarquia, escapando à «linha» que

Ele talvez volte as costas aos «ciganos do mar» e a industria o receba

A ESCOLA E A CADEIA VIVEM LADO A LADO

(Continuação da pág. anterior)

tónio. Com efeito, o aumento da população dos ultimos anos vem agravar de modo especial na zona de Vila Franca o problema da habitação.

A ESCOLA «NA CADEIA»

Numa primeira abordagem aos problemas do concelho de Vila Franca, merece relevo a questão do ensino. Ainda não há muito, entraram em funcionamento 14 novas salas de aula para o ensino primário e a Camara tem já prontos os projectos para mais 34 salas cuja construção está mesmo autorizada. A Camara não dispõe, porém, de terrenos, tudo dependendo agora da aprovação superior dos planos de urbanização feitos.

O que está, contudo, em foco, neste momento, refere-se ao ensino secundário ou, mais concretamente, ao liceu (que ainda não existe) e á escola técnica (que funciona em condições menos que satisfatórias).

Antes de mais nada, os habitantes de Vila Franca querem um liceu para evitar que milhares dos seus estudantes tenham de deslocar-se diáriamente a Lisboa. Ao mesmo tempo, querem um edifício próprio para a sua escola técnica que funciona, actualmente, nas suas primeiras instalações, na cantina, no antigo hospital da Misericórdia, no antigo matadouro, em edifício cedido pela Liga dos Combatentes e no antigo tribunal. Deve acentuar-se que, no rés-do-chão deste ultimo edifício funciona também a cadeia.

A Escola Técnica de Vila Franca de Xira existe há dez anos e tem hoje uma frequência de cerca de três mil alunos.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

Actualidade internacional

VIETNAM DO SUL: Atacados mais de cem objectivos

SAIGÃO, 12 — (A. N. I.) — As forças do Vietnam do Norte e da F.N.L. metralharam de madrugada mais de cem objectivos aliados e lançaram ataques de Infantaria contra bases norte-americanas na fronteira do Vietnam do Sul com o Cambodja.

Em três dos assaltos ás posições dos Estados Unidos a noroeste de Saigão morreram catorze soldados norte-americanos e ficaram feridos 89. O inimigo teve mais de cento e cinquenta mortos.

As forças da Primeira Divisão norte-americana de Cavalaria abateram 78 norte-vietnamianos que haviam atacado o acampamento de uma brigada, próximo de Quan Loi, a cem quilómetros de Saigão. No ataque, foram utilizadas armas automáticas, granadas de morteiro e cargas de fragmentação.

Alguns norte-vietnamianos atravessaram a vedação de arame farpado antes de terem sido obrigados a recuar, sob fogo de canhão e de peças de artilharia. Os norte-americanos sofreram seis mortos e quarenta e dois feridos.

Nos círculos militares norte-americanos afirma-se ter sido o início de nova ofensiva comunista.

Não se registava tal intensidade da luta desde 6 de Junho, altura em que foram atacados cento e dois objectivos no Vietnam do Sul.

Quase ao mesmo tempo, forças regulares norte-vietnamianas atacaram um acampamento ocupado pela Primeira Divisão de Cavalaria e por tropa sul-vietnamiana, próximo de Phuco Binh, 96 quilómetros a norte de Saigão. Os defensores abateram vinte atacantes, tendo os norte-americanos sofrido dois mortos e oito feridos.

Já antes haviam sido mortos seis norte-americanos e feridos 39, quando as tropas norte-vietnamianas assaltaram uma zona de aterragem, a sueste de Katum, cem quilómetros a noroeste de Saigão. Os comunistas sofreram 54 mortos.

Fraqueza da libra

NOVA YORK, 12 — (F. P.) — A desvalorização do franco não provocou até agora nenhum pânico no mercado dos câmbios. Tal foi a conclusão a que chegaram os cambistas de Nova York depois do primeiro dia de transacções, após a modificação da paridade da divisa francesa, dia que se caracterizou pela estabilidade do franco, pela firmeza do marco e ainda pela fraqueza acentuada da libra esterlina.

Três das cinco vítimas da chacina de Los Angeles. Da esquerda para a direita, a actriz de cinema Sharon Tate, casada com o realizador Roman Polanski; o cabeleireiro de homens Jay Sebring, ex-namorado de Tate; e Abigail Folger, uma rica herdeira californiana

O REALIZADOR POLANSKI SOB PROTECÇÃO DA POLÍCIA DE LOS ANGELES

BEL AIR, 12 — (R.) — A Polícia de Los Angeles pôs em liberdade o seu único suspeito no caso da chacina na residência de Sharon Tate, enquanto aumenta o receio entre o público de que um assassino psicopata está a perseguir os moradores das luxuosas vivendas isoladas de Hollywood.

Cinco pessoas, incluindo a «estrela» de cinema Sharon Tate, de 27 anos, foram mortas num banho de sangue na sexta-feira na sua residência, enquanto pouco mais de 24 horas depois o dono de uma cadeia de supermercados da capital do cinema e sua mulher foram assassinados em circunstâncias similares a cerca de 19,2 quilómetros de distância.

A palavra «porco» estava escrita com o sangue das vítimas em ambas as casas. As vítimas do sexo masculino em ambos os assassínios tinham capuzes sobre as cabeças e as mulheres cordas á volta do pescoço.

A Polícia continuava a insistir hoje julgar que não havia qualquer prova de uma ligação entre os dois massacres. Atribuíram o assassínio de Leno la Bianca, de 44 anos, e de sua mulher Rosemary, de 38, a um psicopata tentando aproveitar a publicidade dada á chacina na residência de Sharon Tate.

Ontem, a Polícia libertou o único suspeito que tinha tomado sob custódia no caso do assassínio de Sharon Tate e dos seus amigos, o criado William Garretson, de 19 anos.

Roman Polanski, marido de «miss» Tate e famoso realizador do filme «Rosemary's Baby», foi colocado sob protecção policial e posto numa espécie de reclusão na sua casa de Beverly Hills, a cerca de 8 quilómetros da vivenda que foi cena dos brutais assassínios. Polanski foi demoradamente interrogado pela Polícia a respeito dos amigos de sua mulher.

O advogado do jovem William Garretson, Barry Tarlow, admitiu que a última vítima a ser identificada nos assassínios da casa de Sharon Tate, Steven Parent, de 18 anos, era amigo do Garretson e tinha estado a visitar o «bungalow», onde o jovem Garretson foi encontrado, permanecendo lá até ás 23 horas locais de sexta-feira.

A história contada pelo advogado Tarlow revelou que Steven Parent foi vítima de uma infeliz e incrível coincidência. Quando se dirigia para a frente da vivenda principal no seu pequeno carro encontrou-se de frente com o assassino ou assassinos. Parent levou um tiro no peito através do pára-brisas. O advogado de Garretson diz que o seu cliente não ouviu nem tiros nem gritos e que passou a noite a dormir, a ler e a ouvir discos até que a Polícia irrompeu na sua casa na madrugada seguinte

DE SICA LAMENTA A MORTE DA ACTRIZ

COMO, 12. — (F. P.) — «A morte de Sharon perturbou-me, sinto uma pena profunda», declarou o realizador e actor Vittório de Sica, quando soube da morte trágica da jovem actriz americana.

De Sica, que terminou as filmagens de «Girassóis», com Sophia Loren e Marcello Mastroianni, encontrava-se no casino de Campione quando tomou conhecimento das trágicas consequências da morte de Sharon Tate.

De Sica, que tinha trabalhado ao lado de Sharon Tate em «Doze mais um», o ultimo filme da jovem actriz, acrescentou: «É uma perda grave para o cinema. Sharon era uma verdadeira actriz, bela e honesta. Embora jovem, tinha já obtido êxito e notoriedade. Era fácil prever-lhe uma carreira brilhante».

«Doze mais um» —último filme de Sharon

ROMA, 12 — (F. P.) — «Doze mais um» é o ultimo filme em que entrou Sharon Tate, a esposa de Roman Polansky, uma das vítimas da matança de Los Angeles. O seu realizador, Luciano Lucignani, disse que se trata da história de treze cadeiras de estilo, que devido a golpes do destino andam de um lado para outro Europa fora, indo-lhes na peugada uma bonita rapariga (Sharon Tate) e uma quantidade de pessoas desejosas de se apossarem dessas cadeiras. São parceiros de Sharon Tate, Vittorio Gassman, Vittorio de Sica e Terry Thomas.

CCN companhia colonial de navegação

PARTIDAS	DESTINOS
LINHA DE ÁFRICA	
«IMPÉRIO» a sair em 16 de Agosto às 12 horas	Com escala prévia por LEIXÕES para: FUNCHAL, S TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA Carrega até 12 de Agosto.
«GANDA» a sair em 18 de Agosto	Com escala por LEIXÕES, para: CABINDA, SANTO ANTÓNIO DO ZAIRE, LUANDA, PORTO AMBOIM, NOVO REDONDO, LOBITO, MOÇÂMEDES, PORTO ALEXANDRE (se necessário). Carrega de 12 a 15 de Agosto.
«BELGUELA» a sair em 28 de Agosto	Com escala por LEIXÕES para: S. TOMÉ (se necessário) LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega de 19 a 25 de Agosto.
«UIGE» a sair em 8 de Setembro às 16 horas	Com escala prévia por LEIXÕES, para: LAS PALMAS, S. TOMÉ, CABINDA, LUANDA, LOBITO e MOÇÂMEDES. Carrega de 29 de Agosto a 2 de Setembro.
«INFANTE D. HENRIQUE» a sair em 12 de Setembro às 12 horas	Com escala por FUNCHAL, para: LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA. Carrega de 3 a 7 de Setembro.
«PÁTRIA» a sair em 15 de Setembro às 12 horas	Com escala prévia por LEIXÕES, para: FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA. Carrega de 6 a 9 de Setembro.
«VERA CRUZ» a sair em 23 de Setembro às 16 horas	Com escala por LAS PALMAS, para: LUANDA e LOBITO. Carrega de 15 a 20 de Setembro.
«LOBITO» a sair em 20 de Setembro	Com escala por LEIXÕES, para: S. TOMÉ (se necessário), LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega de 13 a 17 de Setembro.
«LUGELA» a sair em 27 de Setembro	Com escala por LEIXÕES, para: PRÍNCIPE, S. TOMÉ, LUANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO, MOÇÂMEDES e PORTO ALEXANDRE (se necessário) Carrega de 20 a 24 de Setembro.
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» a sair em 12 de Setembro às 18 horas	Com escala por VIGO e FUNCHAL, para: TENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAU e PORT EVERGLADES (MIAMI). Carrega em 11 de Setembro.

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telef. 369621/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Tel. 23342

GÁS MORTAL

WASHINGTON, 12—(A.N.I.) — A Alemanha Ocidental e Okinawa são os dois únicos locais, fora dos Estados Unidos, onde as Forças Armadas norte-americanas têm armazenadas reservas de gás venenoso — afirmou um informador da Secretaria de Estado norte-americana.

FUGA DE BANHISTAS DAS PRAIAS JAPONESAS APÓS UM SISMO

TÓQUIO, 12. — (R.) — Milhares de banhistas fugiram hoje das praias e barcos de pesca refugiaram-se nos portos, após avisos de que macaréus poderiam assolar as costas japonesas, banhadas pelo Pacífico, a seguir a um sismo razoávelmente violento.

Contudo, os macaréus não representaram a ameaça que se esperava e não havia notícias de vítimas ou estragos em consequência deles ou do terramoto até meio da manhã.

Chuvas torrenciais, que se têm registado durante os últimos três dias nas costas central e ocidental do Japão, provocaram já oito mortos e 39 feridos e o desaparecimento de seis pessoas. A Polícia comunicou que 36 casas foram levadas pelas águas das inundações, 230 destruídas e mais de 15 000 alagadas. Ficaram, também, destruídas cerca de 200 pontes.

Ocorreram ainda desmoronamentos de terras em 506 locais e 36 barcos pequenos foram arrastados pelas águas ou sofreram estragos.

A chuva continua ainda a cair naquelas áreas.

Prisão de 26 guerrilheiros no Estado da Guanabara

RIO DE JANEIRO, 12. — (F. P.) — Continuam as buscas começadas na passada quinta-feira pela Marinha brasileira, procurando localizar no Estado da Guanabara um centro de guerrilha.

A existência de tal centro não foi confirmada nem desmentida oficialmente e os jornalistas não têm acesso á zona — a Serra de Posse — onde decorrem as operações.

Foi na quinta-feira que, segundo fontes oficiosas, um antigo marinheiro detido por ter participado num ataque contra um banco, revelou a presença deste centro rebelde. No total, participaram nas buscas dois mil homens: tropas da infantaria da Marinha e agentes dos Serviços Secretos militares e da Polícia federal, bem como unidades do Exército de terra enviadas como reforço.

Segundo as mesmas fontes, teriam sido presos 26 guerrilheiros. Alguns deles seriam antigos marinheiros fugidos da prisão em Maio passado. Tinham sido detidos por actividades subversivas. Segundo outras fontes oficiosas, foram feridos quatro guerrilheiros durante o ultimo fim-de-semana, num recontro com as forças governamentais. Estas mataram um outro, no sábado, na altura em que passavam uma busca a uma casa situada na propriedade do coronel reformado Hilton Neves, onde foi apreendida uma importante quantidade de armas e de granadas. Um sargento do Exército regular afirma que os guerrilheiros conseguiram fugir com o auxílio dos camponeses. Alguns destes declararam que os guerrilheiros poderiam agora estar refugiados na Serra de Ingaiga, de onde poderiam atingir outras regiões e escapar ao Exército.

Outra mulher no carro de Kennedy?

NOVA YORK, 12 — (R.) — Segundo uma história hoje publicada pela revista «Time», no carro do senador Edward Kennedy, quando ele mergulhou num canal ocasionando a morte da secretária Mary Jo Kopechne, podia muito bem ter viajado outra mulher.

A história publicada pela «Time» tinha o título de «Os Kennedys sob suspeita» e a versão apresentada pode ou não corresponder á verdade.

Segundo o relatório de um agente federal, secretamente nomeado para guardar o senador Kennedy, diz-se que ele viu Mary Jo Kopechne abandonar uma vivenda onde se estabelecera uma campanha para os operários que apoiam o senador Kennedy e instalar-se no lugar traseiro do automóvel onde acabou por adormecer

Algum tempo depois, segundo esta versão, Kennedy e outra rapariga que estava na festa, Rosemary Keough, entraram no carro, sem repararem que Mary Jo estava a dormir lá atrás, e dirigiram-se para a ponte onde ocorreu o fatal acidente.

O relatório apresentado pela versão da «Time» sugeria que o senador Kennedy e a companheira tinham escapado do carro submerso, sem se darem conta de que a loira Mary Jo ficara lé dentro.

FRANÇA: 330 mil portugueses

PARIS, 12 — (A. N. I.) — Segundo as estatísticas do Ministério dos Assuntos Sociais, há 330 mil portugueses em França, entre 3 100 000 estrangeiros, que representam seis por cento da população total. Os portugueses são, assim, em numero, a quarta comunidade estrangeira, depois da italiana (660 mil), da espanhola (695 mil) e da argeliana (600 mil) e antes da polaca (144 mil), da marroquina (cem mil), da tunisiana (60 mil) e da jugoslava (54 mil).

Por outro lado, o boletim da Junta Nacional de Imigração informa que de 1946 a 1966 se fixaram permanentemente em França 554 mil trabalhadores italianos, 420 mil espanhóis e 201 mil portugueses (14 por cento do total de 1 423 000 estrangeiros).

Ainda segundo o organismo nacional de imigração, Portugal forneceu em 1967 o maior numero de imigrantes, que vieram em especial para a região de Paris e para a região Ródano-Alpes. A imigração de famílias nesse ano englobou 54 500 pessoas, 80 por cento das quais vindas de Portugal, da Espanha e da Itália.

Em 1968, entraram 93 165 imigrantes permanentes, menos 13,5 por cento do que em 1967, mas a imigração de famílias, em ligeira progressão, especialmente de Portugal e da Espanha, totalizou 55 812 pessoas.

REFORÇADA A POSIÇÃO DE KAUNDA

LUSAKA, 12. — (R.) — O presidente Kenneth Kaunda, da Zambia, reforçou a sua autoridade política com a comunicação de reformas económicas, incluindo planos sensacionais para nacionalizar a gigantesca industria do cobre, segundo julgam observadores políticos desta capital.

O presidente conseguiu satisfazer muitas aspirações zambianas, enquanto, ao mesmo tempo, deixava elementos radicais sem razão para queixas — disseram os mesmos observadores.

Primeira conferência de Imprensa dos lunautas da Apolo-11 depois do seu histórico voo

HOUSTON, 12 — (R.) — Os astronautas Neil Armstrong, Edwin Aldrin e Michael Collins revelarão hoje ao Mundo como efectuaram a viagem para a Lua e realizaram o primeiro desembarque do Homem noutro corpo celeste.

Os lunautas da Apolo-11 deverão fazer os seus primeiros comentários publicos sobre a histórica missão numa conferência de Imprensa, que se realiza no centro de naves espaciais tripuladas, nesta cidade. A conferência será televisionada directamente e transmitida por meio de satélite para a Europa Ocidental e Oriental.

A ultima vez que os astronautas se avistaram com a Imprensa foi em principios de Julho, pouco antes de serem lançados de Cape Kennedy para a Lua. Então, sentaram-se por detrás de uma protecção de plástico para se ter a certeza de que nenhuns germens terrestres, que pudessem ser portadores os jornalistas, prejudicassem a missão.

Hoje não haverá tal barreira. Os astronautas foram declarados livres de qualquer infecção provocada por germens lunares, no domingo, á noite, após 21 dias de quarentena, e autorizados a seguirem para os seus lares, a fim de se reunirem ás famílias.

Entretanto, cientistas que examinam pedras, cascalho e pó lunares, recolhidos por Armstrong e Aldrin, não encontraram, até agora, qualquer sinal de vida, passada ou presente, na Lua.

Contudo, apesar dos astronautas terem saído da quarentena, a agência do espaço, resolvida a eliminar todas as possibilidades de algum germen lunar desconhecido contaminar a Terra, manterá o material lunar de quarentena até serem conhecidos os resultados de mais exames biológicos.

Nenhumas outras actividades estão marcadas após a conferência de Imprensa de hoje, que se espera dure duas horas. Amanhã, os três homens efectuam uma viagem-relâmpago a três cidades, a fim de serem aclamados pelos seus compatriotas.

Os astronautas seguirão de avião para Nova York, onde participarão num desfile e em cerimónias no City Hall e no edifício da Assembleia Geral da O.N.U., num desfile e cerimónias semelhantes em Chicago e num banquete oficial oferecido em Los Angeles pelo presidente Nixon — tudo no mesmo dia.

O ASTRONAUTA norte-americano Don Eisele casou-se agora pela segunda vez (na foto, a noiva), devendo o casal passar a lua-de-mel em Acapulco, no México, após o que se fixará em Houston

TERMO DO CONGRESSO DO P. C. ROMENO

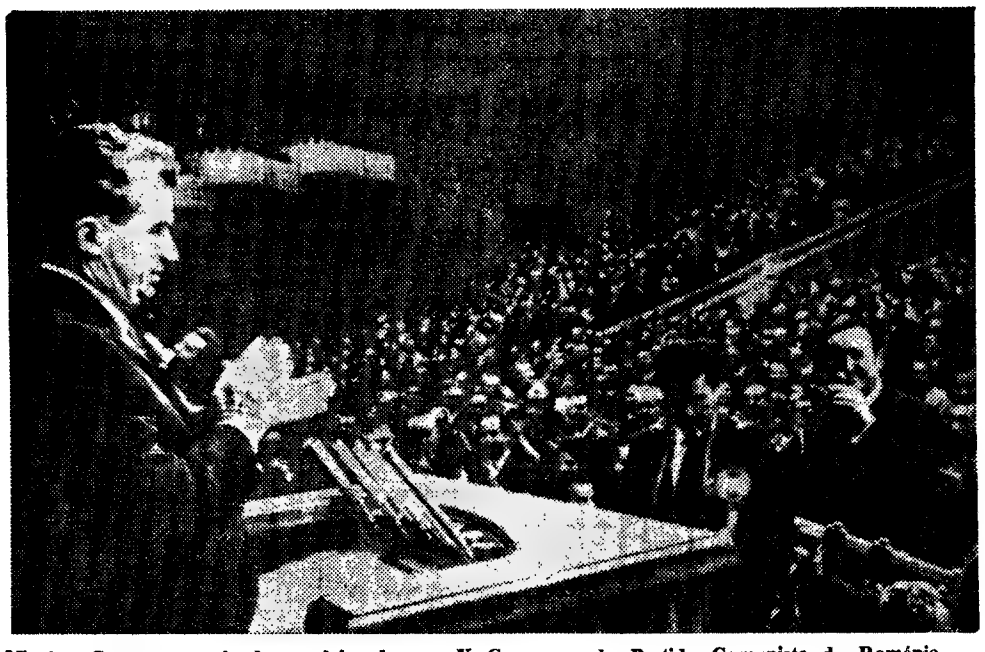
BUCARESTE, 12. — (F. P.) — O Décimo Congresso do Partido Comunista romeno terminará hoje com a reeleição triunfal do secretário-geral do P. C., Nicolau Ceausescu.

Antecipando a votação histórica de hoje (será a primeira vez que um chefe de Partido vai ser eleito pelo Congresso e não pela comissão central), os congressistas aprovaram por aclamação o seu relatório de 131 páginas, que discutiram durante três dias.

O Congresso aprovou, também, todos os documentos económicos (nomeadamente o próximo plano quinquenal) e políticos que lhe foram apresentados, bem como a resolução final.

Numa intervenção que constituiu o facto mais saliente do dia, Dimitriu Popesco, antigo redactor-chefe da «Scientia», disse que cada nação devia ser livre de decidir o seu destino, sem intervenção do exterior. Dirigindo-se a um adversário, de que não citou a nacionalidade, afirmou que o povo romeno está pronto a defender «se necessário com o sacrifício supremo», as conquistas marxista-leninistas do Partido Comunista romeno. Estas afirmações, segundo os observadores, revestem-se de particular importancia na boca de um dos mais jovens chefes do P. C. romeno.

Estas afirmações não devem, porém, ser interpretadas como uma provocação, mas antes como um aviso. Os romenos desejam vivamente manter excelentes relações com a União Soviética e não desesperam de ver, pelo menos, um dos chefes do Kremlin vir a Bucareste em 23 de Agosto próximo.



Nicolau Ceausescu, aplaude os delegados ao X Congresso do Partido Comunista da Roménia. O Congresso encerra hoje com a reeleição de Ceausescu (por aclamação) para o cargo de secretário-geral do partido

O P. C. francês critica a desvalorização

PARIS, 12 — (R.) — A mais enérgica oposição — e também a primeira — a desvalorização do franco registou-se hoje ao ser publicado no «L'Humanité» um ataque do Partido Comunista Francês contra a medida.

O comunicado, emitido pela secção política, foi publicado na primeira página do órgão oficial do P. C.

Diz. «Contrariamente ao que o Governo afirma, a desvalorização podia ter sido evitada com medidas enérgicas quanto a preços contra o desenvolvimento da produção, em conformidade com as necesidades nacionais».

Declara ainda que a desdesvalorização faria subir automàticamente os preços e reduziria o poder de compra dos salários e das economias da classe trabalhadora.

A unica forma de assegurar a saude do franco era a nacionalização dos sectores principais da economia, dizia o comunicado, que pedia a criação de um Governo que o fizesse.

Entretanto, o presidente Gorges Pompidou, revelou a noite passada julgar que a desvalorização era inevitável, mesmo quando o seu antigo mentor, o general de Gaulle, resistia ferozmente contra a medida.

Emissora clandestina chinesa

HONG-KONG, 12. — (F. P.) — Uma emissora clandestina chinesa, captada em Hong-Kong, acusou hoje Mao Tsé Tung e Lin Piao de serem «mais traidores que Chang Kai Chek e Yuan Tsé Kai».

A emissora, que se declarou «A Voz do Exército de Libertação», acusou Mao de «adoptar medidas contra o povo e o socialismo», entendendo que a sua ultima palavra de ordem — «não receiam as dificuldades nem a morte» — se destinava a consolidar o poder pessoal.

ECOS

FOI em Itália que se verificou a primeira revolta aberta da matéria cinzenta europeia contra o capitalismo americano, sob a forma de greve, vitoriosa, de duzentos e cinquenta engenheiros da C.T.I.P. (Companhia Técnica da Indústria de Petróleo). A greve durou um mês e finalmente foi satisfeito o desejo de autogestão dos 250 engenheiros. Deste modo a C. T. I. P., que, em 94%, é filial da Arthur McKee Engineering de Cleveland (Ohio), passa a ter completa autonomia quanto a decisões de política industrial a curto ou longo prazo e o pessoal terá doravante participação nos lucros, através de acções. Além disso, serão defendidas as descobertas científicas dos investigadores italianos, haverá reinvestimento de lucros na empresa. A italianização da companhia americana consuma-se enfim em todos os aspectos essenciais.

UM dos fenómenos da edição em França é Guy des Cars. Não se trata, contudo de um grande romancista, embora venda mais de três milhões de volumes por ano. Tão-pouco se pode considerar um mau escritor. Figura até em excelentes colecções de **poche**, redige bem, tem o **métier** necessário para interessar com inteligência. Apenas sucede que nada nos diz de profundamente pessoal. Vangloria-se de falar dos outros e não de si próprio. Mas, precisamente, o autêntico grande escritor quando mais objectivamente fala dos outros é quando inadvertidamente se conta, ou seja, quando mais subjectivamente fala de si próprio. Os mais célebres romances de Guy des Cars são **L'Impure** (onde aborda o caso dos leprosos), **La Brute** (que trata dos surdos-mudos), **La Corruption** (o drama dos cancerosos) e **Les Filles de Joie** (a patologia da prostituição).

CENTENAS DE TURISTAS «INVADIRAM» LISBOA

• A ESTUFA FRIA E A FEIRA DA LADRA FORAM OS PRINCIPAIS ATRACTIVOS

Centenas de turistas — na sua maior parte, provenientes dos diversos barcos que estão no Tejo — partiram hoje á conquista das belezas da capital, mal o sol começou a banhar a cidade. Autêntica babel, o Parque Eduardo VII, e, nomeadamente, a Estufa Fria, mereceram a atenção de turistas das mais diversas nacionalidades.

Os recantos aprazíveis, o ambiente de frescura, as plantas exóticas — tudo isso, na verdade cativou os visitantes da Estufa, que murmuraram «belo», em diversas línguas por diversas vezes. Só de manhã, o numero de visitantes forçava pelas sete centenas, calculando-se que, durante o dia, cerca de um milhar por ali passasse.

Os americanos, sobretudo, não poupavam película para gravar os motivos que mais interesse lhes haviam despertado, e os disparos das máquinas fotográficas e o zumbido das de filmar misturavam-se á suave musica de plano, transmitida pelos amplificadores ocultos na folhagem.

O dia de hoje foi desusado em numero de visitantes — e isso explica-se pelo numero de barcos no porto.

— *Quais os estrangeiros que mais se interessam pelas belezas da Estufa Fria?* — perguntámos a uma guia-intérprete.

— *Os ingleses, sem duvida alguma. E, sobretudo, claro, as pessoas mais idosas. Chegam-nos com perguntas, querem saber o nome de todas as plantas...*

Uma sugestão: porque não colocar, nas plantas mais exóticas, pelo menos, placas com nomes vulgares? Os nomes científicos (em latim) são por demasiado arrevezados e muitos já estão quase apagados.

A Sé e a igreja da Madre de Deus são outros dois pontos muito procurados pelos turistas, e de passagem obrigatória em quase todas as excursões. Algumas camionetas, carregadas de estrangeiros, seguiam para a margem Sul, no intuito de ver o monumento ao Cristo-Rei, e o panorama da Ponte, claro.

Feira da Ladra em «edição» para turistas...

Também a Feira da Ladra, sem dúvida um dos pontos de interesse mais valiosos da capital, no capítulo do exotismo e do colorido, registou hoje a presença de muitos estrangeiros. Só de vez em quando, com efeito, se ouviam algumas palavritas em português. O inglês dominava.

As barracas de antiguidades e as de objectos de co-

Um

bre eram
ções at
preços. E
fresca...

Numa
tos se
vros, e
ções de
«naïf», t
nos apre
bolso. O
ao dicio
preço, e
na (de
apurámo
cálculos,
mente o
graçava.

Na fa
dedor e
recorriam
ra se en

— *Qua*
de ouro?

— *Si,*

Surpre
va do no
fico, a
tiu a pe
a foto, e
quando
va a um

— *Os*
— *não*
fotografa
gente q
as objec

A con

CICLO PREPARATÓRIO

Terá capacidade superior a mil alunos a escola do Barreiro

BARREIRO, 12 — Ao abrigo das realizações previstas no III Plano de Fomento, foram adjudicadas pela Junta das Construções para o Ensino Técnico e Secundário do Ministério das Obras Publicas, para execução imediata, as empreitadas de construção civil dos diversos estabelecimentos de ensino entre os quais o da Escola do Ciclo Preparatório do Ensino Secundário do Barreiro.

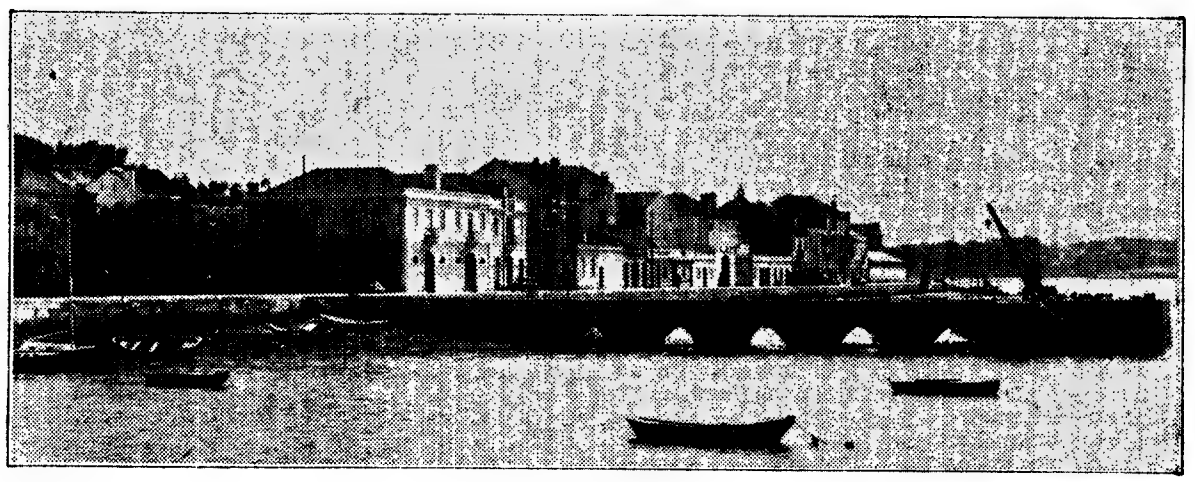
A edificação da nova escola, há muito de imperiosa necessidade para o ensino local, vem permitir um maior desafogo á superlotada Escola Industrial e Comercial Alfredo da Silva, em cujas instalações tem estado a funcionar a Escola do Ciclo Preparatório Álvaro Velho.

A nova escola a construir terá uma capacidade superior a 1000 alunos, ficará situada próximo da estação do Lavradio e entrará em funcionamento no ano lectivo de 1971-1972.

Sessão cultural de cinema nas Belas-Artes

Organizado pelos cineclubes ABC, Imagem e OCUL realiza-se esta noite, na S. N. de Belas-Artes, pelas 21 e 30, uma sessão com o filme de Jean Cocteau «L'Aigle à deux têtes», em versão original.

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO



inaugurou as suas novas instalações no

SEIXAL

uma das suas 153 dependências

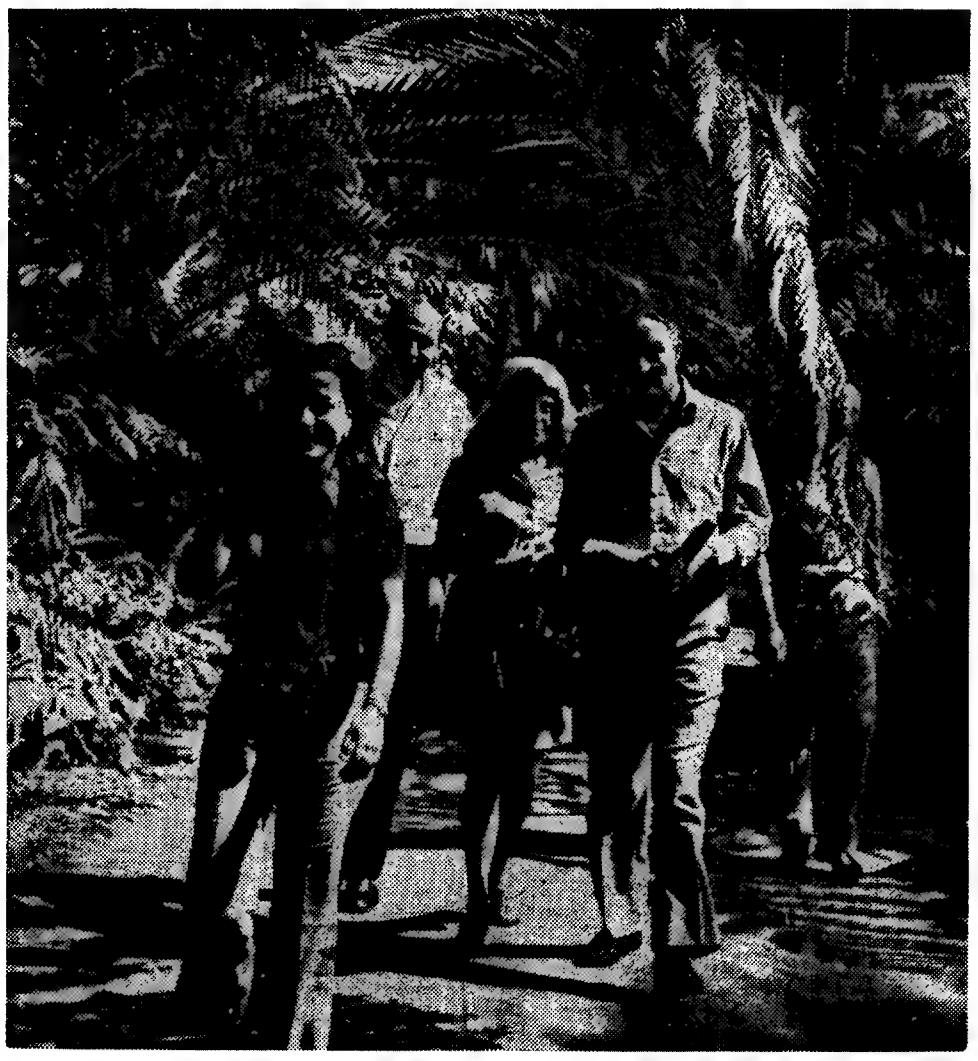
expansão do

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
o Banco do Povo ao serviço de Portugal

NOIVOS
As alianças e prendas da OURIVESARIA DA MODA dão felicidade
RUA DA PRATA, 257

Operações c
BANCO DO ALEN

QUALIDADE ESTILO
EMERS
FRIGORÍFICOS D
A PREÇOS NOR
à venda nas casas espe
distribuidores: EST. M. SIMÕ
43, RUA DOS DOURADORES, TELEF. 3



Uma imagem da selva? Não, apenas alguns turistas de visita á Estufa Fria!

bre eram as que mais atenções atraíam. Discutiam-se preços. E apregoava-se água fresca...

Numa barraca onde os cristos se misturavam com livros, e todas as manifestações de arte mais ou menos «naïf», três turistas americanos apreciavam relógios de bolso. O vendedor recorria ao dicionário para dizer o preço, e a senhora americana (de Nova York, como apurámos mais tarde) fazia cálculos, olhando constantemente o relógio com que engraçava.

Na falta de melhor, vendedor e possível compradora, recorriam ao castelhano, para se entenderem.

— *Quanto em dólares? E' de ouro? Trabalha?*

— *Si, si, marcha mui bien!*

Surpreendida pela objectiva do nosso repórter fotográfico, a americana não resistiu a perguntar para que era a foto, e ficou entusiasmada quando soube que se destinava a uma reportagem.

— *Os portugueses* — disse — *não gostam muito de ser fotografados, não acha? Há gente que se incomoda com as objectivas dos turistas...*

A conversa versou depois sobre as compras na feira.

— *Se eu comprar o relógio, que o vendedor afirma ser muito antigo mas que é um tanto caro, ele dar-me-á uma garantia? E' que se não dá, prefiro ir a uma loja, mesmo que lá seja mais caro...*

— *Quantos dias vai permanecer em Portugal?*

— *Apenas três. Estive dez em Espanha, mas só reservei três para Portugal. Ontem, passeie por Lisboa, para ficar com uma ideia e hoje visito esta feira, que me parece ser algo de muito interessante.*

E faz-nos uma ultima pergunta:

— *O meu retrato sai? Bem vê, no caso de sair, quero guardar o jornal!*

O castelo de S. Jorge também regurgitava de estrangeiros, maravilhados com o panorama.

O «Statendam» trouxe 650 excursionistas

Procedente dos portos de Rotterdam, Torquay, Casablanca, Barcelona, Ajjacio, Civitavechia, La Goulette (Tunísia), Málaga e Gibraltar, atracou esta manhã, ao cais da Rocha Conde de Óbidos, o paquete «Statendam», trazendo a bordo 650 excursionistas, de diversas nacionalidades.

O navio, que pertence á Holland-America Line, efectua o «Summercruise to the Mediterranean» — e sai amanhã com destino a Southampton.

Turistas americanos holandeses, franceses, alemães e ingleses, nomeadamente, iniciaram, mal o navio atracou, excursões a Sintra, Queluz, Cascais, Estoril, Fátima, Alcobaça, Batalha, etc.

Alguns preferiram antes de mais nada, passear pelos pontos de interesse turístico da capital.

Esta noite, cerca das 22 horas, a bordo do «Statendam», exibem-se os grupos Infantil e Académico de Santarém, que apresentam alguns numeros do folclore ribatejano aos 650 excursionistas.

A americana ouve o tique-taque do relógio de bolso. «Marcha mui bien» — esclarece o vendedor

A «DAMA LOIRA» FOI PRESA

JUNTAMENTE COM COMPANHEIRAS DE «TRABALHO»

Foi presa por uma brigada da Secção de Justiça da P.S.P. de Lisboa, na madrugada de 10 do corrente, na Rua da Fé, Odete Souto Oliveira, «A Dama Loira», de 40 anos, solteira, natural de Lisboa, onde reside na Rua Caetano Palha, 10-1.º direito, em consequência de se ter evadido do Hospital de São José, onde se encontrava internada sob prisão.

Interrogada na Secção de Justiça da mesma Polícia, confessou ter praticado diversos furtos, em estabelecimentos comerciais desta cidade, Vila Franca, Amadora, Setubal e Almada, na companhia de Constância de Oliveira Baptista, de 39 anos, casada, natural de Lisboa e residente na Travessa Particular á Rua Possidónio da Silva, barraca n.º 47, que também foi detida, e, ainda, de Odete Mega, Eva Peixeira e de um individuo que é apenas conhecido por Rogério. Este individuo conduzia um veículo, onde todos se transportavam para a prática das suas proezas.

As primeiras arguidas confessaram ainda terem ido e telefonado a diversas parteiras, informando-as de que as clientes por elas tratadas se encontravam bastante doentes, e que se não lhes dessem determinada importancia as denunciavam, conseguindo, assim, apanhar áquelas alguns milhares de escudos, que depois dividiam entre si.

A primeira arguida pediu ainda a Clotilde Salgueiro da Silva que a apresentasse nos estabelecimentos comerciais, a fim de adquirir artigos, em regime de prestações, para seguidamente os empenharem ou venderem e gastarem o produto em proveito próprio.

As arguidas foram enviadas nesta data á Polícia Judiciária acompanhadas do respectivo processo.

Violento incêndio devorou algodão

armazenado em Matosinhos no valor de vinte mil contos

MATOSINHOS, 12 — Cerca das 4 horas da madrugada foram reclamados os socorros dos bombeiros voluntários do concelho de Matosinhos para a Rua Sousa Aroso, naquela vila, onde se manifestara violento incêndio em fardos de algodão, num armazém pertencente ao sr. José Guilherme Lira de Magalhães. O edifício, de construção moderna, erigido há cerca de um ano, é todo em betão armado e coberto de fibrocimento e ocupa uma área de cerca de 1800 metros quadrados. Estavam ali cerca de mil toneladas de fardos de algodão, consignados á firma Têxtil, de Manuel Gonçalves.

As chamas propagaram-se com grande rapidez ao algodão, o que obrigou os bombeiros a trabalho árduo para as extinguirem, o que levou tempo, pois os incêndios deste género são difíceis de dominar.

No local compareceram os Bombeiros Voluntários de Leixões, Matosinhos-Leça, Leça do Balio, São Mamede de Infesta, Moreira da Maia, Gondomar, Areosa e Ermesinde, os quais montaram trinta agulhetas, alimentadas a agua fornecida pela cisterna dos Serviços Municipalizados. Foram, ainda, utilizados cinco carros de nevoeiro e o total de bombeiros que combateram o fogo foi de cerca de setenta, sob o comando do sr. eng.º Oliveira e Silva, comandante dos Voluntários de Leixões.

O edifício envolvido pelas chamas fica pegado á Fábrica de Conservas Nero & C.ª; e os bombeiros isolaram por meio de uma «cortina de água» aquelas instalações, para se evitar que o fogo se lhes propagasse.

Ignoram-se as causas do sinistro, e os prejuizos estão estimados em cerca de vinte mil contos.

Durante o ataque ao fogo, feriu-se o bombeiro voluntário, sr. Isolino Ulisses, de 34 anos, dos voluntários de São Mamede de Infesta. Foi levado para o Hospital de S. João, pois sofreu fractura de um pé.

Os trabalhos de rescaldo devem prolongar-se por alguns dias.

A REUNIÃO DO ROTARY CLUBE

A reunião de hoje do Rotary Clube de Lisboa, na qual tomaram parte visitantes e convidados, foi presidida pelo sr. dr. Angelo de Almeida Ribeiro; dirigiu o protocolo e apresentou saudações o sr. eng.º Lopes Pinheiro e o expediente esteve a cargo do secretário, sr. eng.º Guimarães Ferreira.

O presidente referiu-se ao desejo manifestado pelos rotários italianos, de se constituir um «comité» rotário entre os dois países, á semelhança dos «comités» luso-brasileiro e luso-francês.

Disse, depois o sr. dr. Angelo de Almeida Ribeiro ter sido oferecedia ao clube uma composição sinfónica para coro e orquestra, denominada «Hirosshima-Poema», da autoria do rotário e grande compositor helénico Gaetano Giuffré, componente activo do Rotary Clube de Corfu (Grécia), a qual — acrescentou — já foi executada na própria cidade onde deflagrou a segunda bomba atómica, em 1945 e se pretende fazer interpretar por um agrupamento sinfónico português.

O sócio sr. Guillermo Nadal, antigo presidente da Ford Lusitana, falou de «A Juventude e o seu Problema». Escutado com muito interesse, falou do condicionalismo da actividade estudantil e as aspirações dos jovens,

ões de Bolsa
ALENTEJO

STILO VALOR
RSON
OS DE LUXO
NORMAIS
s especializadas
. SIMÕES JR., S.A.R.L.
TELEF. 36 1763 — LISBOA

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

a grande EXCURSÃO
do ano "SONHO do JAPÃO"
JAPÃO - FORMOSA - MACAU - HONG-KONG - LÍBANO
PÉRSIA - TAILÂNDIA
Partidas: 1 de Julho — 5 de Agosto — 2 e 16 de Setembro
27 dias de viagem. Avião a jacto. Preço desde 41 400$00
abreu a marca das viagens inesqueciveis
Programas: agencia abreu - desde 18
Lisboa - Av. Liberdade, 160 · Porto - Av. Aliados, 207 · Coimbra - R. Sof
A MAIOR E MAIS ANTIGA DE PORTUGAL

FIXADAS AS DATAS DE ALGUNS JOGOS DA «TAÇA DAS FEIRAS»

BALE, 12 — (F. P.) — O Comité da Organização da «Taça das Cidades com Feira» de futebol anuncia algumas datas para os jogos da primeira volta da competição de 1969-70. Assim, teremos:

Charleroi-Nk. Zagreb — 3-9 e 24-9

Liverpool-Dundalk — 6-9 e 30-9

Arsenal-Glentoran — 9-9 e 29-9

Dunderline - Bordeus — 16-9 e 1-10

Rosenborg Trondheim-Southampton — 17-9 e 1-10

Aris (Salónica)-Cagliari — 17-9 e 1-10

Dinamo Bakou-Floriana (Malta) — 17-9 e 28-9

Partizan (Belgrado)-Ujpest (Budapeste) — 18-9 e 1-10

Internazionale-Sparta (Praga) — 17-9 e 1-10

Lausana-Vasas (Gyoer) — 16-9 e 1-10

F. C. Zurique-Kilmarnock — 17-9 e 1-10

Las Palmas-Hertha Berlim — 17-9 e 1-10

V B. F Estugarda-F. F. Malmoe — 17-9 e 1-10

Anderlecht-F. C. Valur (Islandia) - 10-9 e 16-9 (os dois jogos efectuam-se na Bélgica)

Jeunesse Esch-F. C. Coleraine (Irlanda do Norte) — 18-9 e 1-10

Juventus-Locomotiv Plovdiv — 17-9 e 1-10

Ainda não são conhecidas as datas para os outros jogos.

QUEM PERDEU?

A Junta Autónoma de Estradas informa que se encontram depositados nos Serviços de Portagem, em Sacavém, os seguintes artigos perdidos na Auto-Estrada do Norte (E. N 1): um fogão de campanha incompleto, a gás e uma mala de viagem contendo peças de roupa de senhora e de homem, jóias, pastas de creme, maços de cigarros, etc.

Melhoramentos em Vermoil

PORBAL, 12 — Está previsto na freguesia de Vermoil o alcatroamento da estrada municipal Vermoil-Barracão obra já há alguns anos esperada Prestes a concluir-se está um edifício escolar com quatro salas, para atender às necessidades do ensino primário, substituindo assim o antigo que se encontra em mau estado de conservação, dado o perigo que oferece aos alunos e professores.

Veio de França e atropelou um ciclista

LEIRIA, 12 — Um automóvel de matrícula francesa, conduzido pelo emigrante Manuel Pereira dos Santos, de 24 anos, natural da Moita Redonda, Fátima, atropelou gravemente o rural Joaquim Xavier do Couto Junior, residente em Póvoa, Cós, Alcobaça, que se teria atravessado imprudentemente diante do carro.

O ferido foi conduzido ao hospital desta cidade, onde ficou internado, em estado desesperado.

CAIU DO POSTE

ÉVORA, 12 — Quando trabalhava num poste de iluminação junto á passagem de nível de Reguengos de Monsaraz, despenhou-se de uma altura de sete metros o guarda-fios da reserva António da Ascensão Celes, de 30 anos, casado, residente no Largo dos Penedos, 9 desta cidade.

Encontra-se internado em estado muito grave no hospital desta cidade, para onde foi transportado de urgência.

RAPAZ ATROPELADO

SEIXAS, 12 — Na estrada nacional foi atropelado o pequeno José Manuel Gonçalves Areias, de 7 anos, filho do industrial de Benguela sr. Herculano Gonçalves.

O automóvel vinha na sua mão, em pouca velocidade e o garoto saiu do «Café Carioca», sem reparar no perigo. Foi para o hospital de Viana do Castelo.

Juvenal e Dinis vêm com o Sporting

LUANDA, 12. — (A. N. I.) — Ao partir para a Metrópole na madrugada de quinta-feira, o Sporting Clube de Portugal deve levar já consigo os jovens futebolistas Juvenal e Dinis, até aqui avançados do A. S. A., campeão de Angola — declarou o presidente da direcção dos «leões», dr. Brás Medeiros, ao visitar a redacção do vespertino «ABC», acompanhado pelo vice-presidente, dr. Pereira da Silva.

Quanto ao reatamento das relações com o Benfica, o dr. Brás Medeiros reafirmou na mesma altura que devem concretizar-se, **«pois interessam a ambos os clubes»**. E recordou que o presidente do Município de Lisboa, general França Borges, já frisara a necessidade de se acabar com discórdias quando concedeu ao Sporting e ao Benfica os terrenos onde se encontram os estádios de Alvalade e da Luz.

Empossado o subdirector do Gabinete do Novo Aeroporto de Lisboa

Em cerimónia realizada hoje, ás 12 horas, foi empossado no cargo de subdirector do Gabinete do Novo Aeroporto de Lisboa, em comissão de serviço, o eng.º António Francisco de Aguiar, que desempenhava as funções de director dos Serviços Técnicos da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil.

A posse foi-lhe conferida pelo eng.º Vítor Veres, secretário-geral do Ministério das Comunicações, tendo assistido á cerimónia o titular da pasta, brigadeiro Fernando de Oliveira, e numerosos altos funcionários do Ministério e de organismos dele dependentes.

PASSOU A NOITE PRESO PELA CABEÇA

ÉVORA 12. — O sr. Joaquim Pacheco Mateus, de 47 anos, casado, trabalhador, residente na Rua das Flores, Alto Pombal, Amareleja, terá uma recordação admirável para a sua velhice se escapar da situação em que se encontra no Hospital da Misericórdia eborense.

Quando a noite passada seguia de bicicleta na ponte de Albordás, desequilibrou-se, indo enfiar a cabeça entre as grades das guardas da ponte e ficando naquela difícil posição até esta manhã, quando definitivamente o conseguiram libertar das grades que o prendiam pelo pescoço.

Está no hospital de Évora, ferido com gravidade.

SUGESTÕES A PROPÓSITO DO PROLONGAMENTO DO «METROPOLITANO» ATÉ ALVALADE

O nosso estimado leitor sr Carlos Marques enviou ao «Diário de Lisboa» uma carta com sugestões pertinentes a propósito do prolongamento da linha do Metropolitano até Alvalade. Aqui as deixamos á consideração de quem de direito:

«Apoiando um artigo e uma «carta ao director», publicados recentemente no «nosso» jornal, referentes ao prolongamento do Metropolitano até Alvalade, sinto-me na obrigação de:

1.º — Apoiar a «carta ao director» em que se manifestava a esperança de que as estações a construir permitam composições de mais de duas carruagens.

2.º — Acentuar que a sugestão, contida no citado artigo, de deslocar o «terminus» da linha para o Largo Frei Heitor Pinto, vulgo largo da Igreja, ter sido já apresentada ao Ex.mo Sr. presidente da Camara, quando da inauguração da Junta de Freguesia de S. João de Brito, o qual, nessa altura, prometeu apoiar a pretensão então exposta.

Gostaria ainda de chamar a atenção para o interesse que haveria em levar o terminal da linha em causa até á Rotunda do Aeroporto, porta de Lisboa e do populoso Bairro dos Olivais.

Parece-me justificável esta ideia na medida em que:

1.º — Existiria um afastamento nítido e por isso util entre os terminais das linhas de Entre-Campos e Alvalade.

2.º — Seria um investimento de rentabilidade assegurada.

3.º — O terminal em zona ainda não urbanizada permitiria instalar por exemplo:

a) Parques de estacionamento para aqueles que se deslocassem ao centro da cidade servindo-se do Metropolitano

b) Paragens para autocarros que completassem a linha do Metropolitano.

c) A Central de Camionagem Lisboa-Província em local bem servido de transportes e nas portas da cidade como se impõe.»

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compra	Vende
Consolidado 4 3/4%	—	—	525$
Consolidado 3%	540$	—	540$
Consolidado 3 1/2%	640$	—	—
Centenários 4%	—	—	1.480$
Obrigs Tesouro 5%	1.002$	1.001$	1.003$
Externo 1.ª Série	—	760$	800$
Externo 2.ª Série	—	800$	—
Externo 3.ª Série	—	—	—
Externo 3.ª Série	—	—	920$
Cautelas 3.ª Série	—	175$	200$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	—	490$
A P I 5% 56	920$	—	930$
A P I 5% 58	920$	—	930$
C P 4 1/2 65	900$	890$	—
C P 5 1/2% 67	—	1.010$	—
C U F 6%	—	1.007$	1.012$
C U F 6% 68	—	997$	—
Gás Elect 4% 48	—	840$	—
Gás Elect 4 1/2 % 51	—	—	—
Gás Elect 5% 52	—	—	905$
Gás Elect 5% 58	—	—	915$
Gás Elect 5% 59	—	—	915$
Gás Elect 5% 62	—	—	—
Gás Elect 5% 63	—	920$	926$
Gás Elect 5% 65	—	—	920$
Gás Elect 5% 67	—	—	—
H E A. Alentejo 5%	—	815$	—
H E Cávado 5%	820$	815$	825$
H E Cávado 6%	—	1.004$	1.006$
H E Douro 5%	820$	815$	825$
H E Douro 6%	1.001$	1.000$	1.003$
H E Norte Port 5%	—	830$	—
H E S Estrela 6%	—	990$	1.000$
H E Zêzere 5% 55	—	—	—
H E Zêzere 5% 57	—	—	—
Lisnave 6%	—	1.000$	1.004$
Metropolitano 4%	900$	898$	902$
Metropolitano 5 3/4%	—	1.015$	1.035$
Moçambique 5%	—	—	—
Nac Electr 5%	—	840$	—
Nitratos 5%	—	—	830$
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquímico 5%	—	870$	890$
Port Celul 5%	—	850$	890$
Sacor 5% 54	—	920$	—
Sacor 5% 60	—	850$	860$
Siderurgia 5% 2.ª	—	820$	830$
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	835$
Sonefa 5%	—	850$	—
T. A. P 4%	—	950$	—
Termoelect Port 5%	820$	816$	825$
U. E. P 3 3/4%	—	83$	—
U. E. P 4%	—	83$	—
U E P 4 1/2%	—	—	85$
U. E. P 5%	—	—	85$
U. E. P 5% 60	—	825$	835$
U E P 5% 63	—	860$	870$
AÇÇÕES			
Bancos			
Agricultura	1.470$	1.465$	1.480$
Alentejo	894$	892$	895$
Angola	2.900$	2.900$	—
Burnay	—	—	—
Créd Predial	3.450$	3 450$	3 490$
E Santo	—	—	—
E Santo n.	—	—	—
Fonsecas S. p.	—	20.000$	20 500$
L G Açores p.	—	7.000$	7.100$
L G Açores n.	—	—	—
P Atlântico p.	6 250$	6.200$	6.400$
Portugal n.	—	2.900$	3 000$
Portugal p	—	—	—
Totta Allança	—	6.300$	6 400$
Ultramarino n.	3 000$	3 000$	—
Ultramarino p.	3.300$	3 300$	—
Seguros			
Alentejo	—	75$	77$
Douro	—	1.000$	300$
Mundial	—	—	—
Sagres	—	1.450$	1 750$
Tranquilidade	—	45 000$	—
Ultramarino	—	15 000$	30 000$
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	—	760$	775$
Ag Cassequel	—	715$	720$
Ag Incomafi	—	1.900$	—
Ag Neves	—	—	400$
Ag S Tomé e Príncipe	—	275$	325$
Boror	—	—	—
Buz	760$	755$	775$
Cabinda	220$	217$	223$

Ultramarinas	Efec	Compro	Vende
Diamantes Angola	1.900$	1.895$	1.910$
H E Revué	—	—	630$
Ilha do Príncipe	—	800$	—
Moçambique	118$	117$	120$
Sonefe n.	—	—	—
Sonefe p.	365$	363$	365$
Zambézia	—	318$	355$
Angolana	—	—	—
C.as Diversas			
Cidla	7.400$	7.400$	7.500$
Cim Leiria	4 050$	4.000$	—
Cim Tejo	—	6.000$	6.050$
Col Navegação	1.580$	1.550$	1.600$
C U F	—	1.360$	1.420$
Ina Aliança	—	—	—
Nac Navegação	3.630$	3 600$	3.700$
Petroquímica	2.200$	2.180$	2.250$
Port e Colónias	1.530$	1.520$	1.540$
Port Celulose	—	4.350$	4.500$
Port Pesca	—	—	—
Port Tabacos	800$	800$	—
Sacor	—	—	—
Siderurgia Nac	—	1.630$	1.640$
Socel	3.000$	2.950$	3.000$
Tabacos de Portugal	—	1.210$	1 350$
Tabaqueira	—	14.000$	—
U F Azeite	790$	790$	800$
Aguas Electr e Gás			
Aguas Lisboa p.	—	405$	—
Aguas Lisboa 34	—	405$	—
Aguas Lisboa 36	—	—	—
Eléct Beiras	—	—	—
Gás Electr	417$	416$5	418$
H e Alto Alentejo	1.575$	575$	1.580$
H E Cávado	—	—	1.285$
H E Douro	1.273$	1.272$	1.274$
H E Norte Portugal	—	—	—
H E S Estrela	—	—	—
H E Zêzere	1.300$	1.295$	1.300$
Nac Electricidade	1 310	—	1.310$
Termoeléctr Port	1.300$	1.295$	1.305$
U E P	197$	196$	197$5
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	185$9	191$5
F I D E S	—	117$7	121$2

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez. 65 100)

	5/8/69	11/8/69	12/8/69
GERAL	139,8	138,9	**139,9**
METROPOL.	136,3	135,3	**136,4**
ULTRAM.	165,2	165,5	**165,6**

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul:		
— Rands de 1 e 2	34$00	36$90
— Rands de 5 e 20	35$00	37$90
América:		
— Dollars de 1 e 2	28$15	28$55
— Dollars de 5 e 100	28$35	28$75
Canadá — Dollar	26$10	26$60
Alemanha — Marco	7$05	7$30
Austria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$50	7$50
Espanha — Peseta	$402	$417
Holanda — Florim	7$75	8$00
Inglaterra — Libra	67$00	69$00
Itália — Lira	$04,45	$04,65
Marrocos — Dirham	4$75	5$25
Bélgica — Franco	$52	$55
França — Franco	4$80	5$30
Suíça — Franco	6$55	6$75
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Noruega — Coroa	3$90	4$20
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	315$00	330$00
Inglaterra — 1/2 Libra	155$00	175$00
Ouro fino — Barra	38$00	39$50

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

DELIBERAÇÕES DO MUNICÍPIO DE POMBAL

POMBAL, 12 — Na ultima reunião do Município de Pombal, presidida pelo chefe da edilidade, foram tomadas várias deliberações:

A Câmara tomou conhecimento do ofício da Direcção de Urbanização de Leiria, segundo o qual foi superiormente autorizada a execução imediata da empreitada da obra de «construção do C. M. 1039, da E. N. 1 (Ferreira Gomes) — 5.ª fase». Em face de um Ofício da Direcção de Estradas do Distrito de Leiria, acerca da entrega a esta Câmara de um troço da E. N. 237, em Pombal, foi deliberado informar aquela entidade que este corpo administrativo aceitará a cedência do referido troço com a seguinte ressalva: que tal entrega dá á Câmara a possibilidade de dispor daquele troço da estrada para o arranjo que for mais conveniente.

OS ALUNOS LICEAIS JÁ PODEM FAZER TRÊS EXAMES EM OUTUBRO

O Ministério da Educação Nacional remeteu-nos o seguinte comunicado:

«Foi enviado para o «Diário do Governo», pelas pastas do Ultramar e da Educação Nacional, um diploma que autoriza os alunos dos estabelecimentos de ensino superior a prestar provas de exame em três disciplinas na época de Outubro do corrente ano lectivo e faz igual concessão aos alunos do 7.º ano do ensino liceal, desde que por essa forma possam concluir algumas das alíneas do 3.º ciclo dos liceus.

O diploma aplica-se nos estabelecimentos de ensino, quer da Metrópole, quer das províncias ultramarinas.»

Manhã na praça

MINI-REDACÇÃO SOBRE A PRAÇA

Eu sou uma prima da Guidinha que escreve na «Mosca» e fui esta manhã á praça com a minha mãe que é dona de casa e achei que é uma praça muito pequenina e engraçada que até tem uma rampa para as senhoras que têm automóveis poderem ir ás compras de pópó só o que achei esquisito foi as coisas como as hortaliças as fruitas os peixes e o resto que lá há não ter os preços á vista como noutras praças que já conheço.

JOANINHA

Muita fruta, preços altos

● PREÇOS DOS PRODUTOS

Estivemos no minimercado do Lumiar e verificámos que havia alhos a 12$00 o quilo; ervilhas a 7$00 e a 9$00; pimentos a 5$00; tomates a 2$50 e 3$50; feijão carrapato a 7$50 e 9$00; cebolas a 4$00; pepinos a 4$00; cenouras a 4$00 e 5$00; batata a 2$00; alface a 1$00 cada; couves a 3$00 cada; lombardas a 5$00 cada; grelos a 10$00 cada molho; nabos a 10$00, também cada molho; o caldo verde, a 5$00 o quilo; azeitonas a 7$50 e 8$00; e tremoços a 4$00.

● FRUTA

As pêras vendiam-se a 4$00, 5$00 e 6$00; as maçãs, a 3$00; as uvas, a 5$00 e 8$00; as laranjas, a 15$00; os pêssegos, a 9$00, 12$00 e 13$50; as rainhas-cláudias a 5$00; as bananas, a 8$00 e 10$; e o melão, a 4$00.

● PEIXE

Vimos carapau a 9$00; pargo, a 8$00 e 8$90; rabos de pescada, a 13$00; pescada a 16$00, 18$00 e 39$00; peixe-espada, a 10$00; xaputa, a 8$00; carapau grande, a 4$00; carapau de gato, a 12$00.

DONA DE CASA

Começam na quinta-feira as festas da Batalha

BATALHA, 12 — Patrocinadas pelo Município local e pela Comissão Regional de Turismo de Leiria, vão realizar-se, de quinta-feira a domingo, as Festas do Concelho da Batalha, as quais constituem, de ano para ano, um dos momentos mais altos da animação, alegria e colorido desta vila de históricas tradições.

No primeiro dia, haverá cerimónias comemorativas da Batalha de Aljubarrota, a efectuar de manhã; e, á noite, inauguração do arraial e das iluminações.

Na sexta-feira, de manhã, também será inaugurada a Grande Feira Anual e exibir-se-ão os gaiteiros, zés-pereiras, gigantones e cabeçudos. Além da Filarmónica Maiorguense, estarão presentes os ranchos folclóricos de Vrstac de Dubnica, de Bratislava; da Região de Leiria e Típico Cancioneiro de Águeda, os quais se exibem, á noite, num espectáculo em que também participam Hermínia Silva, António Mourão, o Duo Angolano e o Conjunto Francisco Gouveia. No final, haverá sessão de fogo-de-artifício e baile.

No sábado, na parte da manhã, continuará a alegria dos gaiteiros e zés-pereiras e será recebida a Filarmónica de Turquel, que, de tarde, dará concerto. À noite, além da exibição do Rancho Folclórico do Reguengo do Fetal, efectua-se um espectáculo de variedades, com artistas nacionais e estrangeiros, seguindo-se fogos-de-artifício e baile.

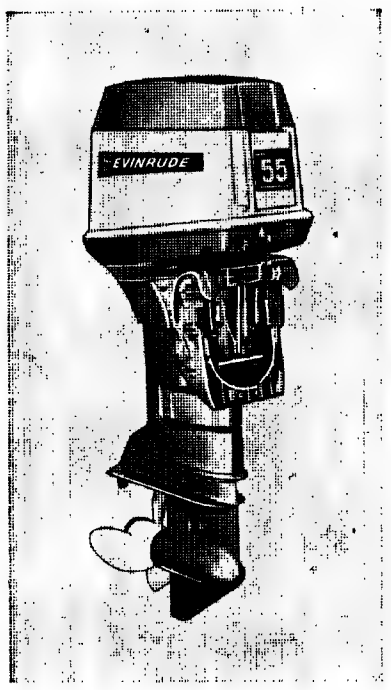
No domingo, para encerramento das festas vão estar presentes a Filarmónica de Minde, os ranchos folclóricos das Cantarinhas de Buarcos, das Rosas do Lena e de Danças e Cantares Mar Alto, da Nazaré, e o Grupo Melodias de Sempre, apresentado por Jorge Alves, com a orquestra de Alves Coelho Filho e com os artistas Gabriel Cardoso, Maria Marise, Lina Maria, Mimi Gaspar, Margarida Amaral e Tomé de Barros Queirós.

A terminar, haverá fogos-de-artifício e baile abrilhantado pelo Conjunto Kinzé-Varela.

A extracção de cortiça

MONTARGIL, 12 — Terminou a faina campestre da extracção da cortiça, grande riqueza desta região e do País.

Nesta freguesia, que possui cortiça em abundância e de primeira qualidade, fizeram-se, até agora, poucas vendas.



EVINRUDE

O poder da experiência

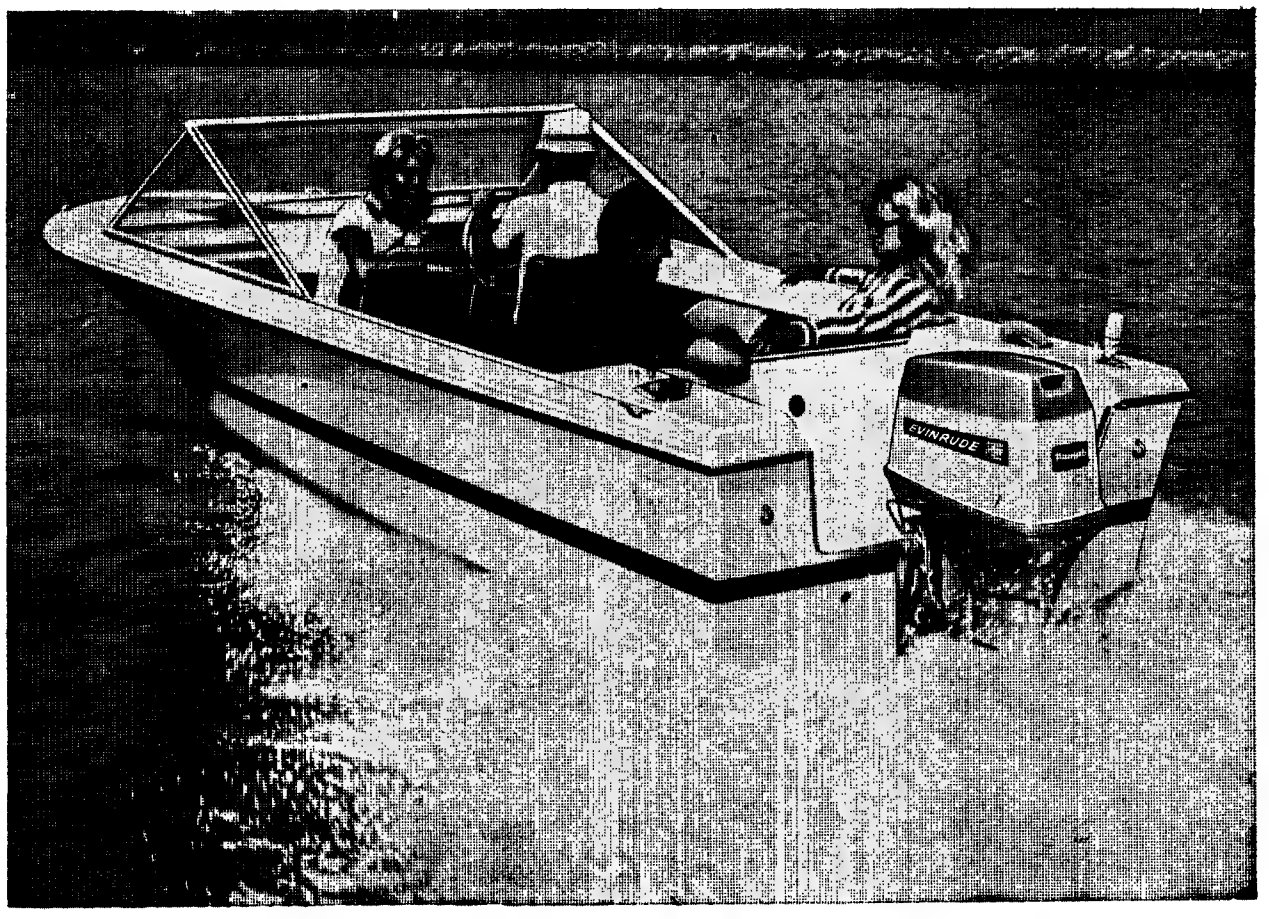
Tem um longo dia à sua frente — sabe que com o Evinrude de 55 CV faz o trajecto de ida e volta poupando ainda combustível. Isto porque é o motor de popa, na sua categoria, capaz de melhor rendimento com o menor consumo.

Pode voltar ainda a tempo de almoçar — o 55 CV permite todas as velocidades — tem a classe de um verdadeiro campeão e a sua capacidade, em força, é muito grande. Pode, por exemplo, rebocar alegremente, em «slalom» 3 ou 4 esquiadores — assim, todo o grupo esquiará em conjunto! Ao seu dispor ficará, ainda, uma reserva de potência.

Rochedos submersos? A facilidade de manobra, instantânea e sensível apenas com a ponta dos dedos, é uma das razões de preferência do Evinrude de 55 CV. E o seu novo comando de marcha torna as mudanças extraordinàriamente fáceis.

É revolucionário na sua concepção — o nosso primeiro motor de popa a adoptar o novo desenho da câmara de combustão, para limpeza dos gases de escape, com saída pelo cubo do hélice. O 55 CV está totalmente protegido contra a corrosão, em quaisquer condições. E beneficia ainda da famosa Garantia EVINRUDE e Serviço de Assistência após venda. Dirija-se ao Distribuidor Exclusivo: MENDES DE ALMEIDA, S. A. R. L. — Av. 24 de Julho, 52, A/G- Lisboa — Telef. 66 77 10.

João Filipe, com o seu Evinrude de 55 CV em acção, consegue o mais alto rendimento com o mais baixo consumo de combustível.



TAUROMAQUIA

«Paquirri» e José Júlio em mano-a-mano no Campo Pequeno

A Sociedade Campo Pequeno organizou, para depois de amanhã, á noite, um cartaz que apresentará, em mano-a-mano», «Paquirri», que nessa noite se despede do publico lisboeta, por esta temporada, e José Julio, um dos nossos toureiros mais completos e o que, neste momento, é mais capaz de lhe dar réplica condigna nos três tércios. Quer com o capote, quer a bandarilhar, quer a trastear de muleta, José Julio não deixará mal colocado o toureio português, no árduo confronto com o «maestro» de Barbate, que ocupa um dos primeiros lugares na escala de valores da tauromaquia espanhola.

Serão lidados oito toiros da ganadaria dos Herdeiros de Pinto Barreiros, uma das mais prestigiadas entre nós.

Cavaleiros em praça, a completarem o cartaz, Varela Cid e Alfredo Conde, o primeiro a afirmar-se de ano para ano, e o segundo a somar êxitos por terras de Espanha; e as pegas confiadas aos Forcados Amadores de Evora, capitaneados por João Nunes Patinhas, os quais, na ultima corrida de Cascais, confirmaram com excepcional êxito, a grande forma em que se encontram.

Regressou do Algarve o Grupo de Música Antiga de Lisboa

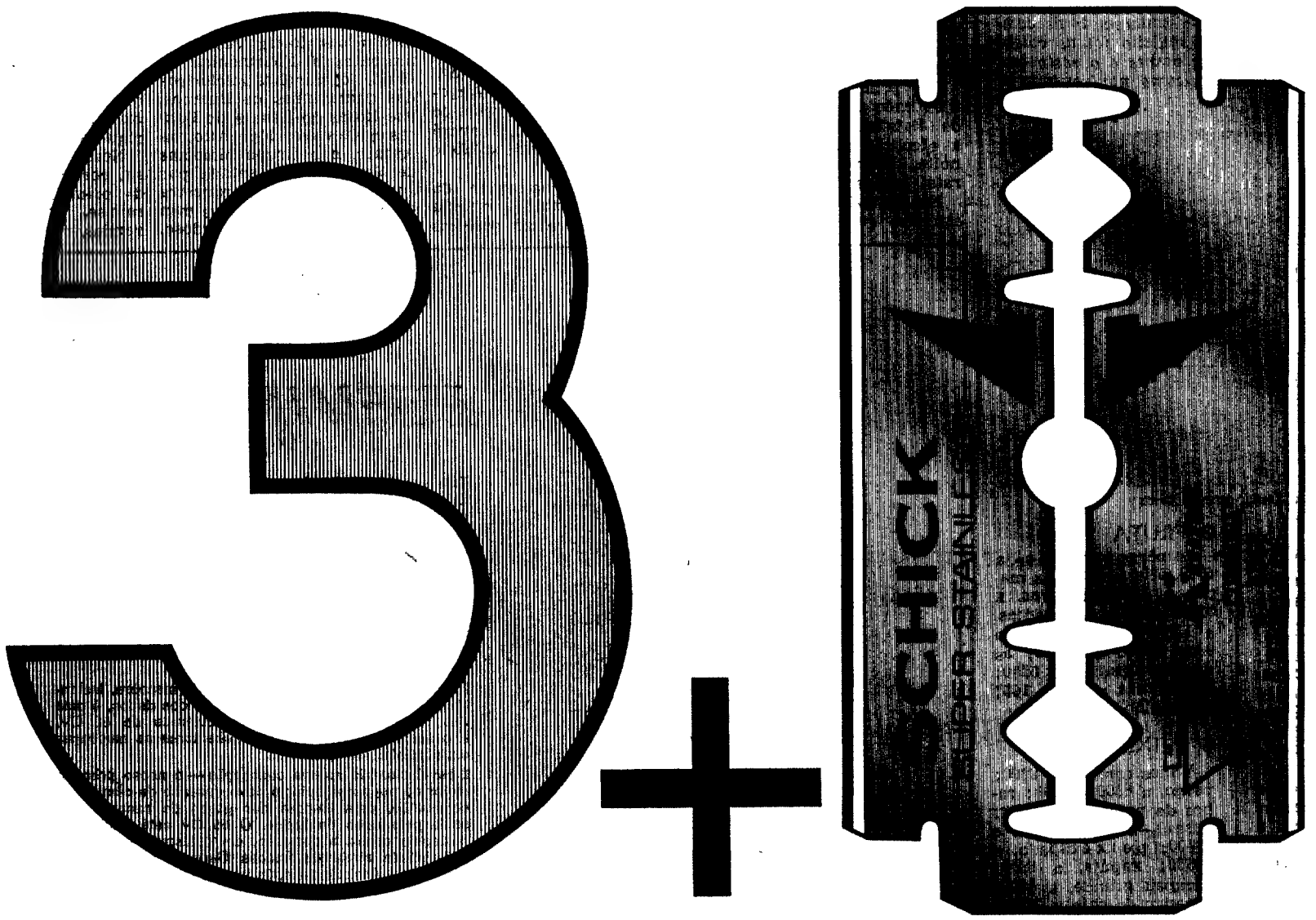
De regresso da sua digressão pelo Algarve, sob o patrocínio da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, chegou o Grupo de Música Antiga de Lisboa, que actuou, com muito êxito, em Faro, Lagos, Portimão, Montes de Alvor, Praia da Rocha e Praia dos Três Irmãos, com obras da Idade Média e da Renascença.

Entre essas obras destacavam-se, no que respeita á Música Ibérica da Renascença, as de Juan del Encina, Mudarra, Narvarez e as do Cancioneiro da «Biblioteca Pública Hortensia, de Elvas».

Comunicado do S. I. P.

O Serviço de Informação Publica das Forças Armadas comunica que morreu, em combate, na província da Guiné, o soldado do recrutamento da mesma província, 820419/68, de nome Mali Balde, natural de Benedito, Falacunda, filho de Samba Balde e de Jenabu Balde.

COMPRE A EMBALAGEM ESPECIAL



E OBTENHA GRÁTIS

1 LÂMINA SCHICK

SCHICK

suavidade em progresso permanente

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

Representando a TVE, a equipa espanhola ganhou a Taça da Europa da Canção, disputada em Knorre. De vestido comprido está Conchita Bautista

VARIEDADES

11.ª TAÇA DA EUROPA DA CANÇÃO

Cerca das 21 e 35 a R. T. P. apresenta o programa de variedades para a atribuição da 11.ª Taça Europeia da Canção, disputada em Knokke le Zonte, na Bélgica. As orquestras são dirigidas por Francis Bay e Roland Thyssen.

Trata-se de um programa da Televisão belga para a Eurovisão.

Organizado pelo Casino de Knokke, realiza-se anualmente este campeonato musical internações europeias, representadas pelas respectivas estações de TV, com a atribuição de uma taça e 200.000 francos belgas ao vencedor. Este certame de canções reune seis países, cada um com uma equipa de cinco elementos. Este ano disputaram a Taça a Alemanha, Holanda, França, Bélgica, Inglaterra e a Espanha, que se estreava, substituindo a Itália. Esta, o ano passado, ficara em ultimo lugar, e foi assim obrigada a sair por imposição regulamentar, tal como no futebol, a Taça disputa-se em duas voltas e uma final. Este ano, no final das duas jornadas, registou-se a seguinte pontuação:

Inglaterra — 626 pontos.
Espanha — 605 pontos.
Bélgica — 572 pontos.
França — 558 pontos.
Holanda — 452 pontos.
Alemanha — 435 pontos.

Desta forma a equipa da TVE e da Inglaterra foram apuradas para a final que a RTP transmite esta noite, em gravação.

Em primeiro lugar actuou a delegação inglesa com Bernadette, Eleine Dalmar, Julie Rogers, Jonny Tudor e Lee Lynch, obtendo 340 pontos.

Debaixo de grande expectativa actuou o «team» espanhol com Guillermina Motta, Pedro Gene, Nuria Feziu, Peret e Conchita Bautista. Resultado 353 pontos e consequentemente vitória da Espanha.

A Imprensa presente e convidada pelo Casino de Knokke atribui também o seu já tradicional Prémio que coube á cantora negra Eleine Delmar.

«SE BEM ME LEMBRO»

É pelas 20 e 40 que o prof. dr. Vitorino Nemésio apresenta a sua habitual palestra semanal da série subordinada ao título «Se bem me lembro».

☆

«O BOM GIGANTE» (série juvenil)

Pelas 19 horas exibe-se o episódio «Uma medalha para o Ben» realizado por R. G. Springsteen, com Dennis Weaver no principal desempenho.

«Uma tribo de Seminoles quer mandar os filhos à escola, mas não há barco para os levar. Mark pede a seu pai que o prémio que ele vai ganhar nas regatas seja para a compra desse barco. Ele e os Seminoles tomam o prémio como certo...»

2.º PROGRAMA
«NOITE DE TEATRO»
«Expedição» e Recital

«Não há pessoas verdadeiramente independentes e muito menos aquelas que apregoam a absoluta independência». É este o tema da peça de Eugene Scribe, «Os Independentes», que em «Noite de Teatro» será transmitida em 2.ª representação, cerca das 21 e 55. São intérpretes: Fernanda Borsatti, António Manuel Couto Viana, Álvaro Benamor, Mário Jacques, Alberto Ghira e Adelaide João. Realização de Herlander Peyroteo.

A rubrica «Expedição» e um recital pelo pianista Joseph Palenicek, a transmitir pelas 21 e 30 e 23 horas, respectivamente, completam a emissão de hoje

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — Às 19: Abertura; 19 e 02: «Gentle Ben»; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Segredos da vida animal; 20 e 15: TV Social; 20 e 40: Se bem me lembro; 21: Telejornal; 21 e 35: Variedades; 23 e 10: «As enfermeiras»; 0 e 05: A marcha do Mundo; 0 e 20: Meditação e Fecho.

II Programa — Às 21: Telejornal; 21 e 30: Expedição; 21 e 55: Noite de Teatro — «Os Independentes», de Eugene Scriba; 23 e 25: Fecho.

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — **I Programa** — Às 19: Abertura; 19 e 02: TV Educativa — Educação Musical; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Programa feminino; 20 e 15: Quer saber? Então pergunte...; 20 e 30: Em Foco; 21: Telejornal — Inclui o Boletim Meteorológico; 21 e 35: TV Clube — «O Mundo a Cantar» — com o Grupo Vocal Feminino Harmonia e com o acordeonista Siegfried Suug. Apresentação de Pedro Moutinho e realização de J. Ilstopad; 22 e 5: Noite de Teatro «Quando o Mar Galgou a Terra». Original de Armando Corte Rodrigues. Adaptação de Maria Vargas. Intérpretes: Emílio Correia, Irene Cruz e João Lourenço. Cenários de Moniz Pereira. Realização de Herlander Peyroteo. (No I Programa em 9/3/66); 23 e 35: A Marcha do Mundo; 23 e 55: Meditação e Fecho.

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Canconetas por Wilson Pickett; 16 e 15: Tradições, costumes e turismo dos Açores, pelo dr. Carreiro da Costa; 16 e 30: Roteiro musical português; 17: Ginástica de pausa, pelo dr. Marques Pereira; 18 e 10: As grandes figuras do mundo português pelo dr. Manuel Caldeira Pais; 18 e 40: Jovens académicos; 19: Cartaz dos espectáculos; 19 e 45: Rádio rural; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Um solista... uma orquestra; 20 e 40: 28.º episódio do folhetim «Tristezas á beira-mar»; 21: Jornal de actualidades; 21 e 30: Música ligeira; 21 e 40: Tempo de jazz, por Raul Calado; 22 e 10: Espectáculo, magazine de teatro, cinema e bailado; 22 e 30: Fados, por Aida de Castro; 22 e 50: Melodias em piano, por Claude Bolling; 1: Fecho

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 6 e 05: Música sinfónica: Prelúdio á sesta dum fauno (Debussy), pela Orquestra da Rádio de Hamburgo, dirigida por Wilhelm Schuchter; 17: Discos raros;, interpretações do baixo Feador Chaliapine; 17 e 30: Perspectivas da obra de Karol Szymanowsky; 18 e 30: Rádio Educativa (Auditório Juvenil); 19: Horizonte literário, por Amândio César e Mário António; 19 e 15: As quatro estações (Vivaldi) — Orquestra I Musici; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Música de arco; 20 e 30: Noite de teatro: «As duas cartas», de Júlio Dinis, em adaptação de Leopoldo Araujo; 21 e 40: Bailado «A Criação de Prometeu (Beethoven); 22 e 39: Oratória «O julgamento de Salomão»; 23: «A Voz do Ocidente»; 1 e 15: Fecho.

MF 2 — 94,3 mc/s — As 23: Música portuguesa; 23 e 46: Trio, para piano, Oboé e Fagote (Francis Poulenc); 0 e 00: Canções, de Turina; 0 e 20: Ciclo «A Sonata» — «Os Mestres de Viena»; 1: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE — 451 m — 665 kc/s — Às 19 e 30

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16. Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento texentel; 18 e 30; Lisboa á tarde, 19: Noticiário; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-jornal; 20: Nota de abertura; 20 e 07: Musicalmente quase tudo; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Eles cantam para si; 21 e 03: Hora alemã; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Música tradicional e palestra religiosa; 23 e 22: Grande roda; 0 e 02; «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nosso; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã

Modulação de frequência—97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa CDC; 17: Noticiário; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20: Nota de abertura; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á G-Gó; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda sonora; 2: FM-67 e Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19: Noticiário; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Rabbiolac; 19 e 35: Estúdio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 02: Orquestra; 21 e 15: Só-rádio; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Jazz; 22 e 30: Presença coimbrã; 28 e 04: Clube da juventude.

RÁDIO RENACENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radioroma; 18: Acordeonistas famosos; 18 e 20: Noticiário e boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: Página um; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: A nossa música e os nossos artistas; 21 e 45: Uma voz e um conjunto; 22: Orquestras e melodias; 22 e 15: Música seleccionada; 22 e 30: Transmissão das cerimónias religiosas de Fátima; 24: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s. **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e 19 e 30 ás 22. **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 12 ás 14 e 30 e 17 ás 19 e 30. **Rádio Voz de Lisboa** — Das 18 ás 10 e 14 e 30 ás 17. **Rádio Graça** — Das 10 ás 12 e 22 ás 2.

canal da crítica

«ZIP-ZIP» À PROCURA DE UM FIGURINO (E OXALÁ NUNCA O ENCONTRE)

O necessário e o fútil. O utilitário e o inútil. O ensinamento e o entretenimento. Nestes polos se tem desenvolvido o programa de Solnado. Há quem o deseje mais sério, há quem o deseje mais ligeiro. Há quem o pretenda com mais música ou com menos música. Há quem o exija assim, enquanto outros o querem assado, frito e cozido. Por mim, só quero que não e queime...

Parece-me ociosa a questão. A qualidade de uma rubrica como «Zip-Zip» não se define pela maior ou menor gravidade, pela maior ou menor dose de futilidade. A este programa apenas se pode pedir que continue vivo. Nada mais. Porquê? Porque o fútil pode transformar-se em durável e em construtor da consciência do telespectador e o sério pode virar-se contra si próprio. O público recordará com devoção a figura do Tarzan, nadador-salvador da praia da F. N. A. T. da Caparica — e recordará pensosamente Henrique Ribeiro. Daquele lembrará a figura de um homem simples que, em 30 anos de banheiro, salvou do mar 600 pessoas e não recebeu medalha nenhuma porque «a nossa profissão não é para receber medalhas. Do segundo reterá a figura de um homem que falou torrencialmente durante cerca de 25 minutos, sobre assuntos louváveis, sérios, justos, convincentes e humanos. O homem futil do povo era simples e directo; o universitário cego, era diferente. A mulher virtuosa nem sempre é a mais atraente. Os assuntos, também.

QUER ISTO DIZER QUE...

...os assuntos sérios devem ser banidos de uma rubrica excepcionalmente popular, como «Zip-Zip»? De maneira nenhuma. Mas os responsáveis devem dar uma ajuda. Devem procurar a qualidade do sério e do futil. A táctica mais elementar impunha fechar a torneira de Henrique Ribeiro logo que o essencial esteve dito. Sem piedade e até para favorecer a posição dos cegos defendida pelo entrevistado.

Porque, é preciso dizer-se, a entrevista do Henrique não foi desprovida de interesse. Muito ficámos a saber sobre a lamentável situação dos cegos. O mal, repito, foi ter-se permitido que as palavras existissem como que para além da sua própria missão. Henrique estava como que obcecado pela ideia de mostrar que, sendo cego, não era mudo. Há que procurar o equilíbrio no tempo. Em arte de TV, essa atenção é fundamental. A não tomar-se este pormenor em conta — são os próprios assuntos sérios a ficar prejudicados: o publico afasta-se, desinteressa-se, recorda os bons tempos dos «drops» coloridos. Desde que se embale o sério em pratinha chata, quem espera vê-lo progredir?

POR EXEMPLO:

José Carlos Ary dos Santos foi uma voz «séria» que

(Continua na página seguinte)

Comboios especiais para militares

FERIADO

NO DIA 15 DE AGOSTO

Comunica-nos a C. P. que além dos comboios normais para transporte de militares que se realizam aos sábados e domingos se antecipa para 5.ª-feira, dia 14, as circulações especiais de 6.ª-feira, com partidas da estação de Lisboa (Santa Apolónia) e Entroncamento para a estação do Porto (Campanhã), e de Porto (Campanhã) para a estação de Lisboa (Santa Apolónia).

ARY DOS SANTOS
INSOFRIMENTO IN SOFRIMENTO
NAS LIVRARIAS
OU NO DISTRIBUIDOR: LIVRARIA QUADRANTE
AV. LUÍS BIVAR, 85-C ● LISBOA

Aplicando as suas economias
na 3. Fase da Reboleira e Paço de Arcos
terá a sua habitação ou a melhor valorização do seu capital

J. PIMENTA, S. A. R. L.

Oferece-lhe as garantias de sempre, dentro de uma melhor e maior gama de Apartamentos Mobilados

Na REBOLEIRA 180 Contos rendem-lhe 1.125$00 Mensais e 200 Contos rendem-lhe 1.250$00 Mensais

Em Paço de Arcos 210 Contos rendem-lhe 1.312$50 Mensais

3.000 Clientes dar-lhe-ão as melhores referências

Propriedades à venda em: Reboleira, Amadora, Venda Nova, Paço de Arcos, Parede, Cascais, Lisboa e brevemente Queluz

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53, 4.º, Esq. — Telefones 4 56 43/4 78 43
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22
REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 93 36 70

A Swissair colabora com três hotéis de Zurich

No fim de Julho, a Swissair e três novos hotéis de Zurich, o «Atlantis», «Internacional» e «Zurich», fundaram, em Zurich o PROHOTEL (Company for Hotel Management and Travel).

O sr. Hugo Scheidegger que se formou na Escola Hoteleira de Lausanne, trabalhou na Swissair durante 16 anos como director da divisão de voos, foi nomeado agora director-geral.

PROHOTEL A. G. representa a base duma colaboração estreita entre os hotéis participantes e a Swissair, sobreudo no campo de marketing, reservas, compras e serviços auxiliares. Os gerentes associados no PROHOTEL A. G. tencionam estender gradualmente este género de colaboração a outras empresas interessadas.

Vai reabrir a Pousada de Bragança

BRAGANÇA, 12. — Está prevista para o próximo dia 15 a reabertura da Pousada Turística de S. Bartolomeu, em Bragança, encerrada há mais de três meses para obras de beneficiação.

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

se ouviu com imenso prazer. Porquê? Porque não foi conselheiral; porque não foi para as frases de efeito retardado; foi directo, coloquial, não temeu dar espectáculo, e ainda bem; porque não verteu palestra, nem conferência. Nem circunferência: foi sempre angulo — e agudo. Porque ensinou e não usou cátedra, porque deu exemplo e não exigiu posteridade. Em resumo: porque não explicou mas explodiu. PORQUE: pôs sempre o mais elevado ao alcance da mão mais rasteira.

José Carlos Ary dos Santos fez ontem mais pela poesia do que todos os programas literários da Televisão portuguesa. Lutou por ela, leu alguns belíssimos poemas — e disse-nos como ninguém ainda hoje foi capaz de os dizer na Televisão. E esclareceu os que lamentam a intromissão dos autênticos poetas no mundo da canção: «E'or que é que nós, os poetas, havemos de deixar essa tarefa ás mãos dos açougueiros de palavras?»

Colaborador do «Juvenil», onde publicou os seus primeiros poemas, José Carlos transporta consigo toda a força de uma poesia que se recusa a usar caixão como modo de vida:

cachorro ferrando o dente
na canela do passado...

Eis-nos, pois, perante o exemplo acabado de como o sério pode ser ouvido pelo povo. Porque mais do que ouvido: assumido.

BICHINHA, GATO...

Dois aspectos houve que podem tornar-se francamente deseducativos. Do primeiro, não teve «Zip-Zip» a culpa, Tê-la á tido no segundo.

Pade parecer estranho que um prémio como aquele que Rádio Clube Português instituí no nosso País, seja atribuído a uma menina que salvou um cão e três gatos — ou vice-versa.

O amor pelos animais não é elemento a desconsiderar na educação das crianças e dos adultos. Nem é isso, portanto, que está em causa. O que está em causa é o relevo que se lhe dá ao nível nacional, em detrimento da atenção aos outros de nós que são os outros. A excessiva atenção pelos bichos quantas vezes esconde um profundo desprezo pelas pessoas? E senão desprezo,, quantas vezes esquecimento? O amor dos animais deverá existir como uma consequência do amor das pessoas — já que o contrário nem sempre se verifica...

ATENÇÃO, ZIP-ZIP!

O segundo aspecto residiu na figura do Ludgero Clodoaldo, criado com uma perna ás costas por Raul Solnado.

Repare-se: trata-se de uma paródia aos jovens que, armado de guitarra ou viola, vão ao encontro das pessoas, vão, como eles dizem, *comunicar*. É certo que, em muitos casos, não saberão exprimir esse desejo. Comunicar, ou conviver, ou ensinar coisas ou falar de coisas que eles consideram essenciais. E são. Quando a juventude deixar de acreditar que tudo quanto faz ou diz é essencial, ah, meus amigos, então entraremos o «requiem» por todos nós!

Aceitemos que ás boas intenções nem sempre correspondem as melhores realizações. De qualquer modo, os jovens que se acompanham á viola em melodias que eles cantam que eles próprios criaram dão o salutar exemplo da alegria, incitam ao canto e à convivência, são o fermento sabe-se lá de que grandes coisas.

Claro que a caricatura de Solnado vai atingir apenas os cançonetistas medíocres. Claro que não se pode recusar a Raul Solnado o seu direito de crítica a determinada actividade. Simplesmente, a partir de agora será muito difícil a algum jovem còm mais ou menos ilusões baladísticas, apresentar-se no «Zip-Zip» e responder ás mesmas perguntas que Nuno Martins fez a Ludgero Clodoaldo. Ou acontecerá que apenas se apresentem no programa aqueles que não tenham nenhuma semelhança clodoaldesca, operando-se assim, uma diferenciação pela qualidade? Esperemos.

Seria, no entanto, preferível que Raul Solnado metesse o seu Clodoaldo noutra altura. Repare-se: foi no «Zip-Zip» de ontem que apareceu maior número de jovens baladistas, alguns dos quais tratados exactamente da mesma maneira que Nuno Martins tratou Clodoaldo. Os temas, as palavras das baladas do Clodoaldo haviam sido alguns de baladas anteriormente cantadas. Isto leva os telespectadores a supor que os jovens baladistas estavam ali para cumprir uma missão de que não tinham conhecimento, estavam ali a ser usados, utilizados como simples cousas. Isto é tão deplorável, quando se faz em serviços das grandes potências — como o é, em televisão, quando se pratica para servir um qualquer Solnado.

De modo nenhum o facto pode merecer a simpatia e a adesão do povo português, mais sensível e mais inteligente do que muitos pensam. Os responsáveis por «Zip-Zip» devem meditar no problema, para salvaguarda da rubrica. Ajudá-los é o que estou tentando fazer.

... Ah, meus amigos, a contribuição musical foi tão fraca, tão para esquecer... Apenas José Frois me parece elemento a aproveitar. Se não foi um simples caso de mimetismo cançonetístico, se não for uma lição laboriosamente aprendida — parece que o cançonetismo português poderá ter feito ontem uma belíssima aquisição.

A terminar, uma palavra para a considerável melhoria na captação sonora ontem verificada. Houve ali mudança de mão, nitidamente. Já não era sem tempo.

MÁRIO CASTRIM

AQUELA FÁBULA

Nem sempre aquilo que vem á superfície, aquilo que salta aos olhos, é o que tem mais valor. O que ontem se passou com o «Zip-Zip» demonstra a afirmação. Maria Adelaide Fernandes Tomás, a menina premiada da «Plus Ultra», contou rápidamente uma história, a história passou como um pássaro veloz. Quem a terá ouvido? Conta-se em duas palavras.

Maria Adelaide tem um cão e um coelho. Habituou-os á convivência, tornaram-se amigos. O cão costumava ir á caça, mas agora os vizinhos caçadores já não o levam porque o cão de Maria Adelaide se recusa a perseguir os coelhos...

Riquíssima fábula! Nem La Fontaine nem Esopo inventaram nada semelhante. Afinal, o real continua a ser o grande mestre. A história, por si só, justificava o «Zip-Zip». Verdade que sim: os homens não se medem aos programas.

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

TERMINOU EM SETÚBAL A PRIMEIRA ELIMINATÓRIA DO CONCURSO DE BANDAS CIVIS

SETÚBAL, 12—Concluíu-se, a noite passada, nesta cidade, a primeira eliminatória da série B do segundo Concurso Nacional de Bandas Civis, promovido pela F. N. A. T., e no qual participaram 23 bandas de vários distritos.

Após a sessão, o júri, constituído pelos srs. cónego dr. José Alegria, capitães-maestros José Pinto Rodrigues e Manuel da Silva Dionísio, tenente-maestro Homero Ribeiro Apolinário e maestro Duarte Pestana, forneceu as seguintes classificações:

BANDAS DE 3.ª CATEGORIA

1.º, Sociedade Filarmónica VESPIARENSE (monsenhor José Cacela, de Alcobaça); 2.º, Sociedade União Artística, de Santiago do Cacém; 3.º, Sociedade Ortiga Montemorense; 4.º, Bombeiros Voluntários de Salvaterra de Magos; 5.º, Sociedade Benaventense; 6.º, Sociedade União Marçal Pacheco, de Loulé!

2.ª CATEGORIA

1.º, Sociedade Instrução Musical Quinta do Anjo; 2.º, Sociedade Pero Pinheiro, 3.º, Banda Operária de Torrejana (Torres Novas); 4.º, Sociedade Recreativa Alegretense, de Alegrete; 5.º, Sociedade Musical Mindense.

1.ª CATEGORIA

1.º, Sociedade Boa União Montelavarense, de Sintra; 2.º, Sociedade Amadores Eborense; 3.º, Sociedade Filarmónica Gualdino Pais, de Tomar.

Estas bandas ficaram apuradas para a próxima eliminatória.

S. R.
Ministério da Saúde e Assistência
CENTRO DE SAÚDE E ASSISTENCIA MATERNO INFANTIL DO DR. BISSAYA BARRETO
COIMBRA

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO OBSTÉTRICA PARA AUXILIARES DE ENFERMAGEM

Estão abertas as inscrições para a matrícula no referido Curso, durante os meses de Agosto e Setembro, na Escola de Enfermagem Especializada que funciona neste Centro, de harmonia com as condições de admissão.

Prestam-se todas as informações na Secretaria da Escola à Quinta da Rainha, telefone P. P. C. 22017, 22018, 22019.

COIMBRA, 8 de Agosto de 1969.

O DIRECTOR:
BISSAYA BARRETO

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos

Palavras cruzadas

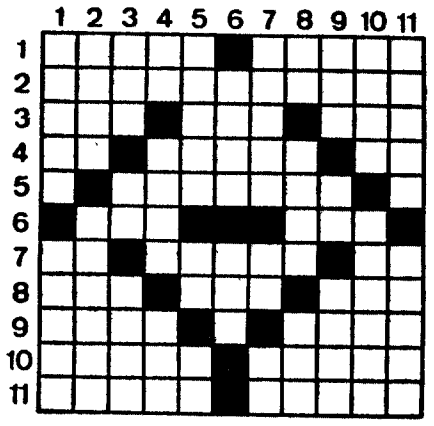
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5265

HORIZONTAIS: 1 — Introduzia. Ventos brandos. 2 — Assustara. 3 — Figura que simboliza o povo americano. Cincho. Vai para ter. 4 — Césio (s. q.). Vila e concelho do distrito de Portalegre. Sufixo que designa estado. 5 — Artigo definido. Tecena. 6 — Ruim. Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. 7 — Nesse lugar. Que tem abas largas ou longas. Língua antigamente falada ao sul do rio Loire. 8 — Madeira (abrev.). Milho torrado que se reduz a pó temperado com azeite de cheiro e mel de abelhas. Espaço de doze meses. 9 — Língua vernácula indiana. Dor gemidos. 10 — Arreata. Queridos. 11 — Que mas. Freguesia do concelho de Guimarães.

VERTICAIS: 1 — Resmungo. Fruto silvestre. 2 — Aves pernaltas. Dores mios. 3 — Possui. Basta. Apelido. 4 — Idem. Cruel. Prende. 5 — Ave trepadora. Bário (s. q.). Artigo definido. 6 — Rezam. Acrescentei. 7 — Esclarece com comentários. Compaixão. Aqui. 8 — Nome antigo da nota musical dó. Cidade da Argélia. Rio de França. 9 — Chefe etíope. Em partes iguais. Ilha situada no Pequeno Belt. 10 — Jarro (planta). Compridos. 11 — Fora para fora. Tudo o que é inanimado.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5264

HORIZONTAIS: 1 — Aguardarias. 2 — Turca. Corro. 3 — Reais. Alape. 4 — Ar. Aí. 5 — Iro. BOA. Bs. 6 — Arfa. Mãos. 7 — Air. Aca. 8 — At. Erica. Fé. 9 — Sofia. Impor. 10 — Amari. Apara. 11 — Mazas. Rezar.

VERTICAIS: 1 — Atrai. Casam. 2 — GUERRA. Toma. 3 — Ura. Ora. FAZ. 4 — Acia. Freira. 5 — Ros. Barrais. 6 — Bo. 7 — Aca. Amaciar. 8 — Rola. Acampe. 9 — Ira. BOA. PAZ. 10 — Arpais. Fora. 11 — Soeis. Gerar.

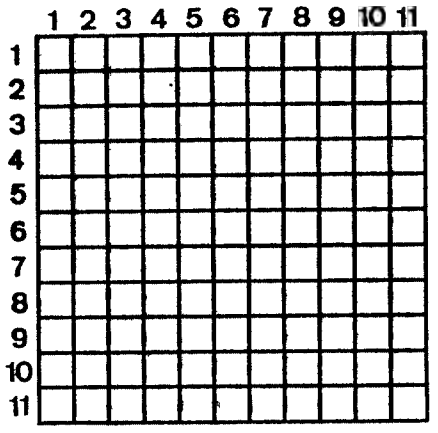
PROVÉRBIO: **Boa guerra faz boa paz.**

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9108

HORIZONTAIS: 1 — Regulava. Vila e sede de Concelho (Santarém). 2 — Combina. Primeiro redos Hebreus. 3 — Rio de Portugal. Cidade de França. Reze. 4 — Reis. Rio de França, afluente do Sena. Em partes iguais. 5 — Reles. Magnete natural. 6 — Transmitir gratuitamente (bens) a outrem. Caminha. 7 — Enrubesço. Nome de homem. 8 — Nesse lugar. Nome de fruto seco. Caminhar. 9 — Nome dum astro. Gosto muito de. Nome de mulher. 10 — Uma das partes do mundo. Grande afeição. 11 — Pessoa muito parecida com outra. Prisioneiro.

VERTICAIS: 1 — Cidade de Espanha. Membros de ave. 2 — Pronome pessoal (pl.). Preguiçoso. 3 — Distrito do Índia Portuguesa. Fútil. Rio de Portugal. 4 — Segue. Sovina. (Fam.) Suspiro. 5 — Utensílios domésticos. Ovário das peixes. 6 — Cidade da Ucrânia. Nome de letra. 7 — Ligue. Para barlavento. 8 — Campeão. Querida. Atmosfera. 9 — Animal doméstico. Nome de mulher. Estime. 10 — Bolsa. Loucos. 11 — Engordurava. Invulgar.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9107

HORIZONTAIS: 1 — Tás. Pia. Amo. 2 — Amada. Ratos. 3 — Lobos. Mado. 4 — Sas. Asco. 5 — Aom. 6 — Im. Adias. Ar. 7 — Borra. Relva. 8 — Éreo. Riem. 9 — Rãs. Meã. Olá. 10 — Il. Tango. Ar. 11 — Aspas. Agira.

VERTICAIS: 1 — Tal. Sibéria. 2 — Amos. Morais. 3 — Sabiá. Res. 4 — Doa. Aro. Ta. 5 — Passada. Más. 6 — Ien. 7 — Armamar. Agá. 8 — Ais. Ser. Ag. 9 — Arado. Lie. 10 — Modo. Avelar. 11 — Oso. Bramara.

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 12 de Agosto de 1939 publicava:

«A Cleopatra de Shakspeare, aliás tão desfigurada pelos historiadores romanos, mostra-se preversa como sempre do mal mas, a-pesar disso, a sua influência perniciosa sobre Marco António tempera-se com a ternura fluídica em que ela envolve os braços do capitão, murmurando-lhe ao ouvido:

« — Terás tudo que me pedires, mesmo a morte!

«A Grécia, por causa de Elena de Esparta, abalou para a Ásia, disposta a jogar trinta donos para rehaver um bem ultra-precioso. Abundam na história guerras comprovativas de que tudo se perde ou tudo se ganha, por causa do que agora, pretensiosamente, se chama a luta dos sexos. Se nós fossemos como os astros, as pedras, as árvores ou os rios que aceitam sem discutir o fado a que andam sujeitos, o drama humano não existiria. Mas Deus concedeu-nos a liberdade e essa é por sua natureza inquieta, ás vezes tumultuosa, revolucionária e descontente».»

«CONHEÇA A CURIA»

A C P proporciona-lhe, durante os meses de Julho a Outubro um bom domingo passado na Curia, com o seu bilhete turístico emitido em Lisboa ao preço de:

Esc. ..... 105$00

Neste preço está compreendido o transporte em caminho de ferro em comboio rápido almoço na Curia, entrada no Parque e «lanche» para a viagem de regresso.

Peça folheto descritivo e adquira o seu bilhete nas estações de Lisboa (Rossio) ou de Lisboa (Santa Apolónia), nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro e nas Agências de Viagens autorizadas

DOMINGO
17
DE AGOSTO
A
VIANA
DO
CASTELO

ROMARIA DA SENHORA DA AGONIA

IDA E VOLTA 150$00

BILHETES À VENDA NAS ESTAÇÕES DE LISBOA (ROSSIO) E LISBOA (S.TA APOLÓNIA)

CP DEPARTAMENTO COMERCIAL

PIANOS
VERTICAIS
E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM
DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A.
R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

AUTOMÓVEIS
S/ CONDUTOR
AUTO ESTRELA
Os melhores preços
Av. João Crisóstomo, 65-A
Telefs. 534331 - 561394
LISBOA

J. PIMENTA, S. A. R. L.

Departamento de Materiais de Construção

Comunica-se aos nossos prezados clientes e público em geral que os estabelecimentos desta Empresa em Queluz e Amadora estarão encerrados no sábado dia 16, aproveitando-se, assim, o feriado de sexta-feira e o Domingo para proporcionar um maior descanso ao seu pessoal.

CIDADE SEM INDÚSTRIA, QUER FUTEBOL ADULTO

SANTARÉM: O PROBLEMA DA FUSÃO DE QUATRO CLUBES DESPORTIVOS

O problema é este: em Santarém há um movimento pró-fusão de todas as colectividades desportivas locais — «Os Leões», o Empregados no Comércio, o União Operária e, até, a Associação Académica. Já se realizaram assembleias gerais das três primeiras agremiações: onde, ao fim e ao cabo, parece ter ficado decidida a congregação dos clubes.

Mas, embora a Camara Municipal encare como de possível solução a crise por que atravessam «Os Leões» (especialmente) há vozes discordantes nos três campos interessados. Vozes (autorizadas) que, por mais isto ou mais aquilo, têm qualquer coisa a opor ao projecto de fusão. Um projecto que tem, a seu lado, porta-estandartes de todos os clubes de Santarém.

Entretanto, a poucos dias do início da nova temporada futebolística, a cidade interroga-se: haverá fusão ou tudo ficará como dantes?

Nós fomos lá, para ver como é e contarmos o que ouvimos. Agora, seja o leitor o juiz.

D. João de Noronha Azevedo, presidente da Câmara Municipal de Santarém

Por NEVES DE SOUSA

nosso enviado especial

O sr. D. João de Noronha Azevedo, presidente da Camara Municipal de Santarém tem opinião inamovível:

— *Sou francamente pela fusão. O nosso nível desportivo é pobrezinho. As forçazinhas andam muito dispersas. E, como a união faz a força...*

Quando, há cerca de mês e meio, fui abordado pelos dirigentes de «Os Leões», a apresentarem-me o seu problema financeiro, não fiquei admirado. Também o União Operária está em má situação. É uma constante, aliás, da grande maioria dos nossos clubes desportivos.

Acrescenta o presidente da edilidade:

— *Santarém merece uma agremiação que esteja á altura da sua grandeza como cidade. E um estádio, forçosamente municipal: o que é extremamente difícil de conseguir se for utilizado, em usufruto, por quatro clubes: «Os Leões», o União Operária, os Empregados no Comércio e, talvez, também, pela Associação Académica. Pensei no assunto e julgo que a unica solução está á porta: só a partir de uma fusão se pode pensar no estádio.*

À base de subsídios

O Estádio (pese a todas boas-vontades) terá de ser arrancado a ferros. Do clube que se formar, nascerá uma «comissão fabriqueira do estádio», que trabalhará em conjunto com a Camara. Por nosso lado, vamos realizar dinheiro na venda de uns terrenos destinados á urbanização e, com a necessária autorização ministerial, ofereceremos ao novo clube uma vasta zona do Choupal onde possa ser erguido um grande complexo desportivo.

«Várias hipóteses se esboçam. A primeira: a de um estádio com campo relvado para o jogo do futebol. Ora, quanto a mim, deveremos optar por uma solução semelhante á que foi tomada em Torres Novas. Campo de futebol em terra plana (arrelvamente um ano mais tarde) e pistas de atletismo. Em anexo, uma unidade polivalente com capacidade para a prática de hóquei em patins, ginástica, basquetebol, voleibol e ténis de mesa. Também temos uma ambição legítima: erguer uma piscina. Ficará, possivelmente, para mais tarde

Prossegue:

— *Vamos trabalhar á base de subsídios. Bater a todas as portas, inventar todos os modos de obtermos receitas para fazer o estádio. Mas, com os pés bem assentes na terra, temos de abdicar de hipotéticos donativos: considero-os mais que improváveis.*

No Liceu Nacional Sá da Bandeira, os alunos praticam especialmente andebol e basquetebol. Na Escola de Regentes Agrícolas, as predilecções vão para atletismo, futebol, raguebi, basquetebol e andebol.

Por seu lado, a Associação Académica (a que preside o P.e Nuno, dedica-se a práticas culturais e, também, ao futebol, ao hóquei em patins e ao basquetebol. De momento, porque a quase totalidade dos seus associados se encontram em férias, a direcção não toma partido no «problema fusão».

O caso industrial

— *Santarém não tem complexos industriais: daí que as receitas da Camara Municipal sejam menos que nada... É um concelho muito extenso: com estradas e caminhos municipais que se alongam por 300 quilómetros. As despesas de conservação destas estradas são um «cancro»: investe-se dinheiro que não regressa, que por força da nossa debilidade enocómica apenas dá para macadamizar — não permite (sequer) chegarmos ao alcatrão.*

Concluindo:

— *Temos 23 freguesias rurais, algumas delas com grande densidade populacional. Moramos a uma hora de Lisboa: 50 000 pessoas num raio de 15 quilómetros. Talvez o grande impulso para Santarém esteja a chegar: nas minhas mãos temos uma proposta para aqui se radicar uma enorme industria, uma industria dos nossos dias. Se isso se concretizar, Santarém está salva. E o clube pode viver desafogadamente. E a população deixará de recorrer ao êxodo: e por aqui ficará.*

História antiga

Celestino Vieira, de «Os Leões», cuja direcção abandonou no ano passado:

— *Dou o meu voto á fusão. Aliás, o problema não é de hoje: tem 25 anos de vida, porque já há um quarto de século se pensou numa junção semelhante. Nessa altura, só «Os Leões» queriam agrupar-se aos outros clubes.*

«Há 10 anos houve nova tentativa: igualmente infrutífera. Agora, por iniciativa do tenente Rogério Soares, iremos para a frente. E (é justo enaltecer) o Grupo União Operário aderiu imediatamente á nossa proposta, pondo (talvez) termo á perniciosa rivalidade que mantinha com «Os Leões».

«Uma núvem vermelha»

Sócio desde 1932, com 67 anos de idade, Manuel José Raimundo é um ferrenho adepto de «Os Leões». E, também, grande opositor da fusão:

— *Não acredito nessas patranhas: é tudo um rosário de mentiras. Com a minha idade, nunca vi falar verdade nesta terra. Se até agora não se arranjam sócios (e as quotas variam entre 7$50 e 15$00 por mês) como é que eles aparecem quando for obrigatório pagar 20$00?*

«Deus queira que seja como eles dizem: para bem da minha terra eu dou tudo. Mas, isto são só prometimentos. Passou por aqui uma nuvem vermelha, e anda tudo maluco. Só se fala no Benfica, em mais nada: há aqui mais de mil sócios do Benfica, com certeza que o dobro dos sportinguistas. E esses só se preocupam com os seus clubes: estão nas tintas para o grupo que se formar em Santarém.

Finaliza:

— *Os que hoje se entusiasmam com a fusão, são uns pândegos. Lá em casa comem carapau: chegam á rua e dizem que o frango estava muito tenrinho...*

Interesse turístico

Vereador e presidente da Comissão de Turismo, o sr. Oliveira Sollas pertence aos empregados no comércio e está indigitado para a futura direcção do clube oriundo da fusão:

— *Sou partidário da associação de todas as colectividades de Santarém porque reconheço nisso grande vantagem desportiva e grande interesse para o turismo e comércio da nossa cidade. Está já formada a comissão que vai elaborar o estatuto da nova colectividade: Nuno António de Oliveira, Hugo Teixeira Barbosa e Vítor Manuel Henriques Arsénio. Daqui faço um apelo: para que todos se unam em redor do nosso projecto.*

«A ideia é (só) bonita»

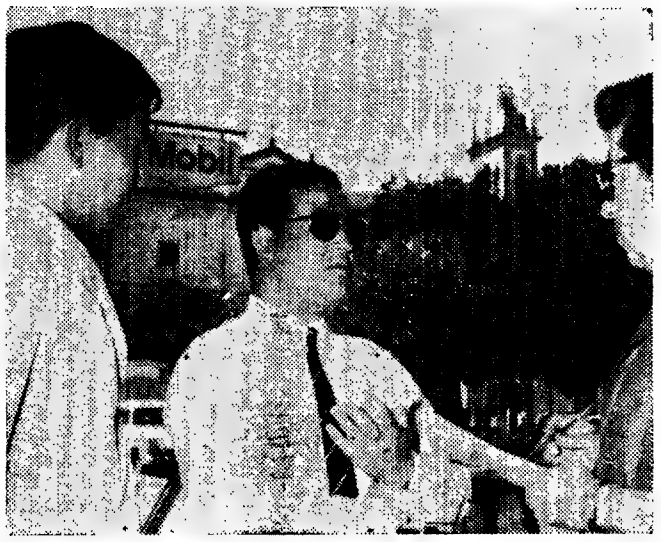
Emídio Aguiar, vice-presidente das actividades desportivas dos Empregados no Comércio, é contra a fusão:

— *Nós (o meu clube) não temos qualquer interesse na fusão: quem anda aflito são o «Leões» e o Operária, que lutam com grandes problemas financeiros. O Empregados do Comércio tem vida calma e desafogada. E, também, uma actividade reduzida a modalidades amadoras, que não provocam dores de cabeça e não implicam loucuras: hóquei em patins, ténis de mesa...*

«No clube estão perto de quinhentos sócios, que nos bastam. E eu não acredito que a fusão seja salutar: a Câmara não tem possibilidades financeiras. Se há 10 anos nos arrastamos com o problema da piscina, e ele continua insolúvel, como posso deixar-me embalar em sonhos?

«A ideia é bonita: lá bonita é... Mas, materializá-la? Se a fusão se fizer, os primeiros dois anos do novo clube podem ser um mar de rosas: o pior é depois, quando se apagar o entusiasmo, a vaidadezinha. E, no fim de contas, que pode lucrar-se? Aqui, em Santarém, quase todos os sócios de um clube são, também, sócios de outro. Pergunto, portanto: aumentará (assim) a massa contribuinte para a nova agremiação?

Se o novo clube for por diante, as cores do equipamento serão as cores da cidade: branco e vermelho. E a colectividade terá, no seu nome, a palavra Santarém.



CONTRA A FUSÃO — José Raimundo («Leões») e Miguel Pereira (Operária), nas imagens de cima. Em baixo, entre o correspondente do «Diário de Lisboa» em Santarém (Rui Leitão) e o nosso enviado, fala Emídio Aguiar (Empregados no Comércio).

PRÓ-FUSÃO: Celestino Vieira («Leões»), Oliveira Sollas (Empregados no Comércio) e Esteves Cardoso (Operária)

(Continua na página seguinte)

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

DESPORTO: PROBLEMA PARA UMA CIDADE

(Continuação da pág. anterior)

guntar: quem é que elaborou a pretensa lista dos futuros corpos gerentes do eventual clube a formar-se? Quem foi ouvido nesse sentido?

Conclui:

— Desçam á terra e acabem com as miragens.

«Está decidido!»

José Melro Esteves Cardoso, do Sport Grupo União Operária, está indigitado para a direcção do futuro clube nascido da fusão:

— O meu clube tem 50 anos de vida e uma bela história: mesmo assim, concordo em absoluto com a fusão, dado o baixo nível desportivo de Santarém e o facto de, neste momento, o União Operária ter entre quinze e vinte contos de «deficit», que não conseguimos eliminar apesar dos donativos recebidos e dos sorteios periódicos que organizamos.

«A nossa equipa de futebol está na primeira divisão distrital: isso não será um património?»

Termina:

— O problema nem sequer já existe: em assembleia geral concordámos com a fusão e ela vai fazer-se. Custe o que custar!

Recalcamento

Dirigente demissionário do Sport Grupo União Operária, Miguel Pereira opõe-se á fusão:

— Vendo as coisas como elas devem ser vistas, fui sempre contra a ideia de associação de clubes. Nasci em Folgueiras (no Minho) e sei o que é bairrismo: ora, aqui em Santarém, esse sentimento não existe. O meu clube é modesto mas não precisa de esmolas. E, porque é que «Os Leões» querem a fusão? Porque estão sem um centavo, depois de se terem metido na aventura do futebol profissional.

«Estive duas vezes na direcção do Operária. Consegui muitas coisas: subir o prémio dos futebolistas (de 70 para 170 escudos por vitória) mas não transigi mais. E, não me esqueço que «Os Leões» vieram uma vez buscar os nossos melhores jogadores. Disso, nunca me esqueço

Mais adiante:

— O problema da fusão é um problema da indústria: não havendo, na cidade, uma grande indústria, para que é preciso um clube de espavento? Sabe uma coisa? Estive há bocado a falar com o sócio numero 2 da Operária. E ele disse-me: «Qual o clube que resultou de uma fusão? Deu efeito em Beja? Em Vila Franca?» E olhe que isto é verdade!

«O Operária está no campeonato regional da 1.ª divisão. Quando receber o subsídio do Totobola, terá apenas 2 contos de passivo. Acha que temos vantagens na fusão?

Conclui:

— O que faltam é dirigentes á altura: «Os Leões» fizeram despesas absurdas: gastaram 80 contos no campo e o piso ainda ficou pior. Já foi um clube rico: enquanto o sr. Sá Nogueira foi rico e era seu presidente. E também quando foi dirigido pelo sr. José Lico, que «enterrou» 300 contos por lá. Mas a «árvore das patacas» secou...

OS NOMES PARA O NOVO CLUBE

Eis os nomes que se alvitram para o novo clube: Associação Desportiva Escalabitana, Associação Desportiva «Os Escalabitanos», Associação Desportiva de Santarém, Atlético Clube de Santarém, Clube Atlético de Santarém, Clube Desportivo «Os Escalabitanos», Clube Desportivo de Santarém, Clube de Futebol «Os Escalabitanos», Clube de Futebol de Santarém, Clube Internacional de Santarém, Clube União de Santarém, Desportivo Clube «Os Escalabitanos», Desportivo Clube de Santarém, Escalabitanos Associação Sport, Escalabitanos Futebol Clube, Escalabitanos Futebol União Escalabitanos Sport Clube, Escalabitanos Sport União, Escalabitanos União Clube, Escalabitanos União Sport, Futebol Clube «Os Escalabitanos», Futebol Clube de Santarém, Grupo Desportivo «Os Escalabitanos», Grupo Desportivo de Santarém, Grupo de Futebol «Os Escalabitanos», Grupo de Futebol de Santarém, Santarém Atlético Clube, Santarém Futebol Clube, Santarém Futebol União, Santarém Sport Clube, Santarém Sport União, Santarém União Sport, Scálabis Atlético Clube, Scálabis Futebol Clube, Scálabis Futebol União, Scálabis Spor Clube, Scálabis União Clube, Scálabis União Sport, Sport Clubé «Os Escalabitanos», Sport Clube de Santarém, Sport Futebol Escalabitano, Sport Futebol «Os Escalabitanos», Sport Grupo «Os Escalabitanos», Sport Grupo União de Santarém, Sport União de Santarém, União Clube de Santarém, União Desportiva Escalabitana, União Desportiva «Os Escalabitanos», União Desportiva de Santarém, União Santarém Sport, União Sport de Santarém e Vitória Clube de Santarém.

A DIRECÇÃO INDIGITADA

Assembleia geral — Presidente, dr. Virgílio Arruda; vice-presidente, eng.º Edmundo Vaz Mourão; secretários, José Carlos de Oliveira Sollas e João Martins.

Conselho fiscal — Presidente, Soares Lopes; secretário, Antonino Pires Brás; vogal relator, Martinho, e suplentes, Lizet de Mello e Telmo Teixeira Pereira.

Direcção — Presidente, ten. Rogério Cordeiro Soares; vice-presidente, Alexandre Veríssimo; secretário-geral, Jaime Guedes de Sousa Varela; secretários, (Assuntos administrativos), Eduardo Baptista Cardoso; (Instalações sociais), Manuel Amaral; (Actividades desportivas), José Mendonça, e (Futebol profissional), José Augusto das Neves Trindade; tesoureiro, Nuno de Oliveira Minderico; vogais (Assuntos administrativos e instalações sociais), Armindo Félix Almeida; (Futebol profissional), João José Figueiredo, David Jacob, Lucio Segurado e Vítor Fernando Rosário Silva; (Pesca desportiva, basquetebol, hóquei em patins e campismo), Emídio Ribeiro Aguiar; (ténis de mesa), Joaquim Pereira; suplentes, António Neves Trindade, José Melro Esteves Cardoso e António Fernando Correia Melancia.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

Alves Teixeira proferiu ontem uma palestra no Belenenses, integrada nas comemorações do 50.º ani versário daquele clube

«BODAS DE OURO» DO BELENENSES

Meio século. Cinco dezenas de anos a forjar glórias, a cimentar um futuro digno, promissor, consentaneo com a esperança granítica dos seus criadores e... continuadores. Clube de Futebol «Os Belenenses», nascido em Belém, em 1919, sofre ante a desumanidade quiçá injustiça de alguns homens, mas sabe «meter se na trincheira» e lutar. lutar estoicamente para que a reflexão e espírito compreensivo doutros homens lhes dêem o que lhes pertence. O Belenenses quer o seu estádio. O Belenenses pretende igualdade. Ser filho bastardo choca-se perante a legitimidade.

Ontem, á noite, três vozes se ergueram em plena Avenida da Liberdade, ante um auditório de algumas dezenas de interessados. Dr. Gouveia da Veiga — tenaz, probo, dedicado e inteligente «timoneiro» do clube da Cruz de Cristo — Artur Agostinho e Alves Teixeira, jornalistas desportivos e directores do «Record» e «Norte Desportivo».

...E Alves Teixeira falou. Historiou o passado glorioso do clube que ora completa 50 anos. Os acontecimentos mais notáveis, os jogadores mais célebres e os dirigentes mais dedicados, foram, ontem recordados. Comovidamente recordados. A «odisseia azul», das Salésias ao Restelo, teve em Alves Teixeira, as palavras certas no momento ideal. A esperança que acompanhou a desilusão, mantem-se perene e inabalável, pois os belenenses sempre foram adeptos dos «elos e das alavancas».

As promessas feitas nesse «9 de Setembro» não se apagaram. Mantêm-se bem sonantes nos saudáveis tímpanos dos belenenses tudo quanto fora prometido. E eles confiam e acreditam nos homens.

Naquela sala onde Alves Teixeira se fazia escutar, estavam também 50 000 assinaturas contidas na petição em cuja capa se lia: *«Para melhor servir Portugal, precisam readquirir o Estádio do Restelo e dar-lhe o nome «Almirante Américo Thomaz»*. Era o «grito azul» vindo do Brasil.

É um apelo ligado pelo Atlantico. Os «azuis» (porque não os de todas as cores) espalhados pelo mundo são humildes. Pedem o que lhes pertence. O Estádio do Restelo é do Belenenses. Ele o mereceu. Ele o justificou. Ele o tem engrandecido com suor e com sacrifícios, com dignidade desportiva, com o desfilar constante dos seus atletas que ao País têm prestado serviços relevantes. O Belenenses, considerada «instituição de utilidade publica» nada mais faz do que reclamar os seus muito legítimos e nada discutíveis direitos

ALVES HENRIQUES

Atlético da Cascalheira

No Clube Atlético da Cascalheira está aberta a inscrição para os sócios e simpatizantes que queiram representar aquele clube em futebol nas categorias de juniores e juvenis.

Acontecimentos DE ONTEM

FUTEBOL

Sorteio da 3.ª Divisão

Na Associação de Futebol de Lisboa realizou-se ontem o sorteio dos jogos do próximo campeonato nacional da 3.ª Divisão, tendo-se adiado o sorteio para a 1.ª fase da Taça de Portugal dadas as discordâncias manifestadas pelos delegados dos clubes quanto aos moldes em que a prova deverá disputar-se.

HÓQUEI EM PATINS

Campeonato de Lisboa

Foram os seguintes os resultados verificados nos jogos de hóquei em patins ontem á noite disputados a contar para o campeonato de Lisboa daquela modalidade:

C.A.C.O.-E. Física	6-4	(v.-f.c.)
Benfica-Parede ...	3-5	(8-0)
Salesiana-P. Arcos	8-6	(3-1)
Oeiras-Sintra	5-5	(1-4)
Cascais-C.U.F.	4-3	(3-0)
Sporting-Belenen.	5-3	(7-0)

Entre parêntesis indicam-se os resultados dos desafios na categoria de reservas.

A classificação, após a 2.ª jornada, é a seguinte:

Sporting, 6 pontos; C. Ourique, 6; Cascais, 5; Sintra, 5; Benfica, 4; P. Arcos, 4; Parede, 4; Oeiras, 4; J. Salesiana, 4; C.U.F., 3; Belenenses, 3; E. Física, 2.

TÉNIS

Nacionais da 3.ª categoria

Resultados dos encontros disputados ontem nos *courts* do Estádio Nacional, a contar para os campeonatos nacionais de 3.ª categoria:

Vasco Palmeirim-Vicente Ferreira, 6/0, 4/6 e 6/4; Domingos Palma-Rogério Manso, 6/4 e 6/4; Filipe Franco-Sousa Coutinho, 7/5, 5/7 e 6/3; Jaime Leal-Duarte Silva, 6/0 e 6/1; Alex Vi Pinto-José Cruz, 6/1 e 6/3; Manuel Vasconcelos-José Garrido, 6/0 e 8/6.

Nadadores portugueses no «Europeu» de Juniores

Partiram esta manhã para Viena os nadadores Francisco Bessone Alves, Graça Maia e Maria Clotilde Melo, que na capital austríaca participarão no campeonato europeu de juniores, de 14 a 17 deste mês.

Acompanham aqueles nadadores, o técnico Shintaro Sokochi e o presidente da Federação, dr. Francisco Alves, que se desloca a expensas suas.

Um torneio de natação no Sportivo de Pedrouços

Integrado nas comemorações do seu 50.º aniversário, o Clube Sportivo de Pedrouços promove um torneio de natação interclubes, denominado «Bodas de Ouro do Clube Sportivo de Pedrouços» que se realizará amanhã na piscina daquele clube.

Nadadores moçambicanos nos campeonatos nacionais

LOURENÇO MARQUES, 12 (ANI) — Os nadadores de Lourenço Marques que vão participar nos campeonatos nacionais de natação, na Metrópole.

A representação moçambicana é constituída pelos nadadores Anabela Gouveia, Lídia Gouveia, Lucília Vieira, Alice Aleixo, Ana Paula Pinto, Carlos Oliveira e José Cabanelas. Serão acompanhados pelo dirigente Sidónio Aleixo e pelo treinador Francisco Matos.

O «MUNDIAL» DE XADREZ

ESTOCOLMO, 12 — (F. P.) — Prosseguiu a disputa do campeonato do mundo de xadrez para juniores.

No primeiro grupo, Kaplan (Porto Rico) está á frente com 2 pontos, seguindo-se Neckar (Checoslováquia) e Craske (Austrália). O português Vítor Silva, ontem batido por Neckar (1-0), foi vencido agora por Kaplan (1-0).

Vem a Portugal o Lusitano de Ludlow

A equipa de futebol do Lusitano de Ludlow (Massachusetts) vem a Portugal para disputar desafios em Boticas, Alcobaça e Chaves, estando também previstos outros encontros.

Integram a comitiva, chefiada pelos dirigentes António Paulino e António Carvalho, cerca de cinquenta pessoas.

O início da viagem está marcado para depois de amanhã.

VITÓRIA DE SETÚBAL — TRÊS JOGOS EM ESPANHA

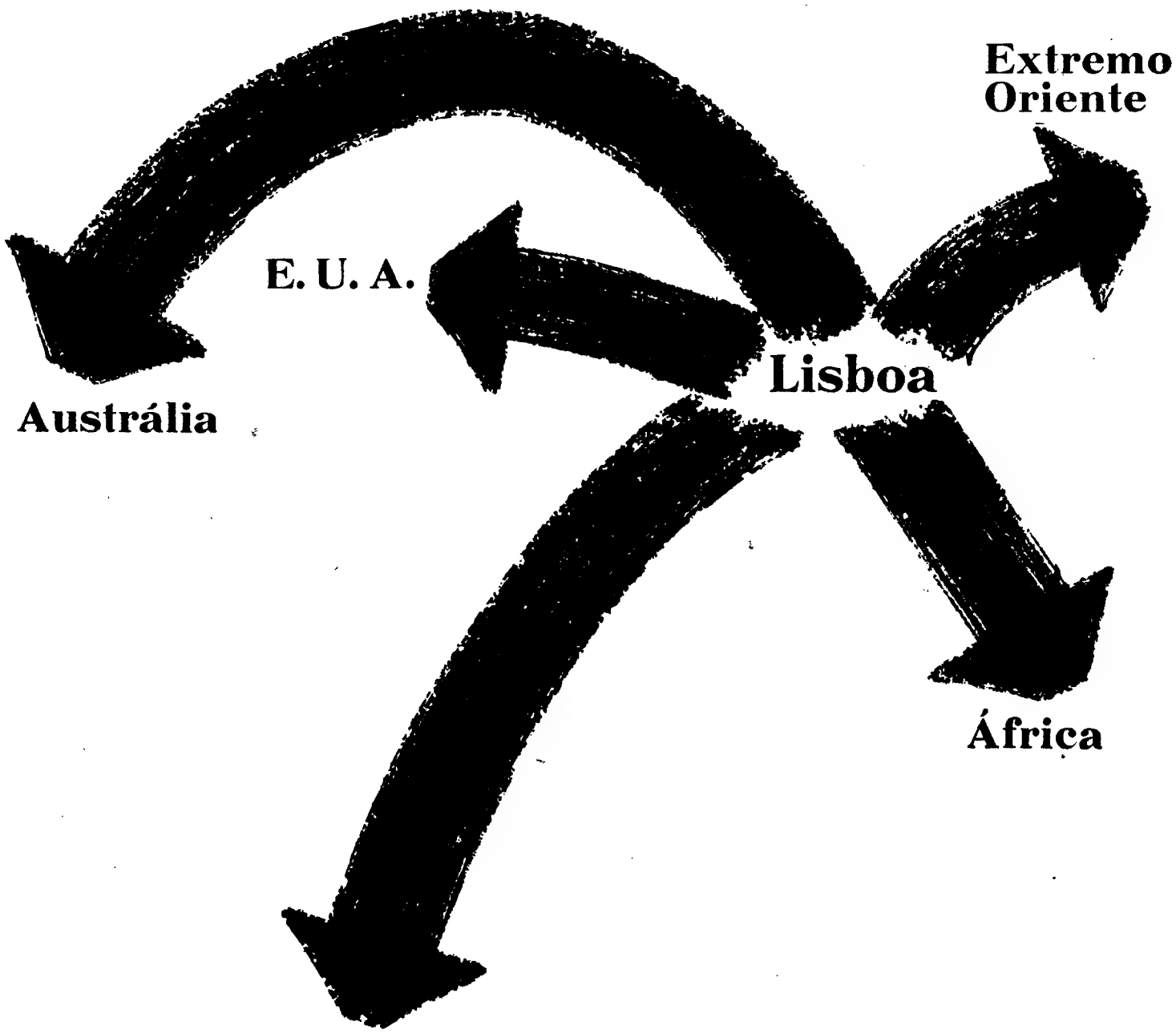
A semelhança do que tem acontecido nas épocas anteriores, a equipa do Vitória de Setubal que iniciou há já alguns dias a sua preparação, sob as ordens de José Pedroto, vai fazer uma digressão por Espanha, a partir dos ultimos dias de Agosto.

Os setubalenses deverão defrontar o Oviedo, o Espanhol de Barcelona e o Sevilha, recém-promovido á 1.ª Divisão. Admite-se, ainda, a hipótese de o Vitória de Setubal efectuar um quarto encontro, contra o Granada.

Embora estejam previstas as datas de 28 e 29 de Agosto e 1 de Setembro para a realização dos três primeiros encontros, aguarda-se em Setubal a confirmação do empresário Juan Obiol, para se iniciarem os preparativos da viagem.

Entretanto, treinam já no Bonfim as novas aquisições do clube: o ex-belenenses Gomes e o defesa central Correia que pertencia ao Torriense.

Só a Pan American pode transportar as suas mercadorias desde a origem até ao destino em qualquer parte do mundo.



A Pan Am® liga Lisboa ao resto do mundo através dos seus aviões a Jacto que voam para 122 cidades em 84 países dos 6 continentes. Isto significa que há apenas uma Companhia transportadora envolvida e portanto um único responsável pelos seus serviços de exportação e importação.

Mais uma vantagem Pan Am: O Serviço de Mercados Mundiais. Os nossos escritórios existentes em quase todo o mundo dão-lhe informações pormenorizadas sobre as possibilidades locais. Por outro lado, a revista que lhe oferecemos grátis «Worldwide Marketing Horizons» está cheia de novas ideias sobre a maneira de conquistar os mercados estrangeiros.

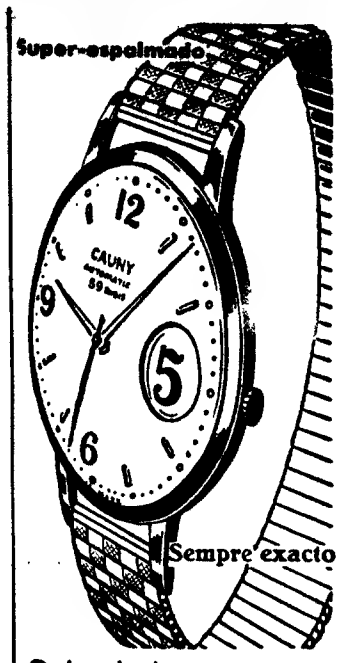
A Pan Am vai muito além dum simples transportador de carga — é como que uma associada sua no campo dos negócios.

Dirija-se ao seu Agente habitual de Carga Aérea ou à Pan American em Lisboa, Praça dos Restauradores, 46 Telef 36 21 81 ou Aeroporto da Portela — Telef 72 64 62

Na Pan Am encontra a solução que procura

PAN AM

Transporta mais carga aérea em todo o mundo



Calendario Automático

relógios suíços

CAUNY

Garantia total

ILFORD

A PELÍCULA-MARAVILHA!

À VENDA NAS BOAS CASAS DE ARTIGOS FOTOGRÁFICOS

REPRESENTANTES:
ESTABELECIMENTOS M SIMÕES JR. S.A.R.L.
RUA DA CONCEIÇÃO, 46 - TEL. 361545 - LISBOA

CAMINHOS DE FERRO

SERVIÇO ESPECIAL PARA CORUNHA POR OCASIÃO DAS FESTAS DE VERÃO

DE 1 A 31 DE AGOSTO

Bilhetes especiais de ida e volta a preços reduzidos

A C. P., em combinação com a Rede Nacional dos Caminhos de Ferro Espanhóis (RENFE), vende nas estações de Afife, Âncora, Barcelos, Braga, Caminha, Cerveira, Guimarães, Moledo do Minho, Monção, Porto (S. Bento), Valença e Viana do Castelo bilhetes especiais de ida e volta, a preços reduzidos, para a estação de Corunha, por motivo das Festas de Verão.

Validade dos bilhetes:
Ida: 27 de Julho a 31 de Agosto.

Volta: 1 de Agosto a 5 de Setembro.

O CAMINHO DE FERRO E O FERIADO DO DIA 15 DE AGOSTO

Comunica-nos a C. P. de que por motivo do feriado do dia 15 de Agosto os bilhetes de «fim-de-semana» são válidos para início da viagem de ida, desde as 17 horas do dia 14, quinta-feira, até ás 12 horas de domingo, dia 17. A viagem de regresso pode ser iniciada desde as 12 horas do mesmo domingo até ás 24 horas de 2.ª-feira, dia 18.

CARTAZ DOS CINEMAS

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 21.30
Um filme moderno e sofisticado! Mónica Vitti e Jean Sorel em
MATA-ME DEPRESSA... QUE TENHO FRIO
TECHNICOLOR

ESTÚDIO
(M. 12 anos) Tel. 555134
Às 15.30, 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA
O extraordinário filme de WALT DISNEY
O DESERTO MARAVILHOSO
TECHNICOLOR

ALVALADE
(M. 12 anos) Tel. 763080
Às 21.45
O HOMEM QUE MATOU BILLY THE KID
com Peter Lee Lawrence e Gloria Milland

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Tel. 54153
Às 15.15. 18.15 e 21.30
CAMINHO PERIGOSO
com Richard Johnson, Carol Lynley e Sylvia Seyme
Alta tensão no campo da emotividade

CONDES
Telefs. 322523 - 326710
Às 15.15, 18.30 e 21.45
CONFLITOS DE ALMA
com Humphrey Bogart
o maior «duro» do cinema americano
AR CONDICIONADO

EUROPA
(M. 12 anos) Tel. 661016
Em 4.ª SEMANA
o notável filme de Stanley Kubrick
ás 21.30
SPARTACUS
70 m/m — Technicolor

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Tel. 268729
Às 17 e 21.30
QUARTO PARA DOIS
com Rock Hudson e Gina Lollobrigida

RESTELO
(M. 12 anos) Tel. 610375
Às 21.30
CARTOUCHE
com Claudia Cardinale e Jean Paul Belmondo

MONUMENTAL
(Adultos) Tel. 555131
HOJE, ÀS 21.30 — ESTREIA em Technicolor
O BASTARDO
«THE BASTARD»
c/ Rita Hayworth e Giuliano Gemma

EDEN
(M. 12 anos) Tel. 320768
Às 15.15, 18.30 e 21.30
Mais audaz e violento do que nunca Antony Steffen em
POUCOS DÓLARES POR DJANGO
com
Gloria Ossuna e Thomas Moore

MUNDIAL
(M. 12 anos). (Tel. 538743
Às 21.45
CHARLY
com Cliff Robertson
«Oscar» da Academia Americana
Technicolor — Techniscope
AR CONDICIONADO

ESTUDIO 444
(Adultos Tel. 779095
Às 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA
O CASAMENTO
(Le Mariage ou Mazel Tov)
com Claude Berri e Elisabeth Wiener
EASTMANCOLOR
AR CONDICIONADO

POLITEAMA
Tel. 326305
15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
ULTIMOS DIAS!
do extraordinário e apaixonante filme de espionagem
ARABESCO
com SOFIA LOREN e GREGORY PECK
Panavision (col.) (M. 12 anos)

ODEON
(M. 12 anos) Tel. 326283
15.15 e 18.15 (P. r.) e 21.30
A ESPECTACULAR NOVIDADE
em brutal fúria de matar
NÃO ESPERES, DJANGO... DISPARA!
c/ Sean Todd e Rada Rassimov
CADA BALA ERA UMA SENTENÇA DE MORTE
Eastmancolor — Cromoscope

IMPERIAL
(M. 12 anos) Tel. 45933
Às 21 horas
OURO DE LONDRES
A PAPOILA TAMBÉM É UMA FLOR

TIVOLI
(M. 12 anos) Tel. 50595
Às 3 da tarde e 9.30 da noite
62.ª SEMANA
do maior êxito de todos os tempos!
MÚSICA NO CORAÇÃO
com Julie Andrews e Christopher Plummer
Exclusivo desta sala

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
Às 21.45
3.ª SEMANA
Marcello Mastroianni - Pamela Tiffin - Virna Lisi
O HOMEM, A MULHER E O DINHEIRO
Panavision — Metrocolor
AR CONDICIONADO

LIZ
(Adultos) Tel. 48560
As 21 horas
COMEÇOU EM NÁPOLES AS AREIAS ARDENTES DO KALAHARI

AVIS
(Adultos) Tel. 47163
Às 21.45
Uma história alegre, picante e divertida
PÃO, AMOR E CIÚME
com Vittório de Sica e Gina Lollobrigida
(AR CONDICIONADO)

LIDO
Praça D. João I — AMADORA
Às 21.30 h. (M. 17 anos)
A ESPIA SEM NOME
com Suzy Kendall, Capucine e Kenneth More

VOX
Tel. 720808
Às 18.30 e 21.45 (M 21 anos)
3.ª Semana de lotação esgotada
HELGA
(O segredo da maternidade) comentado em português
(Ar condicionado)
AVISO:
É indispensável a apresentação do bilhete de identidade àquelas pessoas cuja aparência possa suscitar dúvidas

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS
VARIEDADES — Às 21 e 45: «Os Direitos da Mulher» (17 anos)
MONUMENTAL — Às 20 e 45 e ás 23: «Ri-te, Ri-te» (17 anos).
TEATRO GIL VICENTE — Às 22: «A moça» (17 anos).
OLIMPIA — Às 19: «Perseguição impiedosa» (17 anos).
PARIS — Às 21: «Django attro primeiro» (17 anos).
JARDIM — Às 21: «Até á eternidade» (17 anos).
ROYAL — Às 21: «Catarina, imperatriz da Russia» (17 anos).
CINEARTE — Às 21: «O circo da morte» (12 anos).
ARCO IRIS — Às 21: «A máquina do crime» (17 anos).
SALÃO LISBOA — Às 19: «A viuva solteira» (12 anos).
UNIVERSAL — Às 21: «A sombra de um gigante» (12 anos).
IDEAL — Às 21: «Mal por mal antes com elas» (17 anos).
CASTANHEIRA — Às 21 e 30: «Roubaram o meu coração» (12 anos).
MOSCAVIDE—Às 21: «Will Penny» (17 anos).
S. L. BENFICA — Às 21 e 15: «Agente secreto FX-15» (17 anos).
CINE-ORIENTE — Às 21: «Bonnie e Clyde» (17 anos).
B. ENCARNAÇÃO—Às 21: «Uma provinciana na corte do Rei Artur» (17 anos).

● Outra Banda
ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «O Solitário de Nevada» (12 anos)
COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA — Às 21: «O preço de 5 jogadores» e «O assalto ao Queen Mary» (12 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — Às 21 e 30: «A cidade submarina» e «Flecha sangrenta» (12 anos).

● Linha de Cascais
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Tortura diabólica» (17 anos)
ESTORIL — CASINO — Às 17 e 21 e 30: «Quatro para dois» (17 anos)
ESTORIL — CINE-ESPLANADA — Às 21 e 30: «O tesouro dos aztecas» (12 anos)

● Linha de Sintra
DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: — «Rocco e os seus irmãos» (17 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Sinfonia para um inimigo» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Uma rapariga nos teus braços» e «Jivaro» (12 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «Os pistoleiros da Casa Grande» (17 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 15: «Estrada da vida» (17 anos)
BRICEIRA — CASINO — Às 21: «Romeu e Julieta» (17 anos).

À NOITE SÓ NA
FEIRA POPULAR de LISBOA
A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DO «SÉCULO»
A MULTIDÃO SE SENTE FELIZ
ALI HÁ DE TUDO: RESTAURANTES, BOTEQUINS, CAFÉS, CERVEJARIAS, BARS, CONFEITARIAS, VINHOS REGIONAIS, ETC.
TODAS AS ATRACÇÕES EM MOVIMENTO
HABILITE-SE AO SORTEIO DE UMA MOTORIZADA CASAL
OFERTA DA METALURGIA CASAL, DE AVEIRO
— ABERTURA ÀS 19 HORAS —

Sindicato Nacional dos Caixeiros e Profissões Similares do Distrito de Lisboa
AV. DA REPÚBLICA, 29 — LISBOA
Escola de Aperfeiçoamento Profissional

AVISO

A todos os sócios deste Sindicato Nacional se comunica, que a partir do dia 16 do corrente até 15 do próximo mês de Setembro, se encontram abertas as matrículas para frequência, no próximo ano lectivo, dos Cursos de Português, Francês e Inglês e Curso de Óptica.
Oportunamente será aberta a inscrição para frequência do Curso de Técnica de Vendas, a realizar no próximo mês de Outubro.
A DIRECÇÃO

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhoes, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno M
(Ver pelas bolsas das mediações e telefones entre parênteses)
ALCÂNTARA — Probidade, R de Alcântara, 15-A-B (638589).
AJUDA — Lidia Almeida, Calçada da Ajuda, 170 (6373 8)
ALTO DO PINA — Eusil, R Barão Sabrosa, 104 (84 9 12)
ALVALADE — Rainha Santo, Rua Al Lopes Vieira, 57-B (765262) e Alentejo, Av do Igreja, 28-B (712682)
ANJOS — Guerra, Rua Andrade, 32-36 (845513)
AREEIRO — Belo, Av de Roma, 53-A (7763 4) e Estados Unidos, Av Estados Unidos da América, 16-B (725859) e Central do Areeiro, Av Paris, 2 e (720820).
AVENIDAS NOVAS — Santa Maria, Av 5 de Outubro, 283-A (763016) e Cardote, Lda., Av. Visconde Valmor, 28-A-B e C (772291) e Saldanha, Av Praia da Vitória, 53-55 (43938)
BAIRRO AZUL — Sirius, R. Fialho de Almeida, 38-A (44000)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, Rua 27, 4 (3 1 2 16).
BAIXA — Frazão, R dos Portas de St.º Antão, 72 (328180) e Durão, R Garret, 90-92 (324 66)
BENFICA — Marques, E de Benfica, 648 (700096) e Vitex, Est. de Benfica, 373-B (780548) e S. João, Est. de Luz, 24-A (783 79)
CAMPO DE OURIQUE — Condestável, R Coelho da Rocha, 119 (666206) — Almeida, R Silva Carvalho, 36 (681726)
CAMPOLIDE — Imparcial, R General Taborda, 28 (68093) e Rualto, Lda., Rua do Alto do Carvalhão, 5-A-5-B (651721).
CHARNECA — São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, — Galinheiras (790969)
CHILE — Lab.º do Brasil, R Alves Torgo, 29-3 (46843)
CONDE BARÃO — Lys, R do Esperança, (17-19 (6609 3)
CONDE REDONDO — Branco, Av. Duque de Loulé, 6 -65 (45048).
ESTRELA E LAPA — Gama, Calç. da Estrela, 30 (660339)
GRAÇA — Anunciada R do Vigário, 74 (866360 e Progressiva, Rua St.ª Marinha, 18 (8636 9).
LUMIAR — Patutela, Herdeiros, R do Lumiar, 22- 24 (790332)
OLIVAIS — Fernandes Borges R. C., 3, Lote 300 (3 09 1 e Central dos Olivais, Rua Alferes Barilaro Ruas 7-C. Olivais-Norte (315539)
PALHAVÃ — Curie, Av Madame Curie, 15-A (778439).
PAMPULHA — Infante Santo, R. do Olival, 290 (66 003)
PATRIARCAL — Cunha, Rua do Escola Politécnica, 6 (32545)
PEDROUÇOS — Restelo, R Duarte Pacheco Pereira, 1-C — (610741)
PENHA DE FRANÇA — Dimar, Rua Conde de Monsaraz 17-B (842533)
PICHELEIRA — Mariuz, Calç da Pichelaira 40-B-C (720703) e 728395)
REGO — Prates & Mota, Rua da Beneficência, 9 (773128)
SANTO AMARO — St.º Amaro, Rua F. Elisio, 29-A-B (637070).
SÃO PAULO — Ultramarina, Rua de S. Paulo, 0 (32 77 1).
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Grilo, R do Grilo, 25 e Alves de Carvalho, Rua do Vale de St.º António, 1-9 (840 25) 48-A (251234)
MOSCAVIDE — Varela — Av.ª de Moscavide, 44 (Tel 25185 40) e Império — R de Olivença.

● Linha de Cascais
ALGÉS — Nito — Av Combatentes G Guerra, 64 (Tel. 212070)
CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, 7-A (Tel 242839).
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — R Costa Pinto, 86 (Tel 2432034)
OEIRAS — Godinho — R Cândido dos Reis, 98 (Tel 2430090)
PAREDE — Brandão, Av.ª do Republica, 11-C (247 054)
ESTORIL — S João — S João do Estoril (Tel 261 86)
MONTE ESTORIL — Suiça, Cruzeiro (260087)
CASCAIS — Misericórdia — Rua do Regimento 9, 4 (Telefone 280141). Cascais — R. Conde de Monte Real — Bairro Caixas (Tel 282407)

● Linha de Sintra
AMADORA — Dias, Av Marquês de Pombal, Lote 9 (934589) e Campos, R Elias Garcia, 185 (930072) e Clobel, R. António Sardinha, 23-D (938551).
DAMAIA — Damaia — P. Alexandre Gusmão, 9-A (T. 970528)
QUELUZ — Correia, L do Mercado, 3 (950905) e «Zeller, R. do Republica, 83 (950045).
CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 55 (Tel 2940034).
MEM MARTINS — Quimia — Est. Mem Martins, 285 (T 2910012).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel. 980456)
SINTRA — Misericórdia, L. Dr. Gregório de Almeida, 2 (980391).
COLARES — Colares — Abreje (Tel. 299088).

● Outra Banda
ALCOCHETE — Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 5 (Tel. 234 00)
ALHOS VEDROS — Gusmão — R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 224020).
ALMADA — Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 21-A (270076)
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança, Est Nacional, 174 (22 43 02).
BARREIRO — Normal, Av.ª Alfredo da Silva, 16 (2273035)
COVA DA PIEDADE — Cerqueira Afonso — P 5 de Outubro, 18 (Tel 270254)
MOITA — Silva Rocha — P da Republica, 16 (Tel 239029)
MONTIJO — Higiene — R José Joaquim Marques, 142 (Tel. 230370).
SESIMBRA — Lopes — R Cândido dos Reis, 67 (Te. 229028)
SETÚBAL — Marques, R Arronches Junqueiro (2 27 83) e Bonfim, Av Rodrigues Manitto, 12 2 45 58)
SEIXAL — Godinho — L da Igreja 5 (Te 22 1 85 80)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

AGUA, GAS e ELECTRICIDADE — Companhia das Aguas 361353 e Companhias Reunidas, 537011 e Gazcidla 538821 e Gazcidla (dom. e feriados) 382069.

BOMBEIROS — Sapadores 322222 e Voluntários 538524

POLICIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 e Segurança Publica, 366141 e Judiciária, 535380 e Marítima, 326456 e Internacional, 362721 e Viação e Trânsito, 42205 e G.N.R. (área rural), 36865

SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 e Enfermagem permanente, 766161 e Enfermagem de urgência, 43738 e Hospital de Santa Maria, 775171 e Hospital de S José, 860131 e Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 e Transfusões, soros e oxigénio, 538524 e Centro de Intoxicações (informativo), 767777 761176 e 763456.

TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 e Caminhos - de - ferro (C. P.), 869029 e Caminhos-de-ferro (Estoril), 361121 e Estação fluvial (T Paço), 325345 e Estação Marítima de Alcântara, 663195 e Estação Marítima da Rocha, 672445 e Estação fluvial (Belém), 638531

BOM APETITE

VIRIATO
RESTAURANTE CERVEJARIA SNACK-BAR COZINHA PORTUGUESA
Rua Tomás Ribeiro, 55-57
(Aberto até ás 2 h.)
Telefone 530758

NOVO RESTAURANTE E SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA - SETÚBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZÍVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

Sociedade «ESTORIL»
VENDA DE SÉRIES DE 20 BILHETES SEM DATA PARA OS DOMINGOS
Todos os dias e em todas as estações
VENDA DE BILHETES

XANGAI
Av. Duque de Loulé, 20-B
Telef. 5 73 78
(frente à Embaixada Americana)
ESPECIALIDADE DIÁRIA
CARNE DE PORCO ACRE E DOCE e o célebre arroz CHAO CHAO

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211 (M/ 15 anos)
aos sábados e domingos
JANTARES DANÇANTES
c/ conjunto privativa
(Encerrado às 3.ªs-feiras)

RESTAURANTE
antónio
COZINHA TIPICAMENTE PORTUGUESA
DIÁRIAMENTE AÇORDA DE LAGOSTA
Ar condicionado — Encerrado aos Domingos
R. Tomás Ribeiro, 63 — LISBOA — Tel. 538780
(Junto da Estação do Metro das Picoas)

RESTAURANTE
CANTINHO ALENTEJANO
Rua D. Luís de Noronha, 32-A (junto á Av de Berna)
Telefone 77895
SERVE DIARIAMENTE OS DELICIOSOS PRATOS CARACTERÍSTICOS ALENTEJANOS

Diário de Lisboa

DL

Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

A PROMOÇÃO EM PORTUGAL DO TURISMO INTERNO

(Continuação da 1.ª página)

no, começou por afirmar o eng.º Álvaro Roquete, pode

O eng.º Álvaro Roquete, director-geral de Turismo, desembarca após a reunião de convívio, no Tejo, com os órgãos da Informação

Assim, e segundo afirmou o eng.º Roquete, «dezenas de grandes empresas particulares estão já a concretizar essa adesão através das suas actividades sócioculturais, preparando viagens e passeios de fim-de-semana com roteiros préviamente estudados, organizando conferências e palestras com projecção de filmes, realizando concursos de fotografias com motivos paisagísticos da nossa terra e Jogos Florais subordinados ao tema «Há sempre um Portugal Desconhecido que espera por Si». Estas e outras modalidades de adesão prática demonstram cabalmente o real interesse despertado pela Campanha de Turismo Interno, que tem contado, naturalmente, com a colaboração das agências de viagens e dos órgãos locais de Turismo, infra-estruturas indispensáveis ao êxito de qualquer promoção turística».

E acentuou, mais adiante.

— Vem a propósito referir, ainda, como índice da receptividade dos portugueses a esta campanha, o êxito obtido por um concurso realizado durante o funcionamento da Feira Internacional de Lisboa, sempre sob o título genérico «Há sempre um Portugal Desconhecido que espera por Si». No curto período da Feira Internacional, que decorreu de 9 a 23 de Junho, entraram no Pavilhão do Turismo do referido certame cerca de 15 000 boletins concorrentes. Se bem que o apuramento dos premiados só se verifique, por força do regulamento, em Setembro próximo, aqui se deixa este breve apontamento, revelador da audiência que encontrou junto do grande público.

Dezenas de contos de prémios para jornalistas

Sublinhando que a vitalidade das iniciativas se mede pela sua dinamização constante, pelo acréscimo de novas ideias ás que serviram de ponto de arranque para o seu impulso inicial, o eng.º Roquete anunciou que a Secretaria de Estado da Informação e Turismo, com o objectivo de sublinhar o relevante papel dos diferentes meios de comunicação social, nomeadamente a Imprensa diária e desportiva, bem como a Televisão e a Rádio, que tão eficientemente vêm contribuindo para a valorização da Campanha de Turismo Interno, resolveu instituir um grupo de prémios, a conceder, respectivamente, aos melhores artigos, crónicas e reportagens nos jornais, ás melhores reportagens na TV e aos melhores programas de composição e palestras radiofónicas produzidos e publicados ou transmitidos no período que decorre entre 15 do corrente e 30 de Novembro, sobre temas regionais integrados no espírito da campanha. Aos órgãos da Informação que tiverem divulgado os trabalhos contemplados serão atribuídos troféus. De sublinhar que está já a efectuar-se concurso idêntico nos órgãos da Imprensa regional, promovido pelo Grémio Nacional da Imprensa Não-Diária, com o patrocínio da Direcção-Geral do Turismo. «A partir de agora — sublinhou o eng.º Roquete — portanto, é de prever uma cobertura nacional ainda mais ampla do tema «Há sempre um Portugal Desconhecido que espera por Si», integrando a determinação que todos devemos ter de conhecermos cada vez mais e melhor o nosso próprio País — e incentivando, assim, o grande esforço conjunto em que estamos empenhados a favor do nosso turismo».

Para artigos ou crónicas, na Imprensa e palestras na Rádio, os prémios são os seguintes: 1.º, 7500$00; 2.º, 5000$00 e 3.º, 2500$00. Quanto ás reportagens publicadas na Imprensa e aos programas de composição radiofónica, o primeiro prémio é do valor de 10 000$00, sendo os 2.º e 3.º, de importancia igual aos correspondentes das outras modalidades.

Os concorrentes entregarão na Secretaria de Estado da Informação e Turismo (Direcção-Geral do Turismo), até 15 de Dezembro deste ano os seus pedidos de admissão, acompanhados de seis exemplares dos jornais com os trabalhos publicados, ou, quanto á Rádio, duas gravações em fita magnética, bem como seis exemplares dos respectivos textos dactilografados.

Quanto aos prémios para as reportagens na Televisão, oportunamente será tornado público o respectivo regulamento.

Concurso na TV e prémios na «Volta»

Revelou ainda o director-geral do Turismo:

Além destes concursos, outro terá começo, igualmente a partir do próximo dia 15, na R. T. P., destinado a todos os telespectadores que nele queiram participar — e no qual se fomentará a curiosidade e a admiração pelo «Portugal Desconhecido», através da projecção de imagens apropriadas. Os prémios constituídos por viagens a Angola, Moçambique e Ilha da Madeira, bem como fins-de-semana nos estabelecimentos hoteleiros do Estado) representarão, por si sós, úteis meios de propaganda do turismo interno á escala inter-regional e intercontinental. Aida a Televisão, procuraremos continuar com regularidade, o diálogo já recentemente aberto sob a forma de «mesas-redondas», em que se debatam, numa livre troca de impressões e experiências, os aspectos e problemas que mais directamente respeitam ao Turismo português.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS — Em Portugal continental o céu estava muito nublado no litoral oeste e pouco nublado ou limpo nas restantes regiões. O vento era fraco ou moderado de nordeste.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Elvas: 33°; mínima: Montalegre: 11°,5.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Porto, 8°; Penhas Douradas, 20°; Coimbra, 17°; Portalegre, 20°; Lisboa, 21°; Faro 25°; e Funchal, 22°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 22°; na água do mar: 17°,4.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu pouco nublado, excepto na faixa costeira ocidental, onde deve predominar o céu muito nublado. Vento fraco e moderado de Noroeste.

Amanhã
Nascer ás 6 e 48
Ocaso ás 20 e 34

Amanhã Dia 20 Dia 27 Dia 3

MARES:

PREIA-MAR: Dia 12 — 4 (3,5 m); 16 e 13 (3,9 m). Dia 13 — 4 e 32 (3,6 m); 16 e 45 (4 m). Dia 14 5 e 01 (3,7 m); 17 e 15 (4 m). BAIXA-MAR: Dia 12 — 9 e 28 (1,3 m); 21 e 59 (1,2 m). Dia 13 — 10 (1,2 m); 22 e 28 (1,1 m). Dia 14 10 e 30 (1,1 m); 22 e 58 (1 m).

O cardeal-patriarca deixou o hospital em que estava internado

Teve hoje alta, depois de vários dias de internamento no Hospital de Jesus, o cardeal-patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira.

O prelado, que abandonou aquele estabelecimento hospitalar cerca das 14 e 30, dera ali entrada para ser submetido a uma intervenção cirurgica, que decorreu com êxito. O período de convalescença decorreu de modo satisfatório.

É provável que D. Manuel Gonçalves Cerejeira retome, dentro em breve, as suas funções episcopais.

Assembleia geral do Ateneu Comercial

Realiza-se esta noite, ás 21 e 30, na sede do Ateneu Comercial de Lisboa, a assembleia geral ordinária daquela instituição, para apreciação do Relatório e Contas de 1968 e eleição dos corpos gerentes para 1969.

ESCÂNDALO FINANCEIRO

(Continuação da 1.ª página)

ção da Matesa», cuja política de venda ao estrangeiro parecia obter plena satisfação. Mas a realidade era muito diferente: a empresa tinha conseguido criar uma dezena de sucursais em diversos países, sendo as principais em Nova York, Paris e Roma. Enviava-lhes o seu equipamento que ficava inscrito nos registos de venda como material «exportado».

As suspeitas começaram a nascer quando os três gerentes solicitaram, há algumas semanas, um novo crédito de 5 biliões de pesetas. Foi aberto um inquérito e descoberta a fraude. O trio foi preso e criada uma comissão administrativa na empresa para fazer face aos problemas mais urgentes. A Matesa tem 2000 empregados.

O MECANISMO DA FRAUDE

O mecanismo da fraude teria sido pois o seguinte:

Com vista a favorecer a exportação, o Governo espanhol concede créditos que podem atingir 80 por cento do valor das mercadorias que sejam vendidas no estrangeiro, com um prazo de cinco anos e á taxa de 5 por cento. Embora nada tenha sido revelado de fonte oficial, crê-se que a Matesa, graças á apresentação de «certas garantias de venda», tinha conseguido obter o crédito de 80 por cento. Como por outro lado, está previsto para as exportações industriais um benefício de 14 por cento, a empresa recebeu 94 por cento do valor das mercadorias, valor que, aliás, foi fixado por ela própria.

ELEMENTOS DA OPUS DEI ENVOLVIDOS NO CASO?

Outros elementos vêm ainda complicar mais o assunto. Assim, segundo os meios bem informados, poderiam existir laços entre a banca privada e alguns sectores do banco oficial. Vê-se também renascer a polémica que opõe os «sociais» do Movimento e os financeiros acerca da nacionalização dos bancos. Os primeiros pensam que o caso Matesa não deve servir de pretexto para atacar a banca nacionalizada, mas na opinião dos observadores, sofreram uma grande derrota.

Desenrolar-se-á, talvez, uma verdadeira batalha política á volta deste escandalo financeiro. Já no sábado passado, o jornal «El Alcazar» dizia numa nota que sabia «de boa fonte que alguns membros influentes da Opus Dei ocupavam cargos de direcção na empresa Matesa.

A sede social da Matesa (Máquinas Téxteis do Norte de Espanha, S. A.) é em Pamplona.

CAMPO PEQUENO
QUINTA-FEIRA
14 DE AGOSTO
ÀS 22 HORAS
Última actuação em Lisboa do fabuloso
PAQUIRRI
em mano-a-mano com
JOSÉ JÚLIO
cavaleiros
VARELA CID
e
ALFREDO CONDE
FORCADOS
AMADORES DE ÉVORA
comandados por
João Nunes Patinhas
- toiros -
dos Herd. de
Pinto Barreiros
Telefs:
771819 761539 321712 e 30769
M
6
anos

FEIRA DA LADRA
RIQUEZA VELHA E FERRUGENTA

por Carlos Lopes Ribeiro

(PRÉMIO FÓSFORO FERRERO DE REPORTAGEM)

«Os estrangeiros assim é que aguentam isto»

Sábado de manhã. O sol quente prometendo o verão já atrasado. No autocarro continuamos a voltear por ruas estreitas, descendo, subindo e sempre a parar aqui e ali

— A Feira da Ladra é ainda muito longe?

— Não senhor, é ali mesmo, na próxima paragem —responde-nos o homenzinho gordo e suado, com o bigode a entrar-lhe pelo nariz, a mala castanha nos joelhos. Agradecemos no instante preciso em que a nossos olhos apareciam as primeiras imagens do local, já turístico.

Isto de Feira da Ladra foi o povo que começou a chamar assim

Visto assim, de repente, tudo aquilo parecia um amontoado indecifrável de toldos e objectos desconhecidos.

Começámos a percorrer todo aquele esquisito recheio e de tudo encontrávamos. Desde botões de punho, frascos de perfume vazios, embalagens de «Tofa» também vazias até aos ferros mais compridos e retorcidos, ás cópias de filmes coloridos da «Tobis», tudo isso ali estava na mais farta e pantomínica mistura.

— Isto antigamente chamava-se Feira da Ladra porque estava lá do outro lado. Isto de Feira da Ladra dra foi o povo que começou a chamar assim — a mulher que nos fala, sentada na cadeira de palhinha, com o chapéu alto na cabeça, tem á sua volta armações de ferro e o marido de pé a ler o jornal.

— Sim senhor, até tenho ali um pedaço dum jornal antigo que explica isso. Se os senhores vierem para outra vez, eu lhes mostro. Fui mesmo ao arquivo e falei com um rapaz meu amigo que me mostrou um livro onde estava isso tudo explicado — é o marido que abandona o jornal e nos convida a ouvi-lo.

— Isto já andou por muito lado...

— Já esteve no Rossio, nos Fanqueiros, no Campo de Sant'Ana e até ali ao Castelo, num largo que ali há... não me lembro o nome.

— Era o largo Chão da Feira, mulher, pois lembro-me bem e esteve também no Largo das Torneiras.

Marido e mulher ainda estão arrumando a «loja», andam de um lado para o outro, este ferro ali, mais este acolá.

— A gente vendemos estes catres de ferro e também estas cadeiras antigas. Sempre há quem compre alguma coisa.

Vamos atravessando toda aquela «floresta metálica» até chegarmos ao homem que vende estátuas de santos em madeira, isqueiros de sala e mais um punhado de coisas.

«Já tive treze feiras sem fazer um tostão...»

Os brasileiros são os que compram mais, os americanos ...regateiam muito... a gente aqui paga os impostos como se isto fosse uma loja...

— Eu aqui sou o Alentejano, vendedor de antiguidades. Trabalho nisto vai para uns seis anos e o negócio é como a maré. A gente vai pela província e aquela gente vende estas coisas que não lhes serve de nada ter em casa. Os senhores estão vendo estes relógios de bolso e aquelas espadas ali e mesmo estes chocalhos, para que é que eles querem isto? Assim se vai fazendo o negócio. Aparecem aqui os estrangeiros que sempre compram alguma peça.

Aproxima-se um casal jovem. São ingleses e observam a «mercadoria». Ela pega num furador de papel que tenta fazer funcionar sem resultado.

— Os brasileiros são os que compram mais, os americanos... regatelam muito.

O homem abre a carteira de bolso e mostra-nos uma fotografia.

— Os senhores estão vendo isto? Eu tinha ali dois chocalhos, assim muito grandes, apareceu aí uma inglesa que engraçou com eles e então tirou-me esta fotografia com um de cada lado. Os estrangeiros ainda assim é que aguentam isto. O casal de ingleses afasta-se. O homem sorri

— Ela não «pegou» em nada mas são estes assim que nos estão salvando. A gente aqui paga os impostos como se isto fosse uma loja e ainda por cima se não tivermos isto montado antes das dez vem outro e rouba-nos o lugar. Os senhores estão vendo estes aqui ao lado? Os donos daquele terrado não vieram e então eles tomaram o lugar, mas também tiveram de esperar até ás dez. Antes dessa hora não podem ocupar a vaga.

Subimos a calçada estreita num enxame de barracas e vozearia. Camionetas fazem-nos recuar. São tenistas que chegam, carregados de material fotográfico e de filmar. Vêm percorrer a Feira, obedecendo ao roteiro préviamente estabelecido

Isto para dizer a verdade dá muito... e depois não temos auxílio nenhum, nem de ninguém

— Agente aqui vende só ouro. Andamos nisto vão para aí uns 15 ou 16 anos: A mulher fala-nos depressa e com entusiasmo. O marido dá os ultimos retoques ao mostruário.

— Ó mulher, onde diabo puseste a agulha?

— Tá aqui. Os senhores sabem, a gente também vai ao Mercado da Primavera, ás feiras do artesanato e á feira em Cascais. Isto para dizer a verdade não dá muito. A gente compra muita coisa aos particulares e depois aqui vende-se mais é aos estrangeiros: ingleses e americanos. E nesta coisa de vender... coisitas de inglês — good, gold ver y uice, very good, tank you — e, olhem os senhores que até me chamam a Rosa de Ouro! Fiquem sabendo que tenho grande aceitação dos estrangeiros, eles até perguntam por mim.

O marido carrancudo diz pouco. A mulher continua. Na «loja» objectos de ouro por todo o lado; pendurados do tecto até parecem cachos de uvas.

— A gente aqui tem de pagar o terrado e as licenças. Às vezes levam todo o dinherio que a gente ganha e depois não temos auxílio nenhum, nem de ninguém.

O marido agora intervém.

— Ó mulher, já regaste tudo? Então vem cá para dentro.

Descemos. Entramos na «parte nova» onde estão as «lojas de pronto-a-vestir» e de calçado.

Dantes traziam-se fatos e os homens da província sempre compravam agora vai quase tudo para França e Alemanha

— Ah senhores, o negócio não dá nada. Queria era ter 30 anos.

A mulher é velha no aspecto, jovem no diálogo. Está ainda montando o negócio. Ali mesmo ao pé mais duas mulheres vendem botas de militares usadas. A que nos fala é a Reinadia.

— A gente ainda aguenta aqui porque se começou nisto desde novas. Já tive treze feiras sem fazer um tostão. Isto já deu, sim senhor. Agora... nada. Passa-se dias e dias sem fazer um centavo. Nem para a despesa dá. A gente paga-se o terrado impostos contribuições e no fim... não se ganha para aliviar isto tudo. Ainda assim se vende alguma coisa mas é aos particulares. Tem uns óculos escuros, a face enrugada mas sempre a sorrir.

— Antigamente não havia quase ninguém aqui. Era meia duzia. Agora por todo o lado há gente a vender; até há representantes de antiquários e doutros vendedores. Dantes trazia-se fatos e os homens da província sempre compravam. Agora vai qua-

(Continua na 2.ª página)

Diário de Lisboa
juvenil
N. 634 DOS JOVENS PARA TODOS

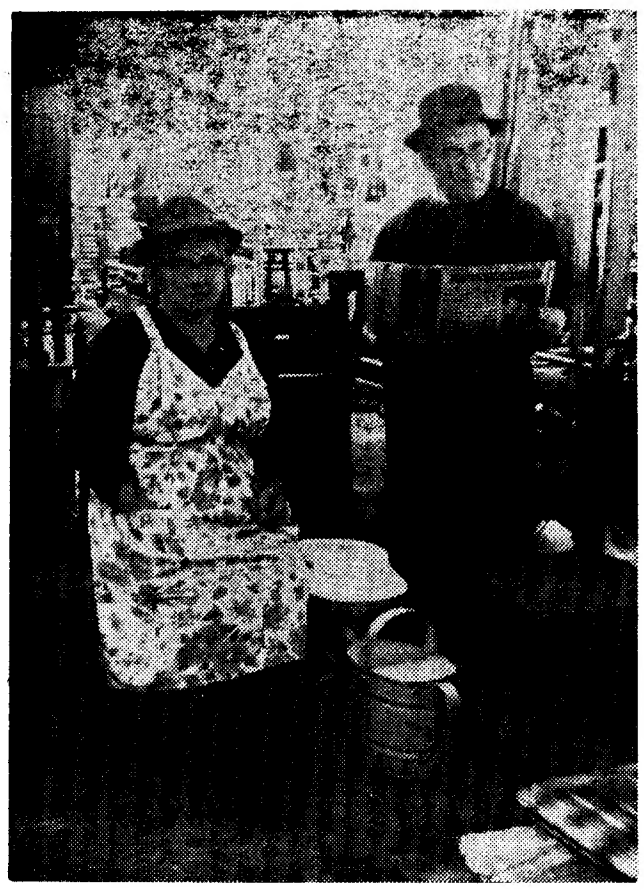
RECEPÇÃO

ALICE VASSALO PEREIRA recomeça hoje a crítica aos trabalhos enviados pelos colaboradores do «Juvenil»

Interrompida durante cerca de três meses pela atenção que os «Prémios Fósforo Ferrero» exigiam, «Recepção» retoma o lugar fundamental que lhe cabe dentro do suplemento juvenil do «Diário de Lisboa»: o de esclarecer, criticar, manter um diálogo vivo com os que nos enviam as suas produções de todos os pontos do país.

FEIRA DA LADRA (CONTINUAÇÃO)

QUANDO SE ESPERA PELOS COMPRADORES



se tudo para a França, Alemanha...

Mais acima o homem das gravatas vai apregoando «gravatinhas para a camisa, braceletes para o relógio!». A Reinadia que também é a Maria d'Alcantara continua.

— Sabem os senhores quem se safa? São esses que vão de feira em feira. Dantes a gente respeitava-se uns aos outros. Agora... basta que um de nós se descuide e pronto! espetam-se logo no nosso lugar e não saem. Eles até puxam pelos casacos das pessoas para ver se lhes compram alguma coisa. Se os senhores ficassem aqui até mais tarde iam ver a quantidade de vendedores ambulantes que aparecem aí. Eles sim, não pagam contribuições e vão-se safando enquanto a gente fica aqui o dia inteiro sem vender nada. Até é preciso pagar um guarda para os afastar.

— Eh lá! A ti Maria de Alcantara vai tirar fotografias!

— Os senhores estão vendo estas camisas novas? Isto são novas. Sabem quanto custam? 45 escudos cada uma. Mas o que é que isto de segunda mão vem fazer aqui? Ninguém compra nada. É igual nos outros lados também. Já ando nisto há 32 anos. Isto já deu, sim senhor.

...O negócio está correndo para pior, a gente sai de casa sem saber o que vamos ganhar

Descemos mais um pouco. Entramos num «pronto-a-vestir», all assim na parte «nova» da Feira.

— Estes fatos são comprados nos armazenistas. A gente faz vários mercados. É verdade, já se anda nisto vai para uns 10 anos mas o negócio está correndo para pior. A gente sai de casa sem saber o que vamos ganhar. Isto é uma vida muito ingrata. É carta jogada á sorte. Quando a gente se joga no Totobola e não ganha... paciência; mas assim numa feira a gente pode ganhar muito num dia e noutro não se fazer nada. Mas os senhores estão vendo, estes fatos são bons e têm bom aspecto mas...

Chegamos agora ao centro do largo. Aqui tudo se confunde na variedade de objectos. Numa barraca dois homens falam do negócio. À volta deles espalha-se toda a riqueza que possuem — riqueza velha e ferrugenta. Ali próximo outro vendedor, camisa folclórica, gestos desmedidos, faz demonstrações com um carro de mão, chamando a atenção dos clientes para a utilidade e bom estado da mercadoria.

O velho de boné e farto bigode, acocorado entre as suas velharias, olha atentamente a cara das pessoas que passam. Passamos, levando connosco o olhar do velho e as vozes que apregoavam a incerteza duma vida construída de sobejos. O sol ainda mais quente tornando roucas as vozes, amolecida a vontade transforma lentamente a feira em brasa viva.

Carlos Lopes Ribeiro—Lisboa, Junho 1969

REGULAMENTO DOS COLABORADORES

1 — O Suplemento Juvenil do «Diário de Lisboa» destina-se a ser colaborado exclusivamente por jovens que dão os primeiros passos na literatura, no ensaio ou nas artes plásticas.

2 — Não solicitamos colaboração. Os nossos leitores com vocação literária não devem esperar por convites. Devem enviar-nos, pura e simplesmente, a sua colaboração, à qual garantimos a maior atenção e o melhor acolhimento.

Direcção: «Diário de Lisboa-Juvenil», Rua Luz Soriano, 44, Lisboa.

3 — Em virtude de o nosso suplemento se organizar com uma certa antecedência, não estranhem os pretendentes a colaboradores não verem trabalhos seus no «Juvenil» referente à semana em que os remeterem.

4 — Não é obrigatório dactilografar a correspondência nem os originais. Basta escrever em letra bem legível.

5 — Os originais devem ser escritos num só lado do papel. Cada poema em sua folha e todos os poemas assinados. Isto é muito importante!

6 — Se houver duas ou mais folhas, estas devem ser numeradas.

7 — Os originais não devem ser demasiado extensos.

8 — Não podemos devolver originais. Aconselhamos os nossos colaboradores a ficarem SEMPRE com uma cópia em seu poder.

9 — Da primeira vez que os Amigos nos escrevem devem enviar nome completo, direcção, profissão e idade.

10 — É permitido o uso de pseudónimo, mas os elementos de identificação atrás mencionados são indispensáveis.

11 — O «Diário de Lisboa-Juvenil» alheia-se completamente das tendências políticas ou crenças religiosas dos seus jovens colaboradores. Ele quer ser o campo em que, pelo amor à Beleza, à Verdade, à Justiça, à Vida, todos os jovens dêem as mãos.

FORAM DE VIAGEM A ESPANHA

Por M. Cristina Viana Ferreira

Sai de casa á tardinha para a igreja vai falar com o padre e levar o que lhe entregaram D. Vera e D. Alda para as crianças do orfanato que são os filhos que nenhuma delas pode ter. Já está velha mas foi bonita tinha até uns olhos doces e quantos homens não quiseram casar com ela? — «Luisinha, meu amor, verá que seremos muito felizes».—está ainda a vê-los um por um pedindo, jurando.

Mas ela foi demorada fez-se esquisita porque isto e ainda é cedo e sou assim e sou assado e eles foram-se sumindo nos braços dalgumas mais fáceis que ela. Foram-se todos com as frases pensadas com os gestos estudados com as outras. E ela era bonita ó se era com uns olhos tão doces.

Foram morrendo os pais os tios e deixaram cá algum dinheiro. Dinheiro que lhe arranjou marido que lhe trouxe para casa um homem reformado de barriga grande e dentes de ouro mas com quem ia ás recepções do Presidente da camara e com quem passeava de braço dado nas noites de Verão. Não era mais uma solteirona era casada tinha um homem não importa qual mas um homem.

Foram de viagem a Espanha, Madrid, Badajoz, ela conhece tudo isso e muito mais e cada dia participa a D. Alda e D. Vera nos chás a que vão.

Foi de lá de Espanha que ele trouxe aquela dor aquele aperto pelas costas abaixo.

Um dia apareceu morto olhos revirados palito entre os dentes a barriga enorme sem se mexer. O médico disse: «Foi do coração». e ela ficou feliz por ter que contar a D. Alda quando se encontrassem e além disso iria receber um cartão assinado pelo Presidente da camara e quem sabe? talvez até aquele ministro que estava o ano passado...

Com ele foram-se os passeios de domingo mas que importa se não se tem de aturar mais aquele cheiro a tabaco que ainda havia de a por doida? E os roncos. E os arrotos. E as tosses. E aquela barriga a subir e a descer a subir e a descer fazendo-lhe as náuseas de quem anda enjoado pelo mar adentro. Nem um filho lhe deixou. Culpa dele que ela foi bonita e bem mulher. Mas ainda bem. Filho dele havia de ter uma barriga assim grande e nem os olhos doces o salvariam.

A casa passou a cheirar a alfazema sem pó nos móveis sem covas nos sofás sem cinzeiros a sua casa outra vez.

Caminhando para a igreja ela vê um rapaz novo esticado prá sua janela mão no coração todo ele boquinhas todo ele por ela ali. «Luisinha meu amor verá que seremos felizes». Esse e tantos outros todos finos delicados sem barriga sem dentes de ouro sem deitar gafanhotos todos presos áqueles olhos tão doces. «Luisinha meu amor»... e ela concede-lhe a graça dum lenço que cai dum sorriso forçado dum olhar vago.

Um olhar vago duns olhos doces...

A caminho da igreja, D. Luisa leva a mão e esconde os óculos entre as pregas do saco.

DIÁLOGO BREVE

por Baião Modesto

Mãe
dois tostões para rebuçados.

Filho
dois sorrisos para a tua esperança.

POR CAUSA DE HOJE

Por Carlos Liz

havia pessoas mas não eram nossas
a avenida era grande
os velhos lá vão indo
a mensagem calara-se na já também
[máquina disfarçada de boca

as palavras eram de amor
hoje são números
nos corpos inconscientemente encontrados
por imposição de hoje.
no interior a repulsa.

caído
como outros
é tarde.
Já não há interior

RECEPÇÃO

Por ALICE VASSALO DA SILVA

LUÍS F. P. (Lisboa) — A lição de António Reis ainda anda por aí muito à vista... No entanto vamos publicar alguns dos teus poemas e espero que para a próxima remessa já tenhas aprendido a escrever a tua própria poesia.

B. F. (Lisboa) — O teu «Cavalo de Papelão» era de um papelão pouco consistente... Bastava um sopro e ele desfazia-se logo... No entanto fiquei com interesse em conhecer mais trabalhos teus. Pelo meio do lugar-comum há, no teu conto, um certo tom coloquial que me agrada. Por isso te peço mais colaboração.

P. FERREIRA (Lisboa) — Vamos lá então à tal conversa que pedes. Os teus poemas pecam, sobretudo, por um hermetismo provocado, artificial. Dizes que desejas **«simplesmente comunicar com os outros»** mas eu não vejo bem como se poderá dar essa comunicação se, por vezes, os teus poemas se enchem de uma literatice bastante penosa de ler. Dou-te apenas um exemplo:

«Na península de cocaína
quem anda como voo desova o cortejo azul de duna»

Com mais um esforço e estaríamos em plena linguagem cabalística. Comunicação? Deste modo?

M.ª A. SANTOS (Porto) — Se ainda não falei dos teus contos é porque a «Recepção» só agora recomeçou — depois das semanas do Concurso Fósforo Ferrero. Esses contos eram um pouco mais fracos, talvez feitos um tanto à pressa, sobre os joelhos.

O conto que li agora já está na linha dos mais antigos e daquele que foi publicado. O que eu gostava, gostava, gostava-mesmo-de-verdade, era que tu não escrevesses só de vez em quando... vamos fazer um contrato? Eu publico este conto e tu mandas nova remessa — de acordo? Manda-me também a tua identificação completa.

V. O. J. (Lisboa) — Realmente tenho recebido muitos trabalhos teus ultimamente. Iremos publicando a pouco e pouco mas espero continuar a receber notícias tuas todas as semanas. Penso que já te disse que os teus poemas são muito diferentes dos anteriores (anterior=antes do concurso). Diferentes como quem diz; mais adultos, mais conscientes, mais evoluídos. Se não falo contigo mais vezes é porque não penso que isso te seja muito necessário. (Só um apontamento: tenho uma preferência muito especial pelo «Texto inaugurando»).

MARIA LUÍS (Lisboa) — As tuas «prosas poéticas» — como lhe chamas — têm inegáveis qualidades mas estão ainda num passo hesitante... Estás ligada a um vocabulário lírico-romântico que logo enfraquece todo o texto «Angústia», «Mãos Inertes», «Cansaço de Viver» — é tudo demasiado vago para poder transmitir qualquer coisa de concreto. Tenta ser mais objectiva e volta a escrever.

ANTÓNIA (Carcavelos) — «Peço-vos que me digam se realmente merecerá a pena eu escrever ou não.» Olha, se queres *realmente* a minha opinião, eu penso que a questão não pode ser posta nestes termos. Se vale a pena tu escreveres ou não, isso é uma questão puramente pessoal. Não podes passar sem escrever? Então escreve. Escreves por passatempo, assim como quem faz palavras cruzadas ou joga á batalha naval? Então não escrevas. Como vês, não tenho nada com isso. Compreende, eu não estou aqui para me erguer em ar de mestre-escola (sem ofensa para os mestres-escolas, é evidente) e com dedo castigador apontar para as pessoas e determinar «tu escreves, tu não escreves mais, tu só escreves daqui a uma semana, tu escreves em dias feriados», etc. Eu só posso avaliar da *qualidade* dos trabalhos que me mandam e então dar a minha opinião sobre eles. Acerca dos poemas que me enviaste posso dizer-te já uma coisa: causaram-me uma impressão danada Então tu, com 17 anos, só vês *pessoas odiosas* à tua frente, sentes-te *velha como nunca*, falas já em *caixões* para onde irás *pra debaixo da terra* (lagarto, lagarto, lagarto!) e ainda por cima sentes-te felicíssima com a ideia?! Bom, cada um tem o direito de ser feliz à sua maneira, mas parece-me que a tua é um bocadinho mórbida de mais! Vamos lá deixar-nos de pieguices românticas, abrir os olhos, ver as coisas como elas são e não nos comovermos demasiado com as nossas desgraças, valeu? Deixa lá os caixões em paz nas agências funerárias, e olha que, bem vistas as coisas, bem vistas as coisas, as pesoas não são tão odiosas como tu pensas...

FERNANDO (Montijo) — Eu também acho que as férias são uma maravilha e quem as inventou deve estar no céu, entre os bem-aventurados... Mas é um assunto tão batido, tão batido, que já não tem ponta por onde se lhe pegue. E então com expressões como «beijos ingénuos», «prova irrefutável do teu amor» e «desculpa ignóbil» à mistura, é que não tem salvação possível. Escolhe outros temas e deixa as férias. Sabes, apanhei uma indigestão com as da condessa de Ségur...

MÁRIO CONTUMÉLIAS (C. Montachique) — Cá vai a crítica, o mais ràpidamente que me foi possível... A respeito da colaboração que mandaste, tu o disseste e bem: «Mando uma prosa (...) que *saiu* e uns poemas que talvez não tenham *acontecido*, aconteceram, não, mas vamos esperar melhores dias. Quanto às *prosas* serão publicadas. E dá notícias.

M. B. (Porto) — Não me parece que os teus poemas tenham progredido muito Esperemos melhores tempos.

N. M.ª CARDOSO G. (P. Arcos) — O teu poema **Divergência** poderia ser um bom poema (ou, pelo menos, um poema publicável) se não lhe tivesses dado o tom demasiado explicativo que ele tem E uma coisa é linguagem de todos os dias, e outra — muito diferente — é linguagem de lugares comuns. E nos teus poemas (sobretudo em **Ambição**) encontram-se ainda muitas palavras desnecessárias: **«o sonho impossível», «dedos trémulos», «pensamentos inconstantes», «mentes ávidas»**. Seria bom arrumá-las, de vez, na prateleira das coisas gastas e não pensar mais nisso. Fico à espera de mais trabalhos teus.

ALDA M.ª O. A. (Lisboa) — Em primeiro lugar não se pode pôr o problema em termos de **«ser difícil entrar para colaborador do Juvenil»**. Podemos falar de **«ser difícil fazer um bom poema ou um bom conto ou um bom desenho»**, nada mais. Esta nova remessa de poemas parece-me nìtidamente melhor do que a anterior embora ainda não me satisfaça completamente. **«Becos escuros», «crianças sujas», «ruas cheias de lixo»** — não achas que tudo isto já está mais que ouvido e já não produz a mínima emoção?

M.ª M. LIMA S. (Vila Franca de Xira) — Tu tens possibilidades de escrever bons poemas se te libertares de algumas imperfeições que por lá aparecem. O poema **«Nascer»**, por exemplo: que necessidade há de o «matar» com aquele final:

«nasci
e não nasci
mas vou crescer mulher
e nascer!...»

Vamos pensar nisto, nesta estranha doença - dos - finais que te ataca quase sempre e, já agora, vamos também limpar aquelas **«teias de aranha / no pó da existência»** que são bastante inestéticas, não te parece? (Um pedido: não escrevas a encarnado que causa muita complicação na tipografia).

M.ª CRISTINA V. F. (Lisboa) — Pronto. Acabou o concurso, acabou o silêncio da «Recepção». A razão foi só esta, como vês. Os teus contos têm melhorado muito, como tu própria já deves ter notado — por isso não me parecia que as minhas palavras fossem assim tão necessárias...

M.ª M. CRAVIDÃO P. (Lisboa) — Tinha muito interesse em ler mais trabalhos teus. Depois te darei uma opinião. (Manda-me a tua identificação completa, sim?)

F. CARMO R. (Lisboa) — Que enorme silêncio foi este, amigo? Gostava de ter notícias tuas mais assiduamente. O poema que mandaste é mais fraco do que os que conheço teus. Como foi isto? Espero mais colaboração.

EDUARDO C. (Oeiras) — O presidente do juri de fotografia do Concurso Fósforo Ferrero foi o Augusto Cabrita. Parece-me que isto responde à tua carta.

ESTA ALEGRIA DE NAS MÃOS SÓ TER DEDOS

(A Joaquim Luís Alves)

por João Rodrigues Martins

Joaquim,
eu faço o que tenho na vontade.
Caminho sobre as águas e canto.
Mas nunca canto de má vontade
e se canto os homens do pão
é porque amo os homens do pão que não têm.
Canto quem amo
quem não amo não canto
e se a minha voz exalta o mar
é porque já conheci o seio do mar.
A terra não é o meu limite e do Céu não sei.
Limita-me só o amor que tenho
e se todas as noites aspiro o odor dum cravo
que tenho numa jarra
e sou feliz
é que pondo um cravo nos lábios de quem dói
afirmo quem é pelo que lhe falta ser.
Não que um cravo dê pão. Nem o canto dá pão.
Eu também tenho só dedos nas mãos.
Mas os meus dedos não embelezam campas de cemitérios.
De verdade meus dedos não colhem flores.
Ortigas, é o que colhem meus dedos.
Acaricio as flores.
E sabe que sou um pouco feliz com o meu cravo
que não colhi.
Como amo o sangue que não derramei.
Infelizmente não nasci para cumprir nada.
Se viajo, tomo o comboio da vida.
Se canto, o canto nasce-me no peito.
Recuso-me a falar na pobreza.
É porque os amo que falo nos homens do vinho
[aguado.
Como falo no mar nas ondas
nas pétalas e nas flores
— que amo.
E não esqueço o suor, Joaquim,
porque já vi as flores.

O CIGANO TAMBÉM TEM COZINHA por António G. Gonçalves

(PRÉMIO FÓSFORO FERRERO)

CURSO DE MATEMÁTICA AVANÇADA

por José A. C. Reis

(1)

2 + 2 + 2 + 2
× 4 × 8 × 16
elevado a 2 × 8 × 2
— 1 que morre
— 1 que matam
— 3 que morrem
(— 3) × 3 × 3
+ outros tantos por dia
× 30 cada mês
× 12 cada ano

é $ que entra
por descuido ou por engano
«licitamente» na caixa

(2)

× 30 cada mês
× 12 cada ano
ninguém sabe se é de frio
ninguém sabe se é de fome
ninguém sabe se é descuido
ou o vento que empurrou
se andaimes mal seguros
ou o vento que empurrou

um a menos é $
«licitamente» p'ro cofre
1 + 1 + 1 + outro
grito atrás doutro grito
2 + 2 + 2 ..... ∞

(à cautela já por isso
se instituiu «o colapso»)
ninguém sabe se é de frio
ninguém sabe se é de fome

A MIMI

por Maria Natália Bravo

é uma boneca com os cabelos amarelos quase brancos e compridos. é esquisito eu estar pra qui a falar de uma boneca loira de cabelos compridos não é eu explico é que a mimi é a minha boneca, a boneca que guarda todos os sonhos-lágrimas da criança que fui, a boneca que eu emprestei á Zarita para também guardar os sonhos-lágrimas dela, mas a minha mãe zangou-se a mãe dela que lhe compre uma ora essa ela tem mais dinheiro do que tu e é por isso que eu estou a falar da mimi é por ela ser uma coisa importante pois se todas as mimis do mundo se personificassem fariam um lindo mundo com os sonhos-lágrimas das crianças.

POEMA OU QUEDA LIVRE

por Jorge Alves da Silva

escassa palavra para o lume
o fogo alastra o corpo os braços
pela fronteira húmida do barro
ou dedos

dia a marcar lento a hora
de sol verificado pela sombra
baixa ou rastro que larga

longo caminho a rua
que nos alarga a casa

(dizer a mão a escrita
poema ou queda livre)

que longo fique o caminho
na escassa palavra que digo
como limite sem perímetro

como se um pátio ou abrigo
largo palavra que escassa
te digo um mapa de rio
aberto em deserto medido

2 POEMAS

de Manuel Ribeiro Santos

O CORPO

quieto se desenvolve uma
só respiração a presença do
volume o início numa véspera e
as mãos e os dedos e os membros
inferiores num movimento circular
a cabeça e os cabelos que a
afirmam o tempo que o inventa no
tempo que o disfarça no tempo em
que se dói penetra junto à dor

A PALAVRA

digo do espaço e da
terra que compreendo as
sílabas queimam a quem as
profere e não bastam as
frases a quem baste parte-se
a solução em ocasos acasos ocasos
e tudo fica mais perto o gesto
da palavra personifica-se no gesto
enche-se uma casa e um jardim de
horas difíceis enfim os elementos de
conversa cresce devagar o silêncio
nas bocas dos pássaros nas asas nascem
sem cessar os nomes que lhes dão

diz-se da morte que se possui um
pouco decepados os braços um
momento de espera murmura-se um
silêncio e uma tristeza simplesmente
do corpo que se desnuda na palavra

estranhas inventam-se nas grutas nas
íntimas rotas das consoantes como se
nascessem da memória ou das águas em
movimento juntas como punhos e duras
como raízes na dureza dos campos são
o ritmo o segredo dos secretos ruídos
antigos especialmente pulsam lúcidas
e reproduzem-se estilhaçadas no verbo

digo do tempo que gera e da
génese do insofrimento que celebra a
palavra sustenta-se no silêncio ditado

LER

por Sérgio Patrão Figueira

1 foi quando as embaixadas
2 abriram escritórios
3 líamos sobretudo revistas
4 com bandeiras e mulheres
5 por que não dizê-lo
6
7 uma vez nos últimos dias
8 entrou o cheiro da rua
9 flores
10 a rapariga fugiu logo
11
12 depois
13 depois as faculdades estão cada vez
14 mais distantes
15 e o tempo de agarrados
16 e o tempo de agarração
17 o amor brincadeira com palavras
18
19 primeiro a economia
20 primeiro para ti hegel
21 muito mal sabias hegel
22 e precisavas bastante de estudar
23
24 provàvelmente casaste
25 com um colega de bigode recurvado
26 que tinha o vício de dizer hilariante
27
28 voltei à biblioteca
29 continua lá o homem
30 que mal falava inglês
31 aos estrangeiros de passagem
32 um emprego sem carreira
33
34 deu-me as boas festas
35 Ah a Páscoa meu amigo

ENSAIO GERAL À INAUGURAÇÃO DO MUNDO

por Vítor de Sousa Ilharco

o meu mundo cercado de paredes e d
ísticos é proibida a entrada a que
m não souber ser poeta

depois construir por dentro das par
edes todos os sonhos que transborda
m do meu peito

dá-me os teus dedos que serão mural
has contra a descrença

dá-me os teus olhos que serão farol
para iluminar a luz

o horizonte do meu mundo não será a
zul terá a cor do cimento ou da m
orte se a morte já tiver cor

AMANHÃ, dia do juízo, INAUGURAÇÃO O
FICIAL.
convidados desde agora todos os que
tiverem fraque ainda que alugado

PROIBIDA A ENTRADA A PÉS DESCALÇOS

nota qualquer pé embrulhado em sap
atos que custem menos de tantos mil
reis será considerado nu